

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

ANAIIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

VOL. VII

DOCUMENTÁRIO ICONOGRÁFICO DE CIDADES
E MONUMENTOS DO BRASIL

AQUARELAS E DESENHOS DE A. NORFINI

TEXTO DE GUSTAVO BARROSO



RIO DE JANEIRO

1953

**DOCUMENTÁRIO ICONOGRÁFICO DE
CIDADES E MONUMENTOS
DO BRASIL**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

ANAIIS DO MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

VOL. VII

DOCUMENTÁRIO ICONOGRÁFICO DE CIDADES
E MONUMENTOS DO BRASIL

AQUARELAS E DESENHOS DE A. NORFINI

TEXTO DE GUSTAVO BARROSO



RIO DE JANEIRO

1953

-MHN
BIBLIOTECA
541 1989

APRESENTAÇÃO

Desde a fundação do Museu Histórico Nacional, em 1922, foi sempre constante preocupação de sua Diretoria a defesa do patrimônio histórico e artístico da nação. Como não existisse no Brasil nenhum órgão oficial encarregado dessa proteção, o Diretor do Museu Histórico, dentro das possibilidades dos serviços a seu cargo, iniciou aquelas providências defensivas, que, dez anos mais tarde, culminariam na criação da Inspetoria de Monumentos Nacionais, primeira repartição pública do país que realizou um trabalho sistemático e eficiente de restauração de monumentos até ser substituída nas suas funções após um lustro de ininterrupta atividade, que salvou da ruína as relíquias de Ouro Preto.

Essas providências do Museu Histórico Nacional começaram pela coleta dum documentário iconográfico sobre a paisagens urbanas, os edifícios civis, religiosos e militares, a torêutica e o mobiliário do nosso passado. Isso levou o Diretor do Museu a adquirir a série de aquarelas e desenhos a lápis e bico de pena do saudoso artista A. Norfini, que dedicara muitos anos de sua vida a visitar os lugares históricos do Brasil, sobretudo os de Minas Gerais, desenhando e pintando igrejas, solares, altares, aspectos gerais e particulares, móveis e pormenores arquitetônicos.

Rodin preferia, segundo o confessa em sua esplêndida obra "Les Cathédrales" o documento saído da mão do homem ao tomado pela máquina fotográfica, porque, se neste sobra a exatidão, falta a vida, a alma que anima o outro e que lhe dá, não só o olho humano, capaz de ver e fixar ângulos que escapam às fotografias, como o próprio gênio do artista que lança sobre seu trabalho um hálito criador. Norfini era um apaixonado de nossas velhas coisas, sentia-as e sabia através do lápis e do pincel manifestar na sua reprodução o seu sentimento.

A coleção de seus belos trabalhos, uma das mais interessantes do cartulário do Museu Histórico Nacional, cujas riquezas documentais são ainda infelizmente pouco conhecidas do grande público, possibilitaram ao mesmo uma exposição admirável em

Lisboa por ocasião das comemorações dos centenários da Fundação e Restauração de Portugal, em 1940. É com ela que se compôs este volume dos "Anais" da Casa do Brasil, acompanhado de notas explicativas do seu Diretor, o qual, sem dúvida, será um de seus mais preciosos volumes.

GUSTAVO BARROSO
(Diretor do M. H. N.)

1 — Claustro do Convento de S. Francisco de Assis. Olinda.

A vila de Olinda, fundada por Duarte Coelho Pereira em 1536, foi, em 1560, aumentada por seu filho Duarte Coelho de Albuquerque. Em 1676, D. Pedro II de Portugal elevou-a à categoria de cidade e a sede de bispado. Os frades fundadores do convento de S. Francisco de Assis chegaram a Olinda em 1585 e começaram logo as obras do mosteiro em terreno doado pela viúva Maria Rosa. Foi o primeiro convento construído no Brasil. Incendiado pelos holandeses no século XVII, reconstruíram-no os franciscanos em 1714. É o mais notável monumento da tradicional e histórica Olinda. Seu claustro apresenta uma feição clássica revestida de singeleza e serenidade. No andar térreo, arcos rebaixados sobre colunas toscanas, que se duplicam nos cantos. No superior, o beiral corrido repousa sobre colútelos. As paredes que formam o fundo, cobrem-se com bica, beira e sub-beira.

2 — Sacristia do Mosteiro de S. Bento. Olinda.

O Mosteiro de S. Bento, construído no século XVIII, é um dos mais belos edifícios coloniais de Olinda. Nêle funcionou até 1854 a tradicional Faculdade de Direito de Pernambuco, criada em 1827. Sua sacristia é uma jóia de estilo barroco-rococó, sendo nela dignas de menção especial os grandes arcazes de jacarandá em puro estilo D. João V. Essas cômodas ventrudas postas à frente de quadros religiosos, ladeiam um altar, cujos emolduramentos se combinam com os da sanca do teto, onde as pinturas se ostentam entre guirlandas e ornamentações douradas.

3 — Vista do Convento de S. Francisco. Olinda.

Aspetto exterior do famoso convento, que domina a falda do morro. No primeiro plano, um cajueiro secular, talvez contemporâneo do último período da época colonial.

4 — Porta principal da igreja de S. Pedro dos Clérigos. Recife.

A cidade do Recife, capital de Pernambuco, data de meados do século XVI. Em 1548, havia ali uma aldeia de pescadores. Em 1561, Duarte Coelho de Albuquerque expulsou os franceses que pretendiam nela se estabelecer. Em 1595, o pirata inglês James Lancaster saqueou-a, sendo,

logo depois, obrigado a retirar-se. Em 1630, quando os holandeses dela se apoderaram, tinha somente 150 casas. O Príncipe Maurício de Nassau nela se estabeleceu e fê-la capital do Brasil holandês, engrandecendo-a. Restituída aos lusos pela capitulação da Campina do Taborda, em 1654, acabou se tornando sede da Capitania no século XVIII, em detrimento da velha capital Olinda, desprestigiada em consequência da chamada Guerra dos Mascates.

A igreja de S. Pedro dos Clérigos é um monumento típico desse período de influência econômica e política. Sita no largo do mesmo nome, foi começada em 1728 e terminada em 1782. Sua portada barroca pura é uma das mais belas jóias arquitetônicas do Brasil. O magnífico templo, hoje muito abandonado, serviu de catedral em 1918. No meio do belo frontão interrompido da portada, vêm-se as armas papais.

5 — Convento de S. Francisco. Vitória. Espírito Santo.

Vitória, sita numa ilha, na linda baía do mesmo nome, sucedeu como capital do Espírito Santo à chamada Vila Velha, que fôra fundada ao pé do alto morro onde se ergue o famoso Convento da Penha. D. João III, pela Carta Régia de 1.º de junho de 1534, doou a Capitania do Espírito Santo a Vasco Fernandes Coutinha, que lhe deu esse nome em memória da data em que ali aportou. O Convento da Ordem Seráfica foi estabelecido ao tempo desse Donatário.

A aquarela mostra a alpendrada da portaria do mosteiro, construído à maneira e gosto do século XVII.

6 — Convento de S. Francisco. Vitória. Espírito Santo.

Aspetto parcial do mosteiro, que tinha uma parte seiscentista e outra setecentista, quando no primeiro quartel deste século se encontrava já arruinado. Hoje desapareceu completamente, tendo sido substituído por uma construção moderna. Assim, este documento iconográfico tem valor inestimável.

7 — Claustro do Convento de S. Bento. Santos. S. Paulo.

Eleva-se o Convento de S. Bento na fralda do morro de seu nome, a cavaleiro da cidade de Santos, fundada por Braz Cubas no ancoradouro que os índios denominavam Induaguaçu, o Pilão Grande, obtendo seu foral em 1545. A fundação do Convento de S. Bento data de 1650, em terrenos doados por Bartolomeu Fernandes Mourão. O edifício atual do mosteiro foi erguido em 1725.

8 — Solar de Megaípe. Pernambuco.

Tipo das chamadas Casas Fortes, variedade do gênero Casas Grandes, onde residiam os senhores de engenho nos latifúndios açucareiros de Pernambuco ou nas grandes propriedades agrícolas e pastoris da Bahia e outras Capitanias do Norte do Brasil. As *casas fortes* com seus torreões ou cubelos de origem peninsular-mourisca destinavam-se, no século XVII, a resistir à indiada bravia e ao invasor herege.

9 — Igreja colonial de Jurujuba. Niterói. Rio de Janeiro.

A enseada de Jurujuba, no chamado Saco de S. Francisco, na margem oriental da baía de Guanabara, denominava-se nos tempos coloniais Piratininga. Havia ali uma povoação de pescadores indígenas, com os quais os franceses de Villegaignon entretiveram constantes relações. Os índios apelidavam-nos, por serem na maioria louros, *aiuruiuba*, papagaios amarelos, do que se originou o termo atual Jurujuba. A pequena igreja colonial ali existente sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição foi erigida em 1716 pelo Padre Manuel Rodrigues.

No primeiro plano, um marco jesuítico de divisão de terras.

10 — Portada posterior da Sé da Bahia.

A cidade do Salvador, a mais antiga do Brasil e sua primeira capital, foi fundada em 1549 pelo primeiro Governador Geral Tomé de Souza nas colinas à margem da baía de Todos os Santos. Havia, antes, em suas imediações, cerca da Barra, a chamada Vila Velha do Pereira, fundada entre 1536 e 1547 pelo primeiro Donatário da Capitania Francisco Pereira Coutinho. Nesta viveu Diogo Alvares o Caramuru, que recebeu Tomé de Souza à sua chegada.

Foi este Governador Geral quem erigiu a capela de palha e taipa que devia servir de Sé. Em 1553, o primeiro Bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha deu princípio à construção da Sé de pedra e cal. Gabriel Soares descreve-a no século XVI. A obra nunca foi concluída, faltando as torres. O edifício obedecia ao estilo do Renascimento, como ainda se vê por este portal. Era um monumento venerável, uma das mais antigas, senão a mais antiga igreja de todo o Brasil. Todavia não a respeitou o vandalismo oficial. Para atender às reclamações duma companhia de bondes, a Municipalidade do Salvador e o Governo do Estado permitiram sua criminosa demolição em 1929. O Governo Federal assistiu ao ato de braços cruzados.

A ornamentação espiralada das molduras laterais da portada trai a influência espanhola do plateresco, mais comum na Bahia do que em outros lugares do Brasil.

11 — Casa do Contratador João Fernandes. Diamantina. Minas Gerais.

Diamantina chamava-se nos tempos coloniais Tijuco. Simples arraial de garimpeiros ao comêço, foi elevada a vila sòmente em 1831. Famosa por suas lavras de diamantes, das quais lhe veio o nome. Essa mineração começou na última década do século XVII. Primeiro ali se procurou ouro. De 1729 em diante, os diamantes principiaram a tomar seu lugar. Em 1735, o Govêrno da Metrópole resolveu que essa mineração se fizesse por meio de contrato ou arrendamento com um particular. Em 1739, o Desembargador João Fernandes de Oliveira e Francisco da Silva organisaram para êsse effeito uma sociedade ou companhia. O primeiro tornou-se célebre pelo luxo de sua vida nababesca e pelos caprichos de sua amante, a famigerada mulata Chica da Silva, antiga escrava do Padre Rolim, para a qual êle não trepidou em construir um lago artificial e um pequeno navio, a fim de que, sem sair daquele longínquo sertão, tivesse a sensação duma viagem por mar. Mais tarde, o contratador João Fernandes, roído de dívidas, morreu louco e na mais extrema miséria, em Lisboa.

Na esquina da casa, em frente ao muro, vê-se curioso *frade* ou poste de madeira, com uma cabeça de monge esculpida. Também se faziam de pedra. Daí a expressão *frade de pedra* para designar êsses marcos, muito comuns nas cidades antigas, como defesas contra as rodas dos veículos, nas esquinas e portões ou como mourões para amarrar cavalgaduras. O que figura nesta aquarela já desapareceu do local, de modo que é êste o único documento hoje de sua existência.

12 — Rua da Quitanda. Diamantina. Minas Gerais.

Rua principal do antigo arraial de mineiros do Tijuco. As casas coloniais ostentam colorido festivo, ao gôsto oriental. Houve um cronista antigo que as comparou, com razão, às de Constantinopla. Êsse curioso aspêto hoje se encontra infelizmente muito modificado, não só as côres desapareceram sob caiações pálidas como os admiráveis balcões e mucharabis foram retirados. Vê-se, pois, o grande valor que representam para o estudo de nossa arte e de nossa vida no passado os aspetos fixados pelo pincel de Norfini.

13 — Aldrabas dos portões do quintal da casa do Contratador João Fernandes. Diamantina. Minas Gerais.

Obras de ferro batido do século XVIII, executadas por artistas locais. Prêsa às volutas rococós da argola, uma águia como punho do martelo de bater.

14 — Casa colonial. Diamantina. Minas Gerais.

Construção da primeira metade do século XVIII. Madeira nos cunhais, ombreiras e pilastras da varanda, que, naturalmente, não passa dum mucharabi, aberto em época mais recente. A projeção das abas do telhado é digna de nota, bem como o aproveitamento do desnível do terreno em esquina, o que permitiu dum lado loja sôbre a rua, do outro a loja em um porão.

15 — Capela do Rosário. Diamantina. Minas Gerais.

Tôda feita de madeira e taipa. Tipo clássico das igrejas da época dos Bandeirantes, que succedeu ao das capelas de palha e precedeu os templos de pedra. A casa paroquial ao lado e a residência de oito portas de frente, que forma esquina, ambas de tacaniça, são edificações do mesmo feitio e mais ou menos da mesma época. O conjunto forma um aspéto colonial típico da arquitetura mineira. Há uma ingenuidade atraente na torre da capela com seu telhado arrebitado à chinesa, coroado por uma grimpa de ferro batido.

16 — Candelabro de prata. Congonhas do Campo. Minas Gerais.

Obra de prateiros portugêses do século XVIII. Tem sete braços, contando com o fuste central, naturalmente por simbolismo. Estilo inglês. Presente de D. Maria II à matriz da cidade.

A paróquia de Congonhas do Campo, na zona aurífera de Minas Gerais, foi criada pelo Alvará de 6 de novembro de 1746. Até 1875, pertenceu ao município de Ouro Preto.

17 — Cama colonial para noivos. Congonhas do Campo. Minas Gerais.

Espalдар de jacarandá lavrado à mão em três medalhões elípticos coroados de cestas de flôres os laterais, de arrecadas e pássaros que se defrontam e beijam o do centro. Estilo D. Maria I.

18 — Portada do Seminário. Congonhas do Campo. Minas Gerais.

Construção leve e encantadora em estilo rococó com grande influência chinesa, aliás muito comum na arquitetura e mobiliário do século XVIII e bastante encontrável em Minas no período colonial.

No frontespício, uma cartela com as armas do Brasil-Reino, coroadas pela coroa imperial brasileira. Como no mesmo frontal se inscreve a data 1844, é possível, se se não trata dum êrro heráldico, tenha então sido por ela substituída a coroa real portugêsa que ali devia estar.

19 — Targa do Santuário. Congonhas do Campo. Minas Gerais.

Chama-se Santuário em Congonhas do Campo a igreja do Bom Jesus de Matosinhos, onde se realizam anualmente, de 8 a 15 de setembro, as, chamadas festas do Jubileu, que atraem romeiros de tôdas as partes. Nas escadarias de acesso ao adro e nos parapeitos dêste, elevam-se as estátuas dos 12 Profetas da Bíblia, esculpidas em pedra-sabão pelo famoso Aleijadinho. A igreja fica num alto e é precedida dum arrampado a cujos lados se erguem capelas com cenas da Paixão, os Passos, cujas figuras em madeira são também obra do mesmo Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. A targa, de pedra talcosa, é datada de 1757, e se encontra no alto da escadaria monumental. Consta duma cartela em forma aproximada de coração, emoldurada de ornatos curvilíneos, de concheados e arrecadas floridas, em puro estilo rococó. Sua epigrafia reza o seguinte: *V. D. Bon Iesu Matusinor. P. P. Bened. XIV. Prim. Hic. Cultus Osut. A. MDCCLVII Ann. R. N. Josepho I. Templum ded. MDCCLXII.*

20 — Santuário. Congonhas do Campo. Minas Gerais.

Vista da igreja do Bom Jesus de Matosinhos, o Santuário de Congonhas do Campo, no alto do morro, em cujas faldas se desenrolam os arruamentos do povoado. Vêm-se, dominando a paisagem, ao lado de palmeiras imperiais, as tôrres sineiras do templo, precedidas de seis cúpulas dos Passos, nos quais se encontram as esculturas em madeira do Aleijadinho.

À meia encosta, com suas tôrres redondas, a igreja.

21 — Fachada da casa do Vigário Pires. Serro. Minas Gerais.

As riquezas auríferas da região do Serro Frio, em Minas Gerais, foram descobertas pelos Bandeirantes, que atingiram aquêles sertões guiados pelo pico do Itambi, em fins do século XVII. Lucas Soares Moreno fundou ali o arraial de Nossa Senhora da Conceição do Serro Frio, criada Vila do Príncipe pelo Governador D. Braz Baltasar da Silveira, a 29 de janeiro de 1714.

O grande penhasco, que se avista de muito longe e foi uma das balisas naturais para o rumo das Bandeiras, era chamado pelos índios Ibituruí e pelos portugêses Serro Frio.

A casa do Vigário Pires de Miranda é uma das mais antigas da cidade. Construção do século XVIII. O Vigário tomou parte saliente na revolução liberal de 1842, capitaneada por Teófilo Otoni, cujo nome foi dado mais tarde à antiga vila do Serro.

22 — Casa do Vigário Pires. Fachada lateral. Serro. Minas Gerais.

Solar colonial típico do interior de Minas do século XVIII ao começo do XIX. Dividido na parte de trás em duas alas com área entre elas. Portão do quintal sob telheiro protetor. A fachada lateral deita sobre a rua da Lapa. Ao fundo, a matriz da cidade, de taipa com cunhais de madeira, frontão quase da altura das torres.

23 — Cama de moça solteira. Minas Gerais.

Espaldar de jacarandá trabalhado à mão. Estilo rococó. Coroamento de cartela com um pássaro e guirlanda floridas. Época de D. José I.

24 — Tronco de escravos, grilhão e cadeira do século XVII. Minas Gerais.

O tronco de ferro com sua chave é o que vulgarmente se denominava *viramundo*. O grilhão com pontas aceradas destinava-se aos escravos fujões. Pôsto na perna impedia-os de correr, pois, se o fizessem, se feririam. O *viramundo* servia para castigos rigorosos, correspondendo ao *cepo uruguaio* dos platinos.

A cadeira, de jacarandá com assento e encosto de couro pregueado, absolutamente simples, é típica dos primeiros tempos da era bandeirante.

25 — Solar antigo. Santa Bárbara. Minas Gerais.

Perto de Santa Bárbara, vila, depois cidade das Minas Gerais, ficavam a famosa mina de ouro do Gongo Soco e o célebre Colégio do Caraça, a riqueza material e a riqueza espiritual da Capitania. Foi elevada a paróquia em 1724. A origem do primitivo arraial remonta a 1700, quando ali chegaram os Bandeirantes paulistas vindos de Catas Altas.

O solar, em cuja porta se vê um candieiro de braço, com seu portão do quintal sob o telheiro típico, foi moradia da família do Conselheiro Afonso Moreira Pena, Ministro na Monarquia e Presidente da República de 1906 a 1909.

26 — Interior da matriz. Santa Bárbara. Minas Gerais.

Apesar de ser uma construção primitiva em relação às outras igrejas mineiras da época do ouro, seu interior é originalíssimo e riquíssimo.

Obras de talha admiráveis. Portas das capelas laterais monumentais com gradeados romanos em vermelho e ouro. Decoração rococó espetacular. Esplêndida balaustrada de jacarandá torncado à mão. Tudo obra do século XVIII.

27 — Casa paroquial. Santa Bárbara. Minas Gerais.

É uma das mais antigas e típicas edificações de Santa Bárbara. De escantilhão ao fundo da matriz de Santo Antônio, começada a construir no ano de 1713. Deve datar de época um pouco posterior. De madeira e taipa com beiral largo. Ao canto, no alto do cunhal, oratório envidraçado, que dá à casa uma graça peculiar e rara.

28 — Oratório da casa paroquial. Santa Bárbara. Minas Gerais.

Pormenor do canto da casa paroquial, vendo-se o lindo oratório rococó envidraçado que coroa o cunhal de madeira e termina num capitel de sustentamento do largo beiral do telhado com bico à chinesa. Este é um documento admirável desse oratório, talvez único no seu feitio e posição em todo o Brasil.

29 — Lâmpada de prata. Santa Bárbara. Minas Gerais.

Obra de prateiros portugueses da segunda metade do século XVIII. Estilo D. João V. Peça de extraordinária originalidade decorativa tanto nas linhas gerais como nos pormenores.

30 — Canto de telhado. Santa Bárbara. Minas Gerais.

Documento arquitetônico precioso e originalíssimo. O beiral do telhado de telhas romanas assenta sobre fôrro de madeira sustentado por cachorros ornamentais. O do canto tem forma de dragão, ficando sua cabeça debaixo da ponta arrebitada e recurva do mesmo canto. Dir-se-ia um *ting* chinês. É manifesta a influência chinesa nêsse pormenor arquitetural.

31 — Cama de solteiro, espelho de fechadura e aldraba de bronze. Santa Bárbara. Minas Gerais.

A cama de feitura ingênua, da época de D. Maria I, é o vulgarmente chamado catre. A fechadura, de ferro batido e da mesma época, é um primor de elegância e graça decorativa. A aldraba, no mesmo estilo do catre, é contemporânea dêle e da fechadura.

32 — Cosinha colonial. S. João do Morro Grande. Minas Gerais.

Vêm-se o forno típico de alvenaria e as panelas torneadas em pedra-sabão, ainda hoje usadas no interior mineiro, sobretudo para o preparo do arroz. Pendentes do teto, os paus de pendurar linguças. A vastíssima cosinha, com seu monumental fogão de tijolo e chapa de ferro, para lenha, fica na parte inferior da moradia e desta se desce para ela por uma escada de balaustrada torneada que se vê ao fundo.

A vila de S. João do Morro Grande foi fundada pelos Bandeirantes no século XVIII. Sua elevação a paróquia data de 1752. Chama-se hoje oficialmente Barão de Cocais.

33 — Pátio da casa paroquial. S. João do Morro Grande. Minas Gerais.

A casa, por trás da matriz, deita para um grande pátio interno com larga alpendrada corrida de beiral saliente, com os cantos recurvos à chinesa. A edificação data da segunda metade do século XVIII.

34 — Matriz de S. João do Morro Grande. Minas Gerais.

Monumento religioso típico do século XVIII no interior mineiro. Estilo barroco-rococó. Portada ornamental de pedra-sabão azul-verde. Torres sineiras originalíssimas, com a parte superior cilíndrica repousando sobre a inferior quadrada e posta de escantilhão. Chinesice nos telhados. Na fachada principal, o mesmo partido arquitetural das igrejas mineiras da época: duas janelas ao alto e uma porta em baixo, formando um triângulo invertido.

35 — Matriz de Caeté. Minas Gerais.

Está sob a invocação de Nossa Senhora do Bom Sucesso. Construída em virtude duma promessa do Padre Henrique Pereira, vítima duma calúnia e por isso prêso pela Inquisição. Verificada a sua inocência, o sacerdote começou a construção do templo em 1764, inaugurando-o em 1765. A planta veio de Portugal. É um dos maiores, mais interessantes e belos templos do ciclo do ouro em Minas Gerais.

36 — Lavabo da sacristia da matriz de Caeté. Minas Gerais.

Obra em pedra-sabão azul-verde do século XVIII. Estilo barroco-rococó. A água jorra na bacia de dois golfinhos entrelaçados, motivo ornamental bastante comum em lavabos, fontes e chafarizes da época.

37 — Matriz de Caeté. Minas Gerais.

Vista da fachada principal, que escapa ao partido arquitetural das igrejas mineiras por ter três janelas ao invés de duas sobre a porta monumental. As torres, quadradas até a cimalha da fachada, acima desta são chanfradas, o que as aligeira e lhes dá graça. Na perspectiva lateral, vêm-se admiravelmente os vários corpos da edificação. O óculo da capela-mor é admirável por sua ousadia, riqueza e originalidade.

38 — Óculo da capela-mor da matriz de Caeté. Minas Gerais.

Pormenor arquitetural típico da fantasiosa riqueza do estilo barroco-rococó das igrejas mineiras. No coroamento clássico, o fecho é a concha estilizada. As volutas inferiores, conjugadas em berço, dão uma graça muito especial ao conjunto.

39 — Lavabo da sacristia da matriz de Caeté. Minas Gerais.

O mesmo da aquarela sob o nº. 36 anterior. Mede na maior largura, no suporte da bacia, 1,m 80 e na maior altura, da extremidade da saia à cruz do coroamento 3,m 80. Estas proporções lhe dão uma rara beleza.

40 — Mesa de pedra — Matriz de Caeté. Minas Gerais.

Acha-se na sacristia, servindo para nela se collocarem coisas bentas. De pedra-sabão azul-verde. Trabalho admirável de escultura do século XVIII. Contraste interessante entre a parte curva da bacia e o suporte sobre linhas retas e curvas conjugadas com arte, brotando dum repolhu-do florão de acantos.

41 — Ruínas dum solar. Caeté. Minas Gerais.

Das mais antigas edificações locais. Data do início do século XVIII, sendo contemporâneo do primitivo arraial de mineração. A notar as finas arrecadas nos umbrais da porta principal.

42 — Igreja de S. Francisco de Assis. Caeté. Minas Gerais.

Segundo o historiador Southey, os fundadores de Caeté foram os paulistas de Santos Sargento-mor Vardes e os irmãos Guerra. Opina Monsenhor Pizarro que o primeiro povoador dêsse arraial de minerado-

res foi o descobridor das lavras de ouro da região, em 1701, Leonardo Nardez. Decerto Southey confundiu Nardez com Vardes.

A igreja de S. Francisco de Assis, anterior a matriz, conforme se vê do desenho, de face e lateralmente, é parenta da de Nossa Senhora do O' de Sabará. Ambas mostram nos telhados a influência chinesa. De taipa e cunhais de madeira, esta igreja é típica das primeiras construções bandeirantes. Ela e as que se lhe assemelham marcam o primeiro desenvolvimento dos arraiais de mineiros. Mais tarde, o afluxo de população aos mesmos e o aumento da riqueza permitiram a elevação dos monumentos religiosos de alvenaria e cantaria, recheados de obra de talha. Todavia em muitas dessas igrejas primitivas existem admiráveis obras de talha cobertas de ouro.

A notar as cruzes nas paredes externas da igreja, marcando as estações do Calvário ou Passos, em que se detinha a procissão respectiva para os atos litúrgicos. Em outras igrejas, como na de S. João do Morro Grande, êsses Passos eram marcados com cruzes de pedra nos parapeitos dos adros.

43 — Pia de água-benta da matriz de Caeté. Minas Gerais.

São duas. Rodeiam a parte inferior das pilastras que sustentam o côro sôbre a nave da igreja. Concepção originalíssima. Em pedra serpentina verde. Esculpida em estrias e folhagens.

44 — Vista geral de Caeté. Minas Gerais.

Aspetto típico das velhas cidades mineiras. A cavaleiro do rio das Velhas, a matriz monumental dominando no alto da colina o casario esparso entre os quintalejos verdes. Mais perto da água, na parte baixa, na várzea, a velha igreja de S. Francisco de Assis, marcando o sítio do primitivo arraial bandeirante.

45 — Mobiliário colonial. Caeté. Minas Gerais.

Cadeira de fins do século XVII a comêço do século XVIII. Assento e encôsto alto de couro liso. Armação de jacarandá negro torneado à mão em espirais.

Mesa de jantar do século XVIII em jacarandá rosa com seis pés curvilíneos. Época de D. João V. Estilisação simplíssima. A elegância das linhas dispensa a decoração rococó do estilo.

46 — Vestíbulo de solar. Sabará. Minas Gerais.

Os Bandeirantes paulistas exploraram o terreno chamado do Sabará-buçú em 1696. Manuel Borba Gato assentou ali o seu arraial em 1700.

A Vila Real do Sabará foi criada em 1711. Tornou-se no século XVIII uma das metrópoles do ouro das Minas Gerais. Com a riqueza, encheu-se de templos e solares admiráveis. Esse átrio com sua amplitude, a escadaria nobre ao fundo, abalaustrada de jacarandá florido de relevos, demonstra qual foi o fausto das residências particulares nessa tradicional cidade.

47 — O rio das Velhas. Sabará. Minas Gerais.

O rio das Velhas nasce na chamada serra de Antônio Pereira, é afluente da margem direita do S. Francisco. Foi um dos caminhos de penetração das bandeiras nos sertões de Minas Gerais. Extremamente aurífero, banha Caeté e Sabará.

48 — Casa colonial. Sabará. Minas Gerais.

Tipo de casa semi-abastada do século XVIII. Beiral simples. Chamava-se de três portas ou de uma morada. Adufas ou urupemas, isto é, rótulas mouriscas nas janelas. O pormenor mostra a singela estilização duma bandeira, inspirada nos balaústres, que se tornam recortados e vãos para se aligeirarem.

49 — Chafariz do Rosário. Sabará. Minas Gerais.

Ao pé da igreja inconclusa do Rosário. Obra de alvenaria do século XVIII. Estilo barroco-rococó. Frontespício largamente rasgado e coroado por uma cruz de pedra. Brasonado com a coroa real em alto-relêvo. Contrafortes utilizados com pináculos. A água jorra por duas carrancas.

50 — Chafariz do Kaquende. Sabará. Minas Gerais.

É o mais interessante chafariz da época colonial em Sabará. Mais singelo e harmonioso do que o do Rosário. Com cartela heráldica. Foi construído em 1757. A cruz perdeu a travessa. Duas bicas em forma de mamas. Grande bacia de pedra.

51 — Chafariz do Kaquende. Sabará. Minas Gerais.

O desenho aponta pormenores que se não notam na aquarela anterior. O nome Kaquende, de origem e sabor africanos, foi posto ao lugar pela escravaria negra ao tempo da mineração.

52 — Igreja de S. Francisco de Assis. Sabará. Minas Gerais.

A mais alta da cidade sôbre elevado morro que a domina. Relativamente pobre e com pouca ornamentação. Construção da segunda metade do século XVIII. Frontespício muito erguido e espetacular entre tórres, nas quais se nota a influência das primitivas igrejas bandeirantes. A portada monumental forma triângulo com as duas grande janelas de sacada do côro; mas as frestas e janelas das bases das tórres desfazem até certo ponto êsse partido arquitetural.

53 — Sobrado antigo. Sabará. Minas Gerais.

Conhecido como o sobrado da viúva Calu. Beirais singelos e salientes com forros de tábuas, cachorros e cantos à chinesa. Porta larga entre dois pares de janelas no pavimento térreo. Cinco sacadas com balaústres no primeiro andar. Construção do século XVIII.

54 — Igreja de Santa Rita. Sabará. Minas Gerais.

De madeira e taipa. Contemporânea das primeiras edificações bandeirantes do século XVIII. Interior profusa e ricamente decorado. Obra de talha suntuosa. Cariátides sustendo os laterais do côro. Portas chinesas na capela-mor. Painéis chineses na capela do Santíssimo Sacramento. Serve de matriz à cidade.

55 — Igreja de Nossa Senhora do O'. Sabará. Minas Gerais.

Levantada pelos Bandeirantes em 1713. Madeira e taipa. Assemelha-se à de S. Francisco de Assis de Caeté. Interior profusamente decorado e dourado. Foi a primeira matriz da cidade.

Os pormenores do desenho mostram na janela do meio da fachada a feliz combinação dos balaústres de jacarandá com torcados diversos e a disposição original das almofadas da porta principal.

56 — Interior da igreja de Nossa Senhora do O'. Sabará. Minas Gerais.

Torêutica típica do século XVIII. De grande riqueza. Ouro e vermelho. Os tremós da capela-mor e as paredes da nave apresentam cenas da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja pintura se acha desbotada pelo tempo. Aos lados do arco cruzeiro, painéis octogonais fingindo lacas chinesas. Teto artezado e abaulado. O efeito do conjunto, apesar do pequeno tamanho do templo, é deslumbrante.

Na sacristia, há um quadro interessante oferecido a 29 de dezembro 1720 pelo Capitão-mor Lucas Ribeiro de Almeida como ex-voto à padroeira da igreja por ter escapado ileso a uma agressão dos famosos dragões das Minas.

57 — Igreja do Rosário. Sabará. Minas Gerais

Grande construção de alvenaria de pedra iniciada na primeira década do século XIX, inconclusa e abandonada. Dentro dos seus muros ergueram uma capela provisória, onde se diz missa. As escadarias curvilíneas do adro, que é elevado, são de belo efeito.

58 — Igreja do Carmo. Sabará. Minas Gerais.

Construída em 1773. O templo mais perfeito e importante da cidade. Toda a sua parte interna, do arco cruzeiro para baixo, é obra do Aleijadinho. Nos púlpitos em madeira, baixos-relevos representando a Samaritana e o Rico Avarento. No teto, em pintura, Santo Elias arrebatado ao céu. Portada monumental, verga das janelas da fachada principal e coroamento do frontespício em pedra-sabão azul-verde espetacularmente decorativos. Influência chinesa nos beirais do telhado e das cimalhas. Tórres quadradas e atarracadas.

59 — Marco antigo. Sabará. Minas Gerais.

De pedra: 0m, 95 — 0m,30 — 1m,70. Ao lado da igreja do Carmo. Com a inscrição: Sabará e algarismos quase ilegíveis, destacando-se melhor um 8. Devia marcar distâncias.

60 — Balaústres, fechadura e aldraba. Sabará. Minas Gerais.

Os balaústres de jacarandá esculpado, de grande beleza e riqueza, em estilo rococó, pertencem às grades da igreja do Carmo.

A fechadura de ferro batido e a aldraba de bronze são iguais às que figuram no n. 31, provenientes de Santa Bárbara.

61 — Balaústres. Sabará. Minas Gerais.

Balaústres do século XVIII, de jacarandá torneado à mão, numa casa antiga de Sabará.

62 — Pia batismal. Sé de Mariana. Minas Gerais.

Admirável peça de escultura do século XVIII, em pedra-sabão. O tampo, no mesmo estilo, é de madeira pintada na côr da mesma pedra.

63 — Chafariz do Largo da Independência. Mariana. Minas Gerais.

A cidade de Mariana fica à margem do famoso Ribeirão do Carmo, o mesmo Tripuí que passa em Ouro Preto. Nêle os Bandeirantes paulistas encontraram abundância de ouro em fins do século XVII. O arraial do Ribeirão do Carmo por êles ali fundado foi elevado a vila pelo Governador da Capitania, Antônio de Albuquerque, em 1711. Esta foi instalada em 1712. A Carta Régia de 31 de outubro do mesmo ano, deu-lhe o nome de Leal Vila de Nossa Senhora do Carmo, em substituição ao que teve antes: Vila do Carmo de Albuquerque. A Carta Régia de 23 de abril de 1745 tornou a vila cidade com o nome de Mariana, em honra de D. Mariana Vitória, espôsa de D. José I. O primeiro bandeirante a chegar nesse lugar foi o taubateano Manuel Garcia, em 1699. Mais tarde, outro paulista, João Lopes de Lima, povoou o arraial. Mariana é a pátria de Cláudio Manuel da Costa e do Marquês de Barbacena.

O Chafariz da Independência, apesar do seu estilo setecentista, foi construído em 1810, conforme diz a data inscrita sob o brasão coroado. Eleva-se ao lado do antigo Paço do Conde de Assumar.

64 — O Aljube — Mariana. Minas Gerais.

O edifício civil mais interessante, harmonioso e típico do século XVIII em Minas Gerais é sem dúvida, o chamado Aljube de Mariana, situado ao fundo da catedral. Denominavam-se aljubes outrora as prisões de eclesiásticos. Apesar de ser assim conhecido, não se tem absoluta certeza histórica de ter êsse prédio servido para tal fim. Nêle funciona a cúria do arcebispo.

Sua fachada tem cinco belas sacadas no primeiro andar e três janelas gradeadas, alternando com duas portas, no pavimento térreo. Sobre a cimalha, beiral corrido. Pilastras com capitéis ornamentais nos cunhais. Cartela religiosa ao centro da cimalha.

65 — Liteira do Arcebispo. Mariana. Minas Gerais.

O Bispado de Mariana foi criado pela bula *Condor Lucis* de 6 de dezembro de 1745, sendo seu primeiro bispo D. Frei Manuel da Cruz, que veio por terra do Maranhão, onde se encontrava.

A liteira reproduzida no desenho, viatura típica do interior mineiro do século XVIII ao XIX, serviu aos Bispos e, depois, aos Arce-

bispos de Mariana para suas viagens pastorais. O último que a usou foi D. Silvestre Gomes Pimenta, falecido em 1922. Acha-se recolhida ao Museu da Inconfidência.

66 — Mobiliário colonial. Mariana. Minas Gerais.

Arca para guardar paramentos. Dimensões: 1m,08 — 1m,20. De ximbó com ferragens do século XVIII. Trabalho singelo e gracioso de fins do mesmo século ou começo do XIX. Decoração losangular. Pertenceu à sacristia da Sé. Encontra-se hoje no Museu Histórico Nacional.

Armário para missais e livros religiosos de vários tamanhos. Obra do século XVIII. Pintado a côres. Pertenceu à sacristia da mesma Sé. Passou, depois, à coleção José Mariano.

67 — Mobiliário colonial. Mariana. Minas Gerais.

Mesa de jacarandá estilo D. João V, de grande elegância de linhas. Pertenceu ao sr. Artur J. Bensusan, diretor da Mina da Passagem.

Cadeira de canto, de jacarandá, no mesmo estilo, notável pela assimetria harmoniosa das suas curvas conjugadas. Pertenceu à Viúva Novais, de Mariana.

68 — Balaústres das grades da Sé de Mariana. Minas Gerais.

De jacarandá torneado à mão, em fusos, jarros e bolachas. São dos mais belos existentes no Brasil.

69 — Colégio das Freiras. Mariana. Minas Gerais.

Casarão colonial típico do começo do século XIX. O colégio é mantido pelas Irmãs da Divina Providência.

Ao fundo, a igreja de S. Pedro.

70 — Vara de rêde. Mariana. Minas Gerais.

A rêde, servindo como palanquim, atravessada num pau, foi grandemente estilizada nas viagens das pessoas de certa categoria, nos tempos coloniais. O luxo das varas ou paus de rêde denunciava a riqueza ou importância do viajante.

Esta vara, que mede 3m.,67 e data de 1750, é de cana-da-índia com pontas ornamentadas e malaguetas ou tornos, em que se prendiam os punhos da rêde, de marfim, torneados em bilros. Pertenceu à coleção do sr. Paulino Batista Santos em Mariana.

71 — Casa em ruína. Mariana. Minas Gerais.

Residência urbana típica do século XVIII. Casa das chamadas de duas moradas. Porta entre dois pares de janelas no pavimento térreo. Cinco sacadas com balcões de ferro no primeiro andar. Beiral corrido, forrado de tábuas, sobre cachorros. Estrutura de taipa. Rótulas mouriscas, adufas ou urupemas nas janelas com bandeiras de torneados. Em abandono no ano de 1921 na ladeira de S. Francisco de Assis.

72 — Cadeirinha de arruar. Mariana. Minas Gerais.

Época de D. João V. Influência chinesa manifesta no tejadilho, nos recortes e nas cabeças de dragão do varal. Data de 1818. Serviu algum tempo para carregar anjinhos nas procissões. Encontra-se no Museu Histórico Nacional.

73 — Porta lateral da igreja de S. Francisco de Assis. Mariana. Minas Gerais.

O risco da igreja é de José Lopes Pereira da Rocha em 1762. A construção foi contratada por 41 mil cruzados e terminou em 1763. No tecto da nave, há um painel do Dilúvio pintado pelo famoso Manuel da Costa Ataíde. Ao mesmo se atribui o risco desta porta, que é uma maravilha de marcenaria rococó.

74 — Púlpito e janela com poiais. Mariana. Minas Gerais.

O púlpito, finamente esculpado em pedra-sabão no estilo rococó acha-se na igreja de S. Francisco de Assis.

A janela é da sacristia. Os poiais ou bancos de conversar tomam a largura da espessa parede em que se abriu a janela, formando um recanto iluminado e tranqüilo.

75 — Gargalheira e tronco para escravos. Mariana. Minas Gerais.

A gargalheira com haste e chocalho destinava-se aos escravos fujões e ladrões. Pertenceu à Companhia Inglesa da Mina da Passagem.

O tronco, da mesma companhia, pesa meia arroba, 7 1/2 quilos, prendia pela cintura, obrigando o supliciado a permanecer sentado. Chamava-se vulgarmente o Pega.

76 — Brasão de madeira. Mariana. Minas Gerais.

Com as armas da família Fraga e a data de 1753. Em balona, numa cartela setecentista. Elmo de cavaleiro com a cruz da Ordem de Cristo.

Encimava o portão da fazenda do Padre Fraga, em Bento Rodrigues, distrito de Mariana. Esculpido à mão, com a parte inferior danificada pela umidade. Foi da coleção do sr. Paulino Batista Santos. Acha-se hoje no Museu Histórico Nacional.

77 — Igreja do Rosário .Ouro Preto. Minas Gerais.

Projeto do arquiteto português Antônio Ferreira de Souza Calheiros em 1780, todo êle em linhas curvas, com dois notabilíssimos arcos cruzeiros, que acompanham as curvas da nave na galilé e na capela-mor. Estilo barroco de elegância e sobriedade incomparáveis. Pinturas semelhantes às de Manuel da Costa Ataíde na igreja de S. Francisco de Assis, em Mariana. Levantada no local duma capela que datava de 1709. A Irmandade do Rosário zeladora do templo era outrora composta de pretos, que elegiam o chamado Imperador do Divino. A coroa e o cetro dêste encontram-se no Museu Histórico Nacional.

78 — Igreja do Rosário. Ouro Preto. Minas Gerais.

O desenho salienta admiravelmente as linhas curvas do templo. Há dois com essa mesma planta em Minas Gerais: o do Rosário em Ouro Preto e o de S. Pedro em Mariana.

Deve-se a construção dêsse belo e majestoso templo, em grande parte, senão totalmente, aos humildes escravos da mineração, que, para isso, davam o ouro que podiam adquirir trabalhando além das horas a que eram obrigados.

A galilé da igreja era fechada por grades e sarrafos de madeira. Em 1928, o Dr. Gustavo Barros, por conta do Govêrno de Minas, restaurou a igreja e pôs nesses arcos grades de ferro no estilo próprio da época.

79 — Vestíbulo da Casa dos Contos. Ouro Preto. Minas Gerais.

Escadaria em pedra do Itacolomi. Corrimão e munhão ornamental em pedra talcosa ou pedra-sabão clara. O vestíbulo tem uma serena nobreza que o torna impar nos exemplares da arquitetura colonial em Minas. A Casa dos Contos foi cuidadosamente restaurada sob a direção do Dr. Gustavo Barroso de 1928 a 1929.

80 — Casa dos Contos. Ouro Preto. Minas Gerais.

Chamava-se Casa dos Contos ou Casa da Fundição a repartição onde os mineradores entregavam o ouro colhido para ser pesado, fundido em barras, carimbado, registrado, contado e descontado dos quintos devidos à Fazenda Pública. A de Ouro Preto, no século XVIII, funcionou nêste

grande e belo solar urbano, sito à entrada da ponte de S. José. Daí o nome que também lhe foi dado de Casa da Ponte. Ao fundo, vê-se o chafariz denominado dos Contos por estar no largo para que deita sua fachada lateral. A ponte ainda apresenta no desenho o alto gradil de ferro pôsto na segunda metade do século XIX, retirado quando a Inspetoria de Monumentos Nacionais restaurou Ouro Preto em 1936. Hoje ela se apresenta com sua feição primitiva: guarda-peito, banco e cruz de pedra do Itacolomi.

Projeto de Antônio Ferreira de Souza Calheiros, o mesmo arquiteto da igreja do Rosário. A fachada distingue-se pela abundância da cantaria e a nobreza das linhas. Terminado na última década do século XVIII para moradia do Contratador João Rodrigues de Macedo, achando-se este em alcance com o Fisco, entregou-a por aluguel em 1808 à Junta da Real Fazenda. Esta adjudicou o prédio definitivamente em 1803, tornando-o sede da Administração dos Contratos e Dízimos das Minas de Ouro. Construíram-se, então, os fornos de fundição na parte baixa e posterior. Nêles estiveram presos alguns dos Inconfidentes, se iniciou o processo da conspiração e se suicidou Cláudio Manuel da Costa.

Serve atualmente de agência dos Correios e Telégrafos.

81 — Chafariz dos Contos. Ouro Preto. Minas Gerais.

O mais belo chafariz colonial de todo o Brasil. Estilo barroco-rococó. Composição original. Construído em 1760. Restaurado de 1935 a 1936 pela Inspetoria dos Monumentos Nacionais, que rebaixou o nível do calçamento que afogava sua parte inferior, como se vê no desenho, e repôs o seu grande tanque de pedra do Itacolomi. Lê-se no frontespício esta inscrição: IS QUAE POTATUM COLE GENS PLENO ORE SENATUM SECURI UT SITIS NAM FACIT ILLE SITIS.

82 — Banco da Casa dos Contos. Ouro Preto. Minas Gerais.

De sucupira. Estilo D. João V. Com quatro largos assentos de belíssimos encostos, formava canto na sala principal da Casa dos Contos. Metade se encontra no Museu Histórico Nacional e metade no Museu da Inconfidência.

83 — Oratório de esquina. Ouro Preto. Minas Gerais.

Documento talvez único da existência dêsse admirável oratório colonial em Ouro Preto. Ficava na esquina dum sobrado de balcão e beiral corrido com um lampião, cuja corda estava prêsa, para ninguém o poder arriar, em pequeno cofre embutido na parede, como se vê no desenho. A casa fica logo atrás da matriz de Antônio Dias e se manteve com êsse curioso aspeto enquanto ali morou o sr. José Pombo, funcio-

nário aposentado. Os que lhe sucederam destruíram tudo: o balcão, o beiral e o oratório. *Quod non fecerunt barbari fecit Barberini.*

84 — Ponte de Antônio Dias. Ouro Preto. Minas Gerais.

Também chamada ponte de Dirceu e ponte de Marília. Liga o bairro de Antônio Dias ao largo fronteiro à antiga casa de Marília por cima do córrego Tripuí. Construída em 1785. São dignas de nota as suas *conversadeiras*, bancos circulares na parte central. Arcos romanos.

85 — Púlpito da igreja de S. Francisco de Assis. Ouro Preto. Minas Gerais.

Bloco de pedra-sabão admiravelmente esculpado em estilo barroco-rococó. Obra atribuída a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, o mais famoso artista mineiro do período colonial, que, deformado e mutilado por cruel enfermidade, trabalhava com o cinzel e o malho amarrados nos pulsos.

86 — Ponte da rua do Pilar. Ouro Preto. Minas Gerais.

Obra do século XVIII, com cruz e banco ou conversadeira. A notar a cabeça de anjo no supedâneo da cruz. Restaurada de 1935 a 1936 pela Inspetoria de Monumentos Nacionais. Toda em pedra do Itacolomi.

A rua do Pilar leva dum lado à Matriz, do outro à igreja do Rosário. Fica na parte mais baixa da cidade.

87 — Igreja de S. Francisco de Assis. Ouro Preto. Minas Gerais.

Projeto atribuído a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, autor do esplêndido pórtico da fachada, em cujo medalhão o Santo de Assis recebe os estigmas da Paixão do Senhor. Construída de 1766 a 1794 por mestre Domingos Moreira de Oliveira. Restaurada cuidadosamente em 1937 pela Inspetoria de Monumentos Nacionais sob a direção do Dr. Gustavo Barroso.

Na opinião de alguns críticos, é o mais belo templo colonial de Minas Gerais. As esculturas da portada são de pedra-sabão esverdeada. No teto da nave, o pintor Manuel da Costa Ataíde representou a glorificação da Virgem Maria. Obras de talha em madeira e de escultura em pedra talcosa no interior devidas ao Aleijadinho e a João Batista de Figueiredo. Tôrres cilíndricas um tanto afastadas para trás, a fim de fazer sobressair o avanço da fachada monumental.

As árvores que no desenho figuram no ádro não existem mais.

88 — Costumes coloniais. O padeiro. Ouro Preto. Minas Gerais.

Ouro Preto, considerada Monumento Nacional, conserva, não só o aspecto colonial, como alguns costumes antigos. Seus padeiros continuam a distribuir o pão da manhã como no século XVIII, em barricas carregadas por um burro ou um cavalo com peitoral de chocalhos, cujo tinido os anunciam de longe.

89 — Casa dos Inconfidentes. Ouro Preto. Minas Gerais.

Fazenda antiga no morro do Cruzeiro, onde se reuniam e confabulavam os Inconfidentes. Construção rural típica do século XVIII, de taipa e madeira, com varandal à frente.

90 — Vista de Ouro Preto. Minas Gerais.

Tirada do alto da rua de S. José. Vê-se em baixo a matriz de Nossa Senhora do Pilar, em cujo largo foi esquartejado Filipe dos Santos por ordem do Conde de Assumar, após a rebelião de 1720. Ao fundo, o Alto da Fôrça, onde se erguia o patíbulo, antes do Itacolomi, pico agudo de pedra, ao lado do qual há um penhasco menor. Era êsse monte a balisa que guiou as primeiras bandeiras em seu temerário avanço para os sertões auríferos.

91 — Pormenores arquiteturais. Ouro Preto. Minas Gerais.

Aldraba em forma de cão e fechadura com cruz de Malta, do século XVIII, em ferro batido. Estilização local.

Porta com almofadas de embono, na qual se encontram a fechadura e a aldraba, abrindo sôbre degraus de pedra.

Sacada de pedra com balaustres de ferro.

Tudo do velho solar ouropretano do Coronel Malheiro.

92 — Capela do Paço dos Governadores. Ouro Preto. Minas Gerais.

O Paço dos Governadores da Capitania das Minas Gerais foi construído em 1738 sôbre os baluartes duma fortaleza do sistema Vauban, na parte mais alta da cidade. Antes os Governadores residiam em Mariana, no velho Paço ao pé da igreja de S. Francisco de Assis ou no próprio Quartel dos Dragões, em Cachoeira do Campo. Quando vinham a Ouro Preto, se aposentavam em residências particulares ou num dos sobradões do lado direito da praça fronteira à Cadeia.

A entrada da capela fica do lado da chamada Rua Nova, com um lance de escadaria que morre sôbre o bastião, cuja guarita se vê ao canto. No Paço dos Governadores funciona atualmente a Escola de Minas.

93 — Mobiliário colonial. Ouro Preto. Minas Gerais.

Mesa e contador de fins do século XVII em jacarandá negro torneado à mão. Estilo do Renascimento português na época dos Filipes até D. João IV. A êsses móveis o povo denomina dos *pés de bolacha* por causa dos grandes discos dos torneados.

94 — Pedra pequena do Itacolomi. Ouro Preto. Minas Gerais.

O pico do Itacolomi tem 1.133 metros de altitude. Dêlc se avista o pico de Itabira. Serviam ambos de balisa aos Bandeirantes que penetravam o sertão. Itacolomi em língua tupi quer dizer Pedra do Caboclinho ou Pedra do Menino. Junto à pedra grande do pico pròpriamente dito, há uma pedra pequena com perfil humano. Diz a lenda que outrora uma índia fugindo dos Bandeirantes caçadores de escravos, com o filho pequenino, implorou no alto da serra sua salvação a Tupã e êste metamorfoseou ambos naquelas duas pedras: a mãe, na grande; o caboclinho, na pequena.

95 — Chafariz de Antônio Dias. Ouro Preto. Minas Gerais.

Chafariz típico de fins do século XVIII. Restaurado de 1935 a 1936 pela Inspetoria de Monumentos Nacionais. Fica quase em frente à casa de Cláudio Manuel da Costa, na ladeira que leva à matriz de Antônio Dias. Foi construído em 1752 e tem linhas clássicas apreciáveis.

96 — Chafariz do largo de Dirceu. Ouro Preto. Minas Gerais.

Um dos mais belos chafarizes coloniais da época da mineração. Com janelas laterais fingidas. Quatro carrancas para os jorros de água. Obra da segunda metade do século XVIII. Restaurado de 1935 a 1936 pela Inspetoria de Monumentos Nacionais.

Por trás do chafariz, um casarão colonial. Mais ao fundo, a casa de Marília, criminosamente destruída em 1928. No seu lugar, ergue-se hoje a Escola Normal de Ouro Preto.

D. Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, a Marília dos versos arcadianos do Inconfidente Tomás Antônio Gonzaga e sua noiva, residia nêsse velho solar com seu tio, o Capitão da Cavalaria Auxiliar da Nobreza Baltazar João Mayrinck. Degredado o poeta para a África, lá se casou. Ela conservou-se solteira e faleceu em avançada idade.

97 — Lavabo de pedra. Ouro Preto. Minas Gerais.

Admirável obra de escultura em pedra-sabão azul-verde. Peça de alto valor pela sua concepção e realização. Um primor no estilo rococó. Sob a imagem de Nossa Senhora do Carmo, na sacristia de cuja igreja se encontra, repete-se o motivo dos dois golfinhos para as bicas de água. Atribuído ao Aleijadinho.

98 — Vista de Ouro Preto. Minas Gerais.

Tomada do morro do Cruzeiro. Avistam-se na parte mais alta as torres da igreja do Carmo e a parte posterior da Cadeia, hoje Museu da Inconfidência. As outras torres mais abaixo são as das igrejas de S. Francisco de Assis e da matriz de Antônio Dias.

99 — Cama colonial. Ouro Preto. Minas Gerais.

Em jacarandá. Esculpida à mão. Primor de marcenaria em estilo rococó. Da segunda metade do século XVIII.

100 — Espelho de fechadura de porta de rua. Ouro Preto. Minas Gerais.

Obra de ferro batido do século XVIII. Estilização local.

101 — Espelho de fechadura de porta de rua. Ouro Preto. Minas Gerais.

Obra de ferro batido do século XVIII. Estilização local.

102 — Capela do Padre Faria. Ouro Preto. Minas Gerais.

A pequena capela do Padre Faria no caminho que seguiram os Bandeirantes paulistas para penetrar no círculo de montes onde fundaram Vila Rica, a atual Ouro Preto, foi a primeira matriz desse arraial de mineiros. O Padre Faria participava da primeira bandeira que ali chegou. É notável a cruz patriarcal de três braços, no adro, esculpida num bloco de pedra-sabão esverdeada. O frontespício que adorna a fachada, obra do fim do século XVIII, respeitado pela restauração da capela procedida pela Inspetoria de Monumentos Nacionais, foi pôsto abaixo pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

103 — Casa dos Contos. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Casa da administração das minas e fundição do ouro nos tempos coloniais. Construção de pedra reforçada. Cunhais possantes. Beiral corrido. Atualmente Coletoria Estadual.

104 — Cama colonial. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Obra de talha em jacarandá, estilo D. João V. Século XVIII.

105 — Casa da Inconfidência. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Serviu algum tempo de Casa dos Contos. Nela é tradição que se reuniam e conspiravam os Inconfidentes. Tipo de construção urbana do século XVIII.

106 — Casa dos Inconfidentes. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Ao lado da velha igreja de S. João Evangelista, antiga matriz. Nela se reuniam para conspirar algumas vêzes Tiradentes e os Padres Manuel da Costa e Toledo Piza. Um subterrâneo ligava-a com a residência do primeiro. São notáveis os seus tetos de madeira oitavados e em masseira.

107 — Igreja do Rosário. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Primeira matriz da vila, cujo nome foi modernamente mudado para Tiradentes. Linda, harmoniosa e sóbria fachada barroca setecentista.

108 — Cama colonial. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Obra de talha em jacarandá. Estilo rococó de transição entre D. José I e D. Maria I. Peça original e rara do mobiliário brasileiro em fins do século XVIII.

109 — Vista de S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Tirada da colina de S. Francisco. No segundo plano, a igreja do Rosário. Ao alto, dominando o velho casario colonial, a bela matriz, verdadeiro tesouro de obra de talha.

110 — Lampadário. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

De prata portugêsa. Época de D. Maria I. Mede 1m., 40 de altura e pesa 60 quilos. Cinzelado no Porto.

111 — Balaústre. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Belo trabalho de marcenaria local do século XVIII. Em jacarandá. Torneado à mão. Da grade da matriz.

112 — Chafariz. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Construído em 1749. O frontal, com uma janela fingida, decora-se heràldicamente com as armas de Portugal. A água jorra por três carancas num grande tanque, o qual fica dentro dum adro com muros baixos de pedra e entrada ladeada de pináculos.

113 — Casa antiga. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Construção urbana térrea típica do século XVIII. Na rua 15 de Novembro. Muito tempo residência do sr. Tibúrcio. Pilastras dos cunhais enfloradas de relêvos pesados com estilização local nos pedestais e nos capitéis. Beiral com bica, beira e sub-beira. Duas portas para loja. Janelão largo, de lado, com rótulas e bandeira de balaústres para a parte da moradia. Cruz dos Passos na parede.

114 — Travessa Tiradentes. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Canto de rua típico com casa e muro de adobe do século XVIII, defendido à esquina por um marco de pedra bruta.

115 — Vista da entrada de S. José d'El-Rei. Minas Gerais.

Casas típicas do século XVIII. No meio da rua, as grandes pedras em fieira denominadas em Minas no século XIX *capistranas*.

116 — Igreja do Bonfim. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

S. João d'El-Rei fica no sopé da serra do Lenheiro, a dois quilômetros do rio das Mortes, vila criada pelo Conde de Assumar em 19 de janeiro de 1718. As minas de ouro da região foram descobertas pelo

Bandeirante de Taubaté Tomé Portes del Rei. O começo do povoamento data de 1684.

A igreja do Bonfim, erigida no século XVIII, fica no morro do mesmo nome. Sofreu algumas modificações externas no decurso do tempo; mas a decoração interna é ainda a primitiva.

117 — Igreja de S. Francisco de Assis. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Vista lateral, permitindo ver a graça sem par de suas linhas curvas. É uma das mais belas igrejas do período colonial em Minas Gerais. Risco do Aleijadinho. Construção de cantaria, com pilastras, frisos e decorações de pedra-sabão azul-verde. Duas belas tôrres cilíndricas com leve coroa-mento de balaústres, pináculos e cúpulas. Tapavento de João Antônio Gonçalves de Lima. Teto lavrado e dourado de Ernesto Coelho. Magnífico adro de terraços superpostos em linhas curvilíneas com escadarias e balaustradas. Edificação começada em 1774.

118 — Igreja de S. Francisco de Assis. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Fachadas principal e lateral. A primeira com esculturas em pedra-sabão azul-verde do Aleijadinho é um triunfante espetáculo de decoração rococó. Os óculos, admiravelmente traçados, que se combinam na segunda, um entre duas janelas no corpo da nave, dois com uma janela no meio da capela-mor, dão ao conjunto uma graça original inimitável.

119 — Pelourinho. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Um dos raríssimos ainda existentes no Brasil. Na praça Visconde de Ibituruna.

120 — Vista de S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Parte central da cidade com sua ponte romana. O grande edifício que se vê à entrada da mesma é a Câmara Municipal. Ao fundo, a igreja de S. Francisco de Assis.

121 — Ponte da Cadeia. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Tôda de cantaria. Arcos romanos. Une as duas partes centrais da cidade. Com banco e cruz de pedra. Construída em 1709.

122 — Igreja do Carmo. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

A segunda igreja da cidade em tamanho e beleza. Construção do século XVIII. Cimalha e relêvos da fachada em pedra-sabão azulada. Sobre a porta principal, a imagem da Santíssima Virgem do Carmelo rodeada de anjos. Tôrres com coroamento em cebola. Estilo barroco-rococó. Interior pobre em obra de talha. Na sacristia, um Cristo morto, esculpido em madeira, faltando os braços, de impressionante beleza.

123 — Vista de S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Vê-se a igreja do Carmo no meio do casario. Ao fundo, a serra do Lenheiro.

S. João d'El-Rei chamou-se primitivamente Arraial do Rio das Mortes. Seu nome lhe foi dado em honra de D. João V de Portugal. Os Inconfidentes pretendiam instalar nessa então vila a capital de sua projetada República.

124 — Vista parcial de S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Trecho da ladeira que leva à velha igreja do Bonfim, vendo-se um casarão antigo e as tôrres do templo.

125 — Ponte antiga. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Tipo de ponte muito comum em Minas Gerais no período colonial. Tôda de cantaria. Dois arcos romanos e guarda-peitos de pedra.

126 — Ponte da Cadeia. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.

Vê-se bem na admirável obra de cantaria o banco ou conversadeira à sombra da cruz de pedra.

127 — Espelho de fechadura de porta de rua. Diamantina. Minas Gerais.

Obra de ferro batido do século XVIII. Estilisação local.

128 — Porta interior. Sabará. Minas Gerais.

Na igreja do Carmo. Abre para a escada da torre. Estilisação local do barroco-rococó com arrecadas frustras, nos marcos, sob a verga típica setecentista.

129 — Interior colonial. Sabará. Minas Gerais.

Dum solar antigo. Janelas de poiais, com rótulas de urupema em baixo, vidraça no meio e bandeira de balaústres em cima. Portas com almofadas de embono. Contador, mesa, banquetta e cadeira de jacarandá joaninos. Teto em masseira, com pinturas decorativas em puro estilo rococó.

130 — Cadeira de jacarandá. Santa Luzia. Minas Gerais.

Móvel típico do início do século XIX. Estilo Império em interpretação brasileira. Pertenceu à coleção do sr. Dolabela.

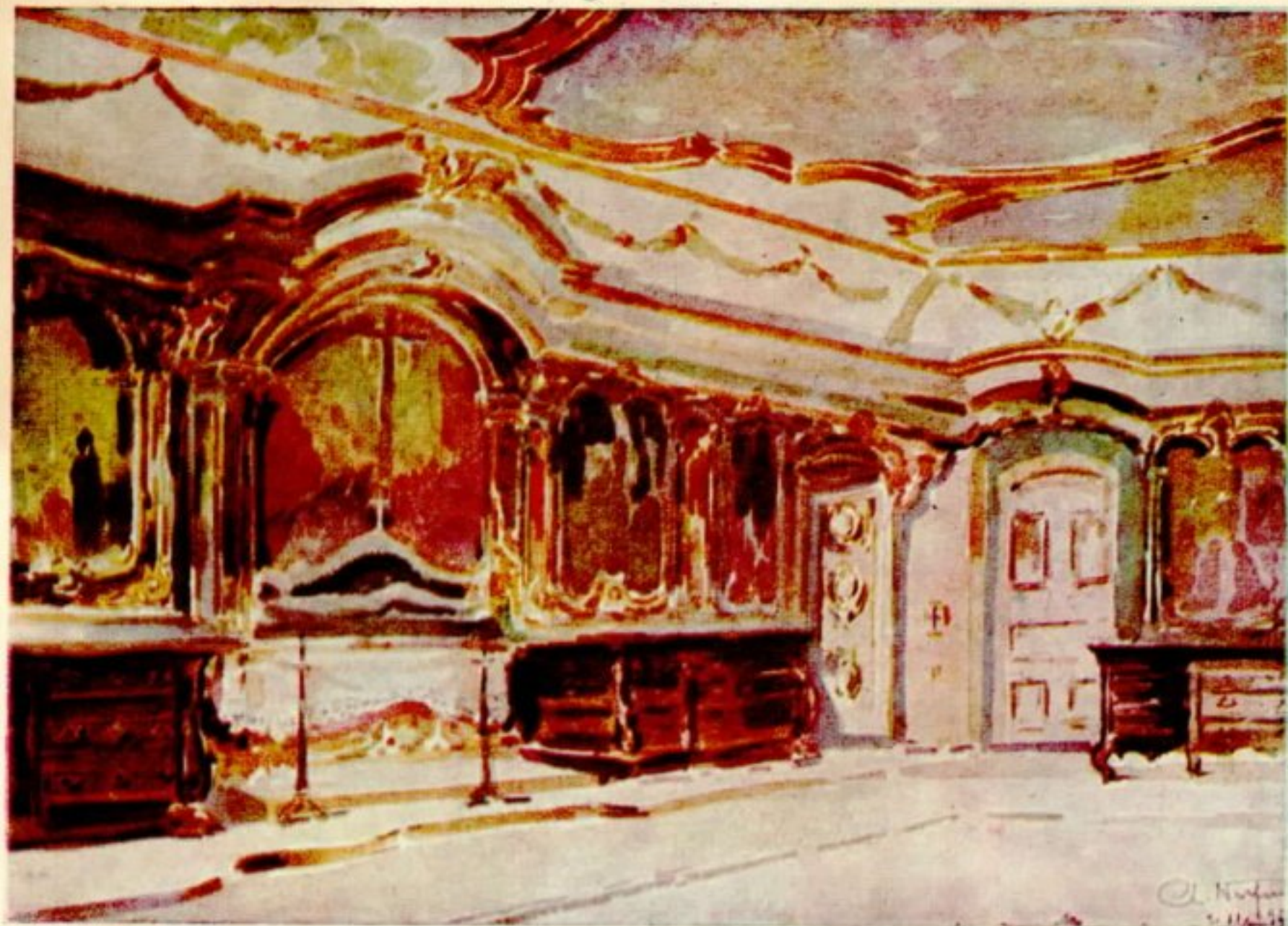
A paróquia de Santa Luzia do rio das Velhas data de 1744. A povoação nasceu dum arraial de mineradores de ouro.

131 — Mesa colonial. Santa Luzia. Minas Gerais.

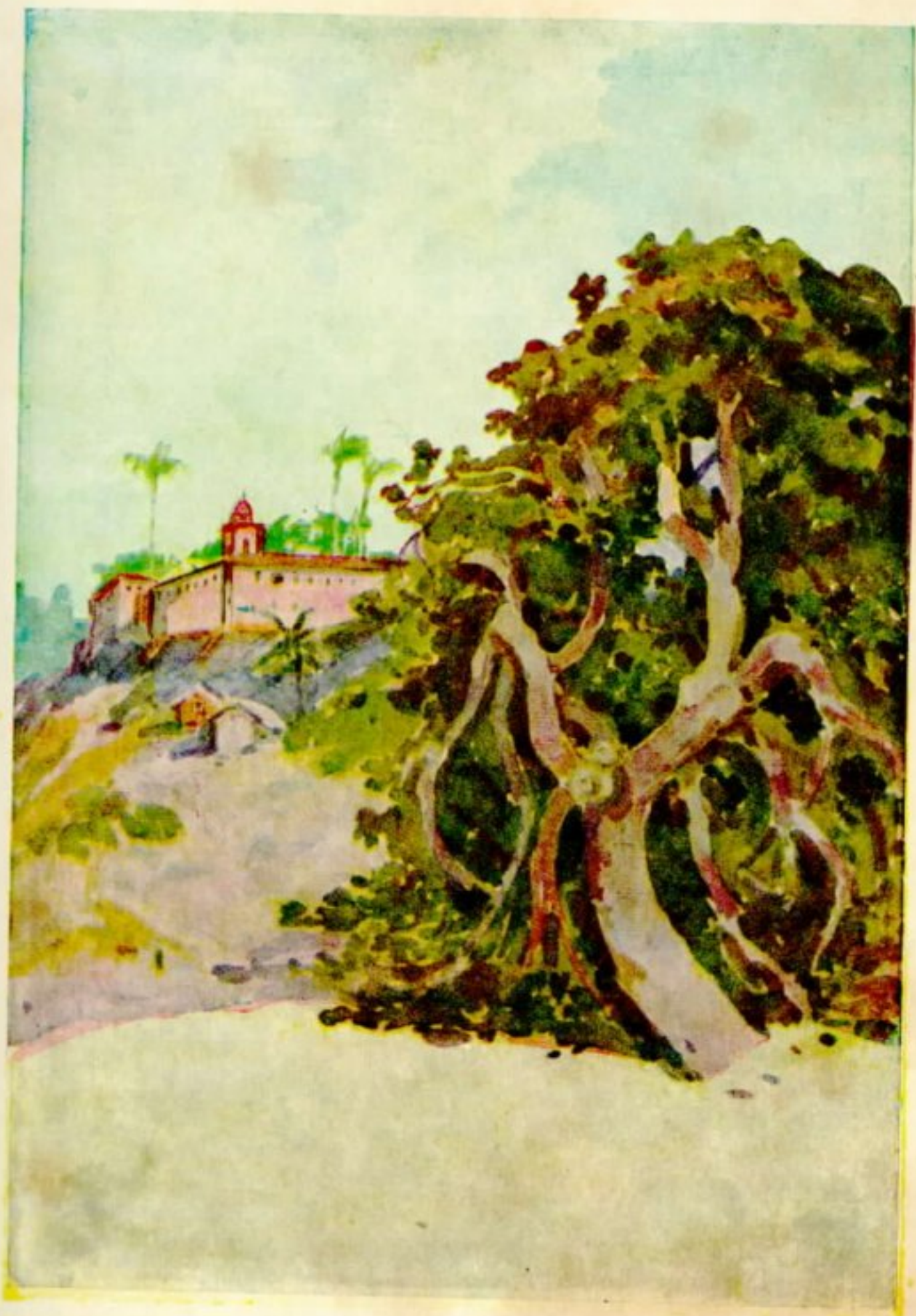
De jacarandá. Tampo pesado. Pés e travessas torneados à mão em bilros e bolas. Obra de marcenaria do comêço do século XVIII ou fins do século XVII. Pertenceu à coleção do sr. Dolabela.



1 — Claustro do Convento de S. Francisco de Assis. Olinda.



2 — Sacristia do Mosteiro de S. Bento. Olinda.



3 — Vista do Convento de S. Francisco. Olinda.



4 — Porta principal da igreja de S. Pedro dos Clérigos. Recife.



5 — Convento de S. Francisco, Vitória, Espírito Santo.



6 — Convento de S. Francisco. Vitória. Espírito Santo.



7 — Claustro do Convento de S. Bento. Santos. S. Paulo.



8 — Solar de Megaípe, Pernambuco.



9 — Igreja Colonial de Jurujuba. Niterói. Rio de Janeiro.



10 — Portada posterior da Sé da Bahia.



11 — Casa do Contratador João Fernandes. Diamantina. Minas Gerais.



12 — Rua da Quitanda, Diamantina, Minas Gerais.

N. 5

Aldaba de Portões
Limites.
Diamantina

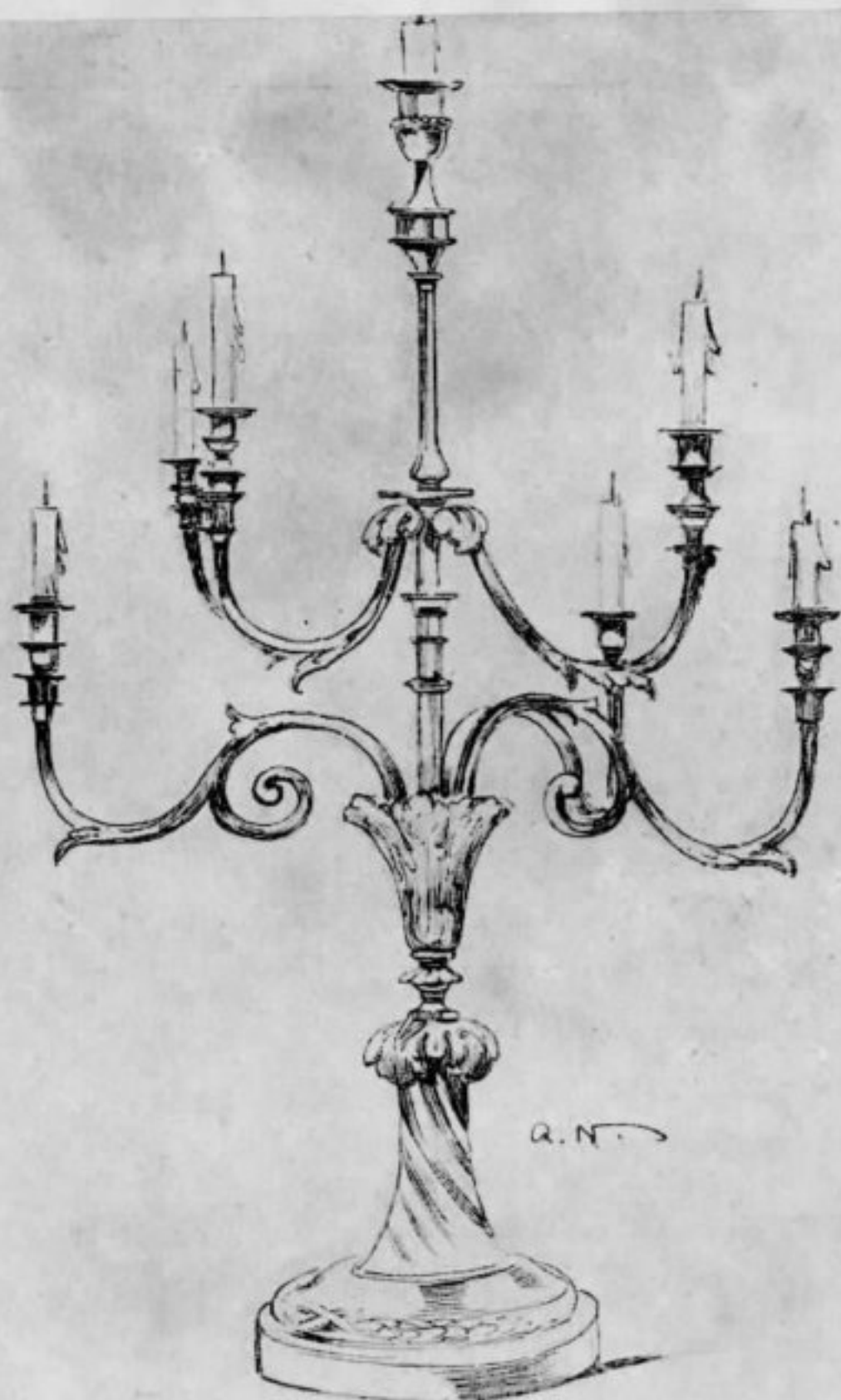




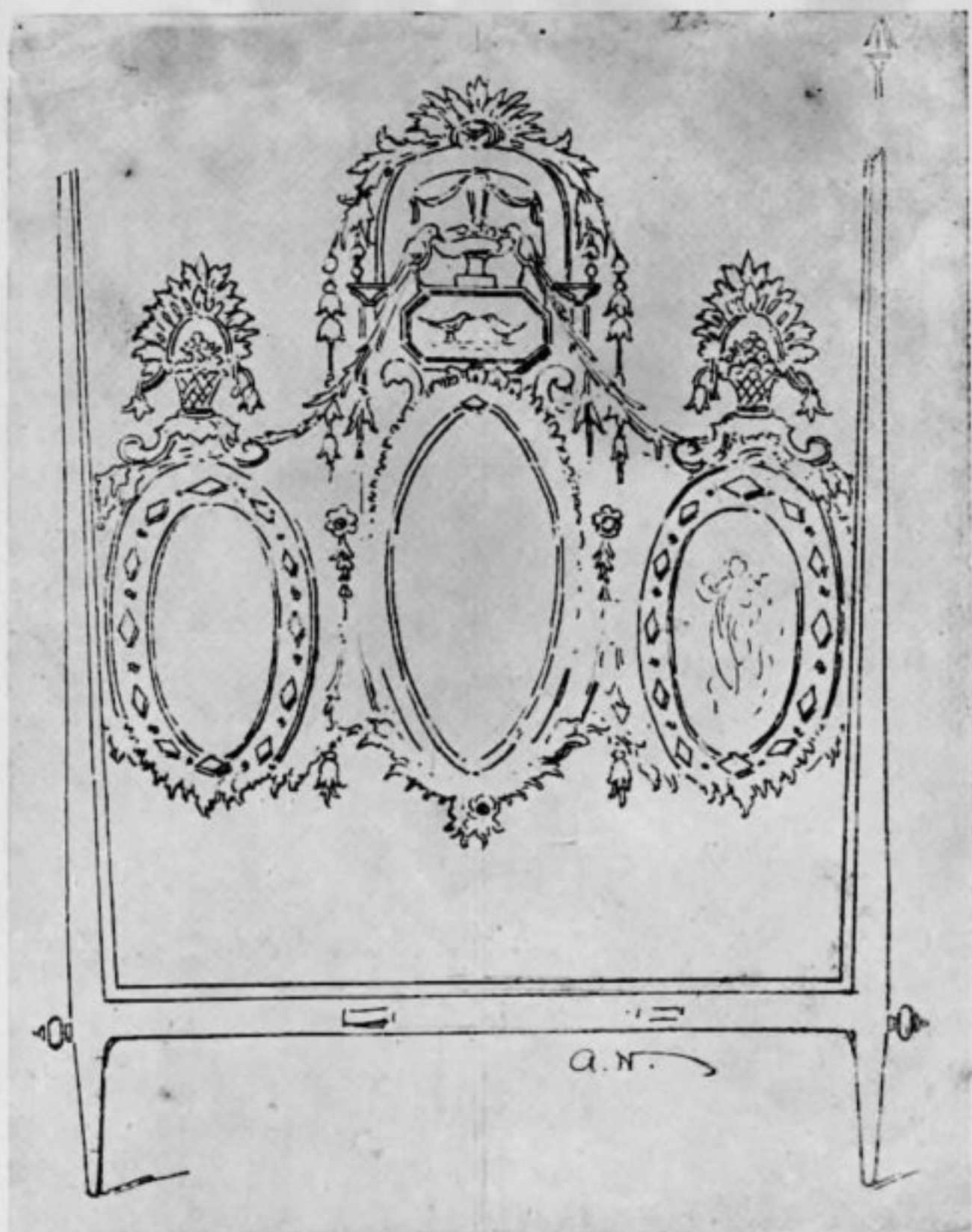
14 — Casa colonial. Diamantina, Minas Gerais.



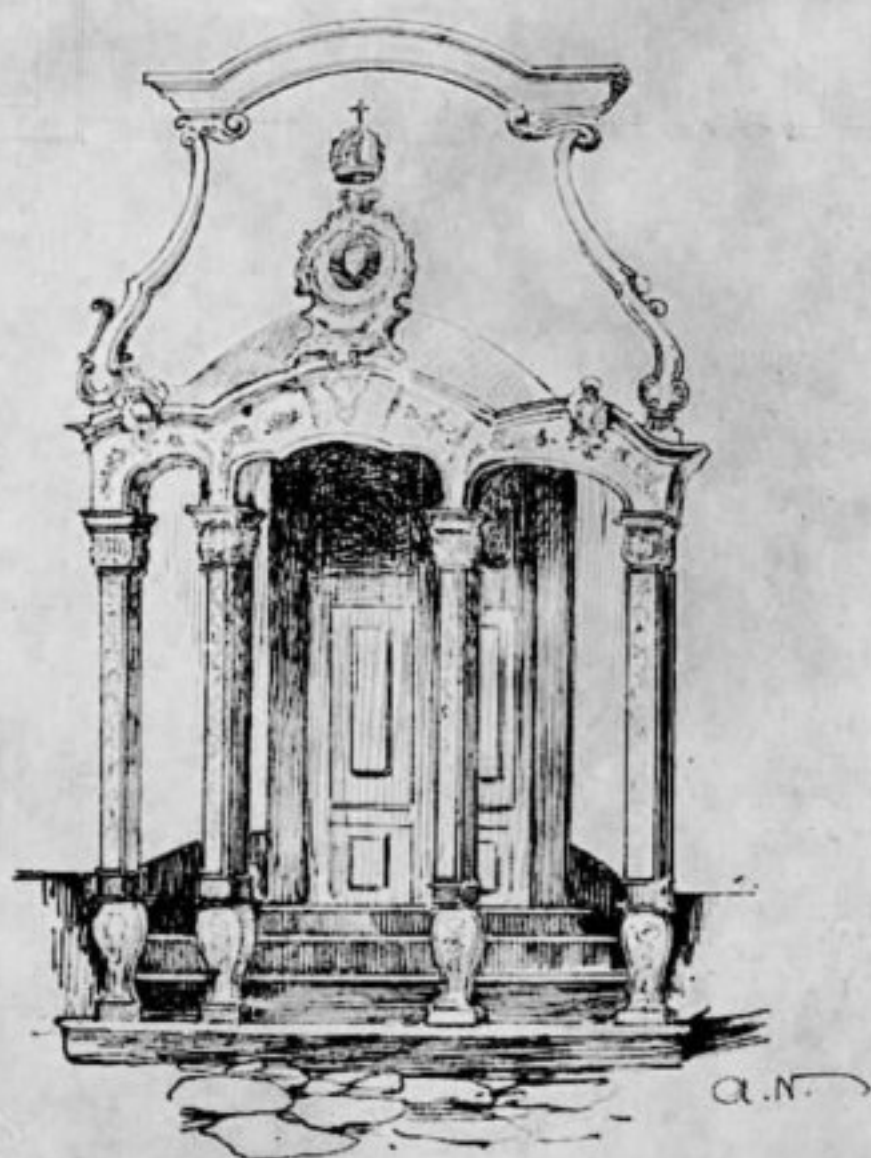
15 — Capela do Rosário, Diamantina. Minas Gerais.



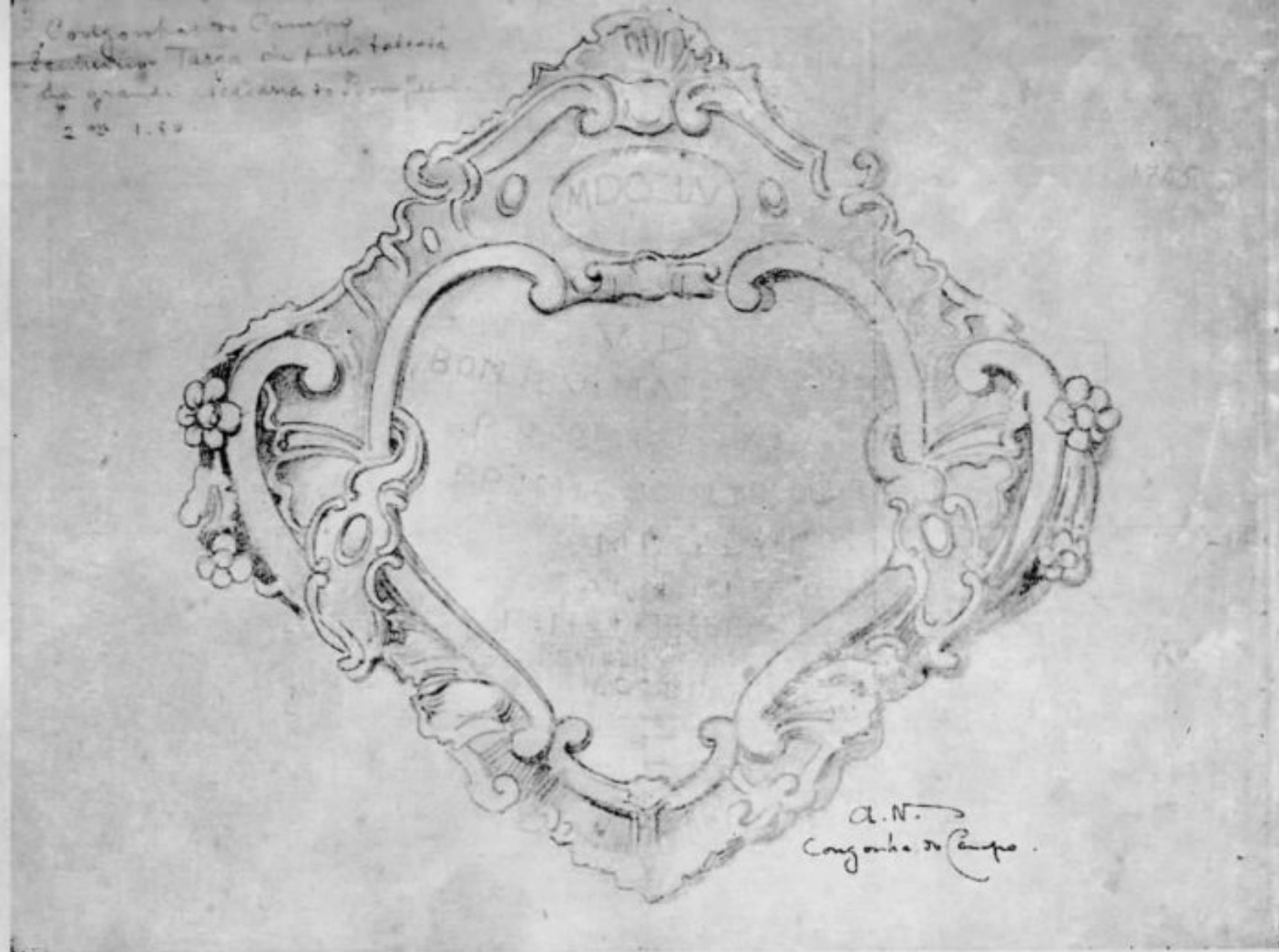
16 — Candelabro de prata. Congonhas do Campo. Minas Gerais.



17 — Cama colonial para noivos. Congonhas do Campo. Minas Gerais.



18 — Portada do Seminário. Congonhas do Campo. Minas Gerais.





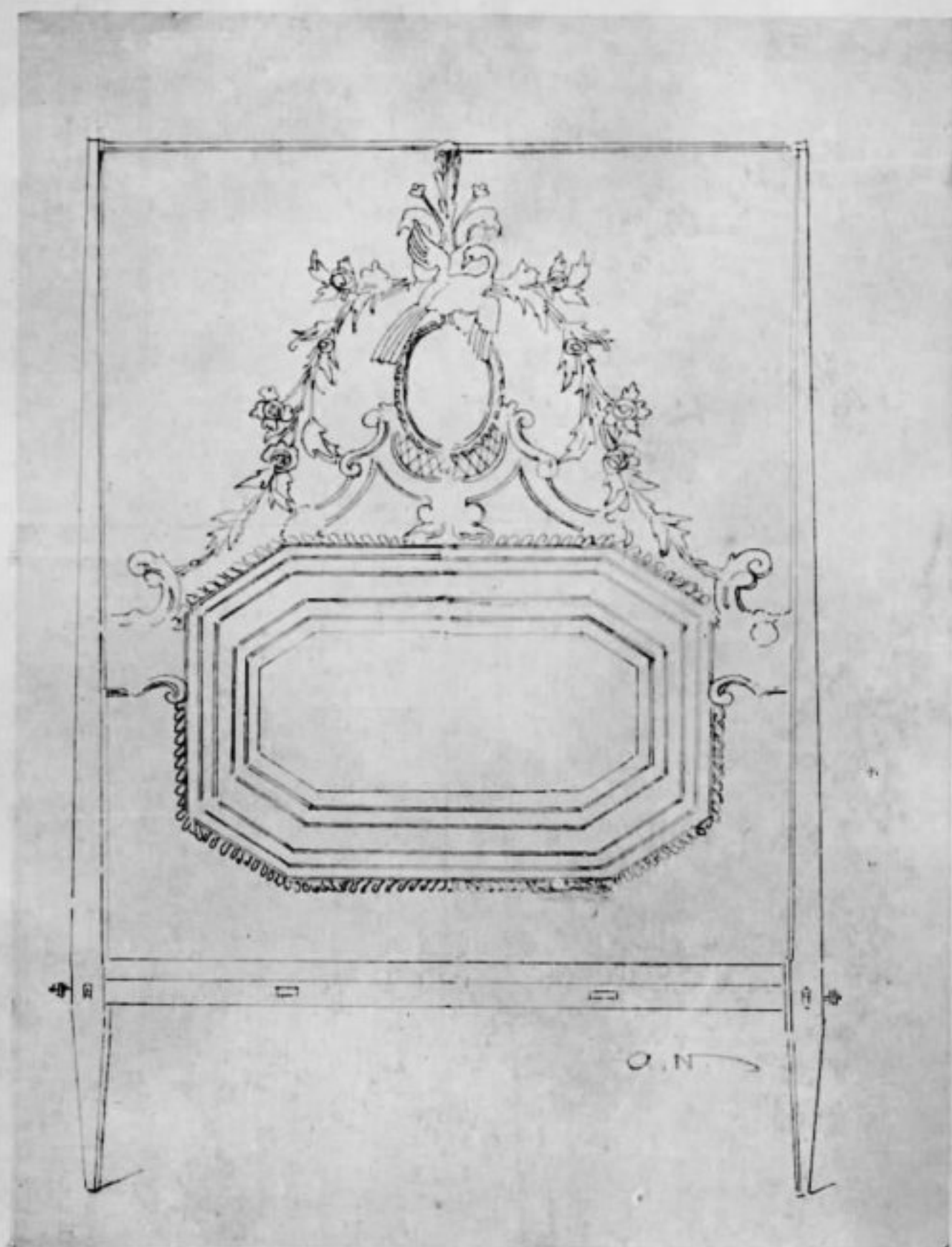
20 — Santuário, Congonhas do Campo, Minas Gerais.



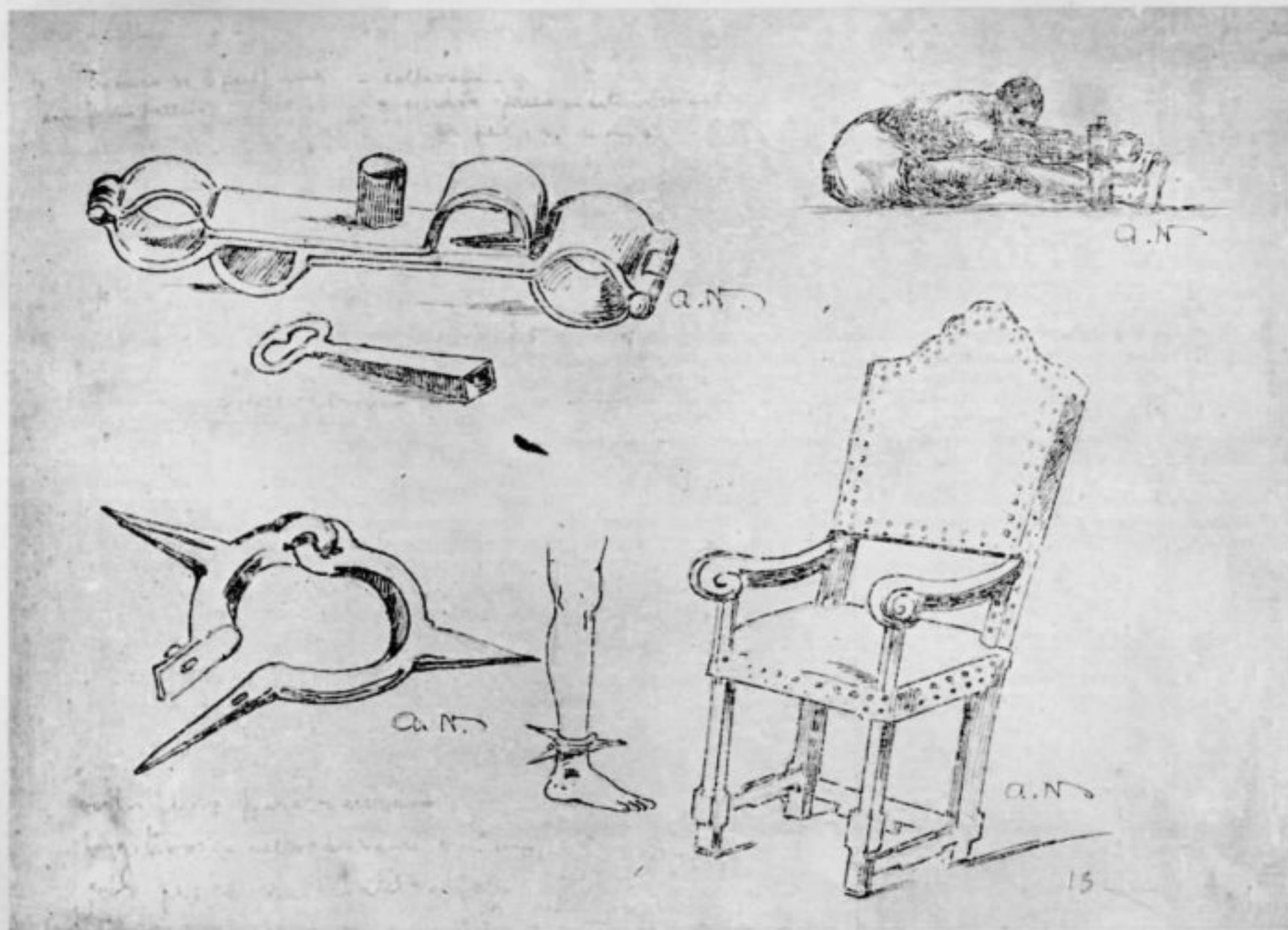
21 — Fachada da casa do Vigário Pires, Serro, Minas Gerais.



22 — Casa do Vigário Pires. Fachada lateral. Serro. Minas Gerais.



23 — Cama de moça solteira. Minas Gerais.



24 — Tronco de escravos, grilhão e cadeira do século XVII. Minas Gerais.





26 — Interior da matriz, Santa Bárbara, Minas Gerais.



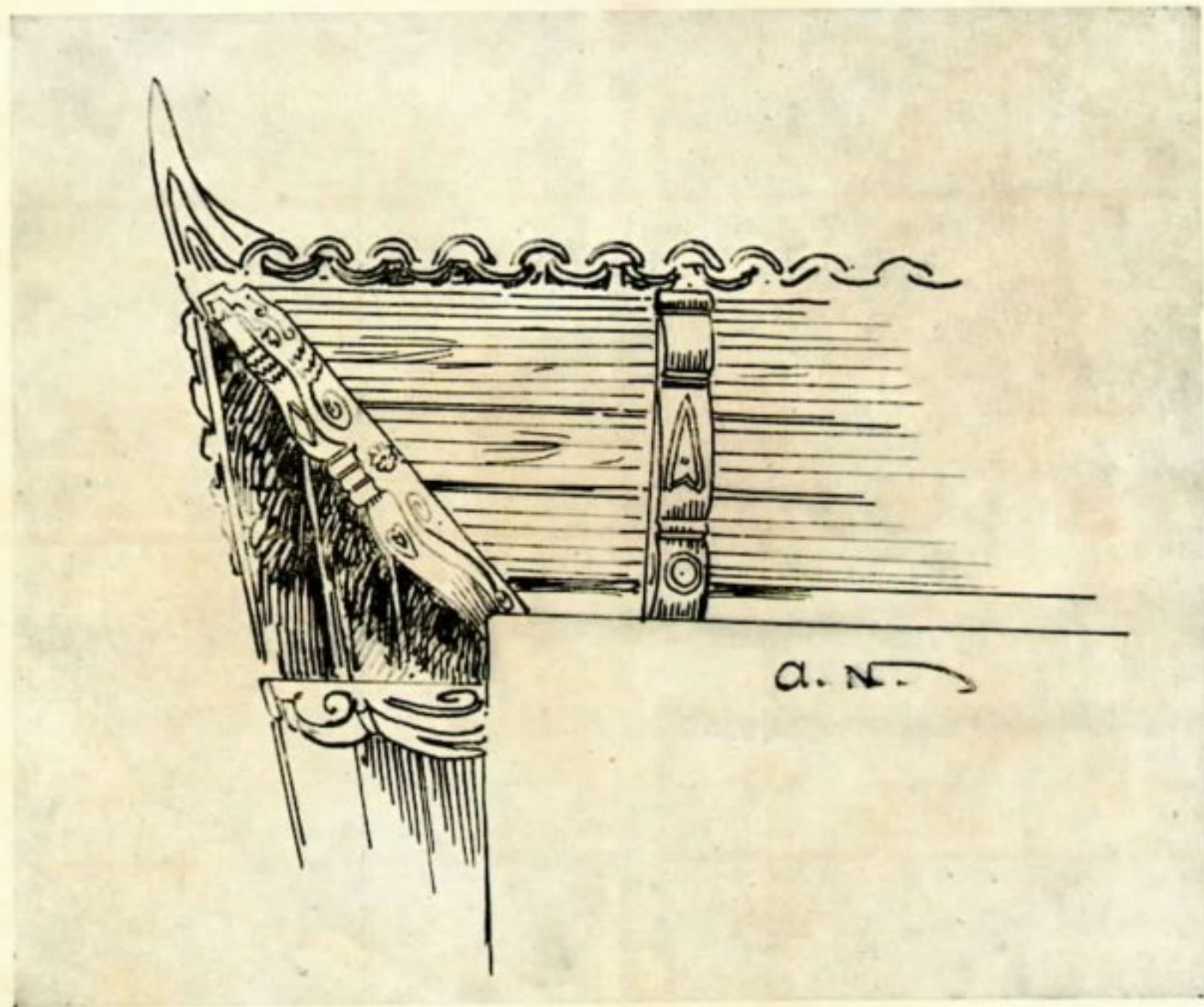
27 — Casa paroquial. Santa Bárbara. Minas Gerais.

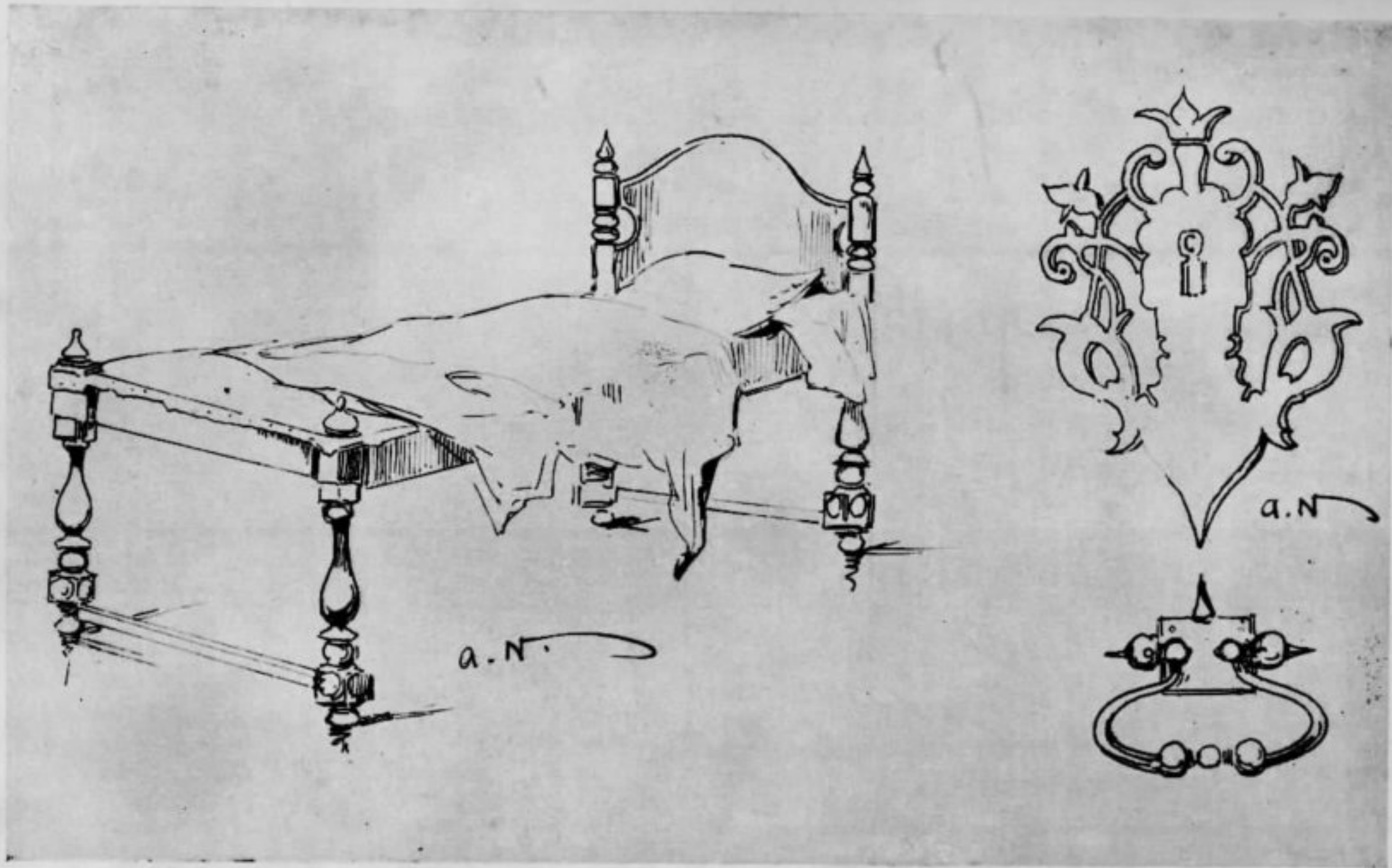


28 — Oratório da casa paroquial. Santa Bárbara. Minas Gerais.

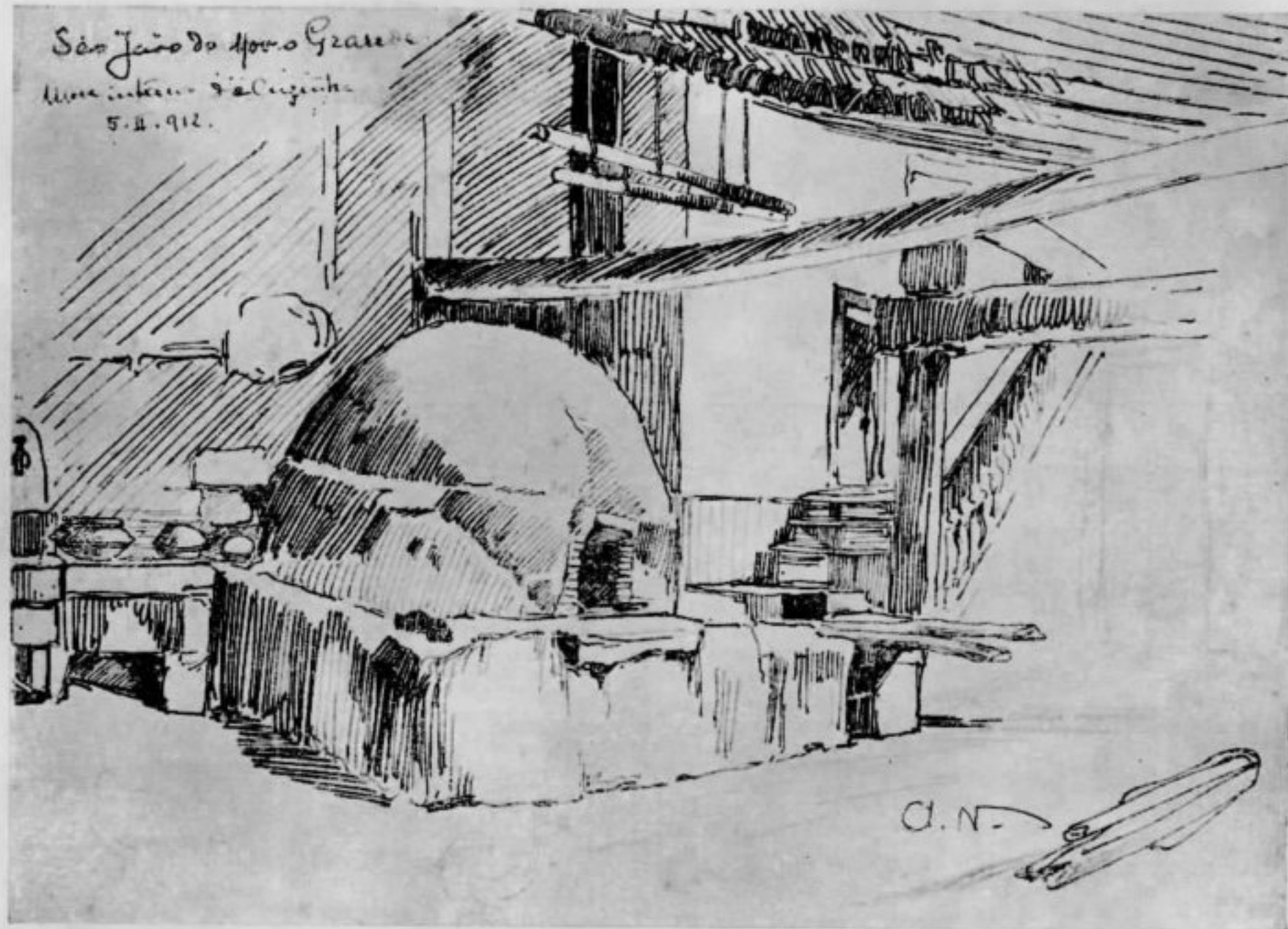


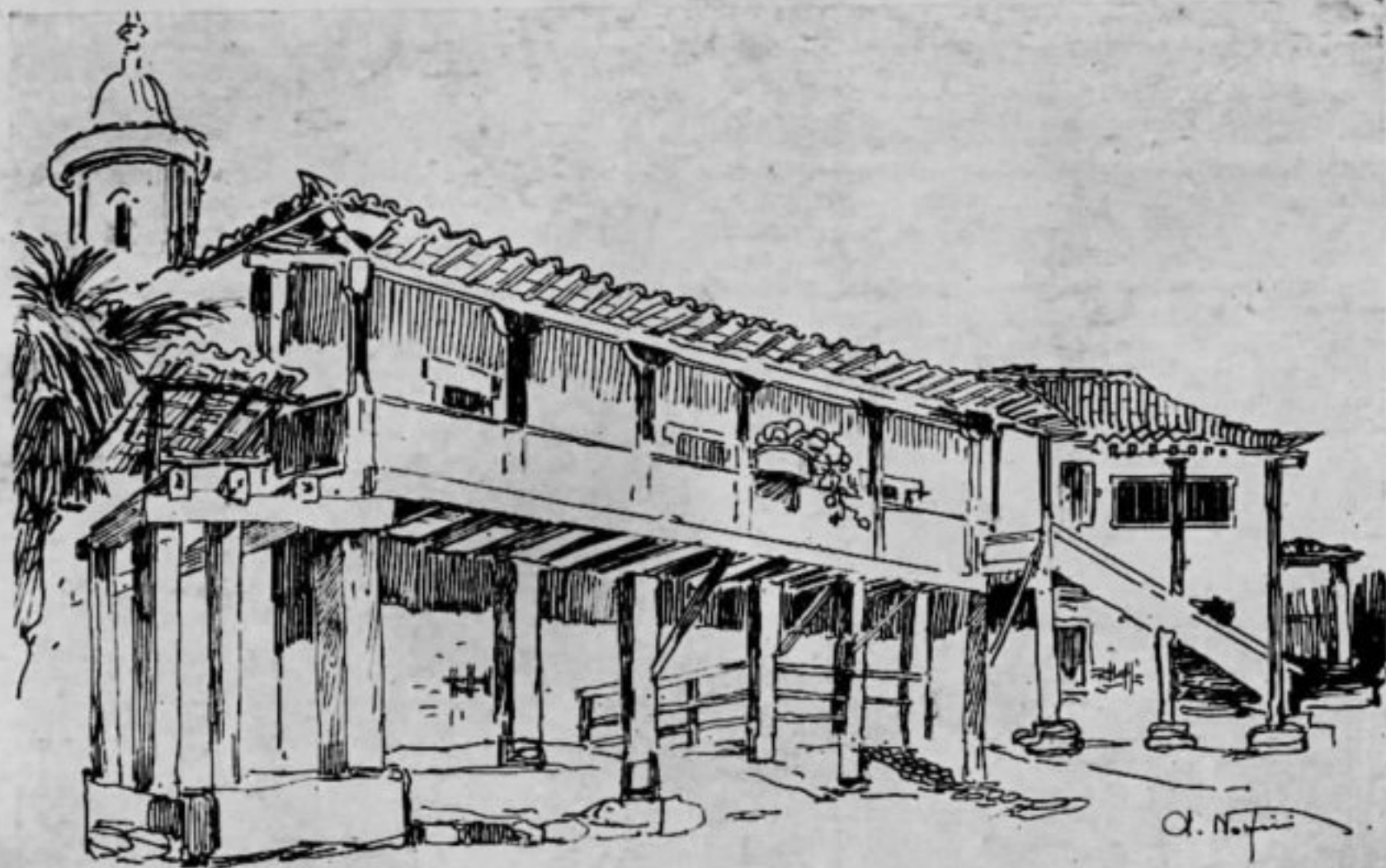
29 — Lâmpada de prata. Santa Bárbara. Minas Gerais.





31 — Cama de solteiro, espelho de fechadura e aldraba de bronze. Santa Bárbara. Minas Gerais.





São João B.^{to} do Morro Grande. Páteo interno
da Casa paroquial.
5.I.1921.



34 — Matriz de S. João do Morro Grande, Minas Gerais,

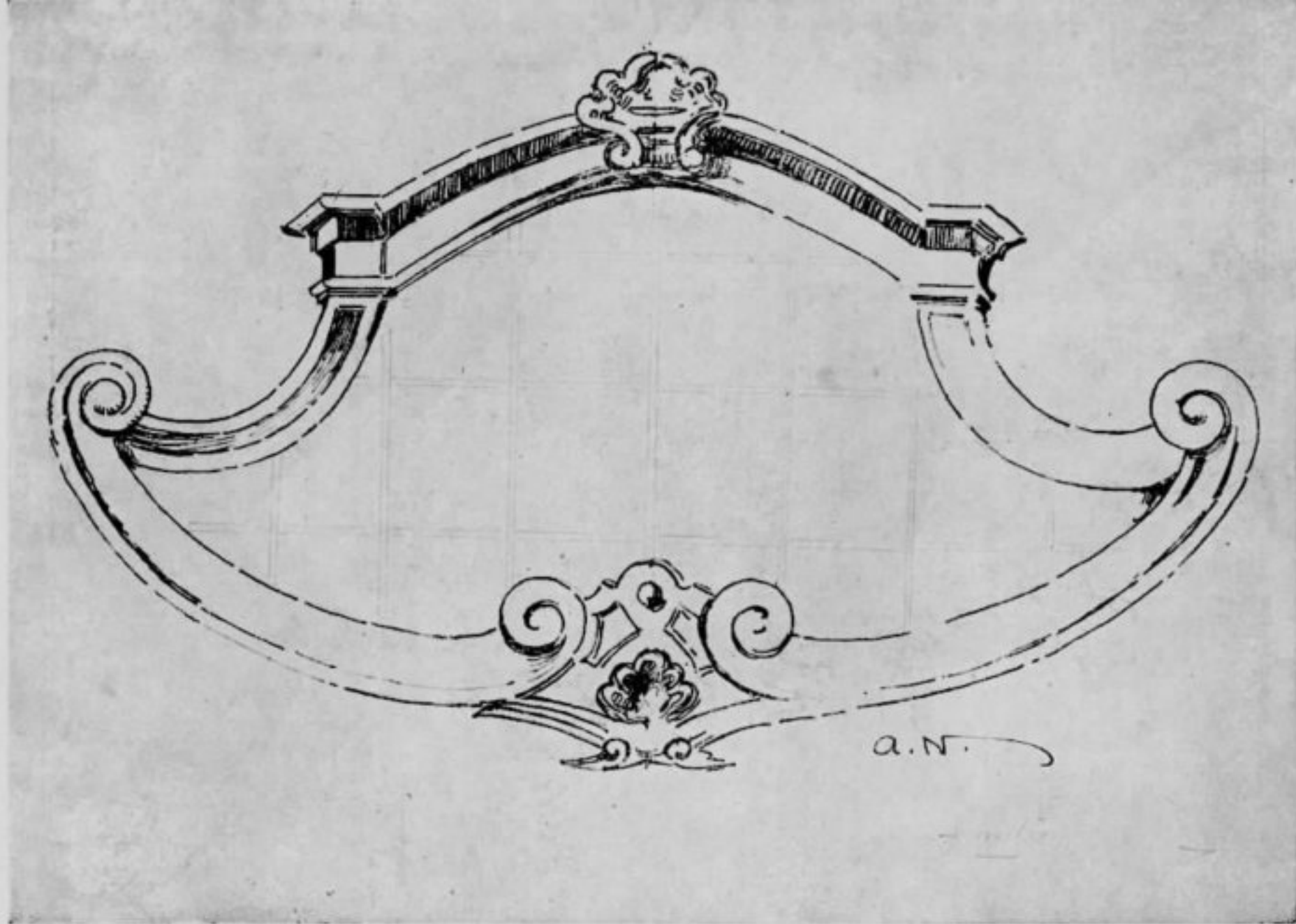


35 — Matriz de Caeté. Minas Gerais



36 — Lavabo da sacristia da matriz de Caeté. Minas Gerais.





38 — Óculo da capela-mór da matriz de Caeté, Minas Gerais,



39 — Lavabo da sacristia da matriz de Caeté. Minas Gerais.

Caeté: na Sacristia da Matriz V. S. do Dom Succoso
 em pedra azul. verde. pedra talosa (sabão)
 serve p collocar o que é
 Bento.



40 — Mesa de pedra — Matriz de Caeté, Minas Gerais.



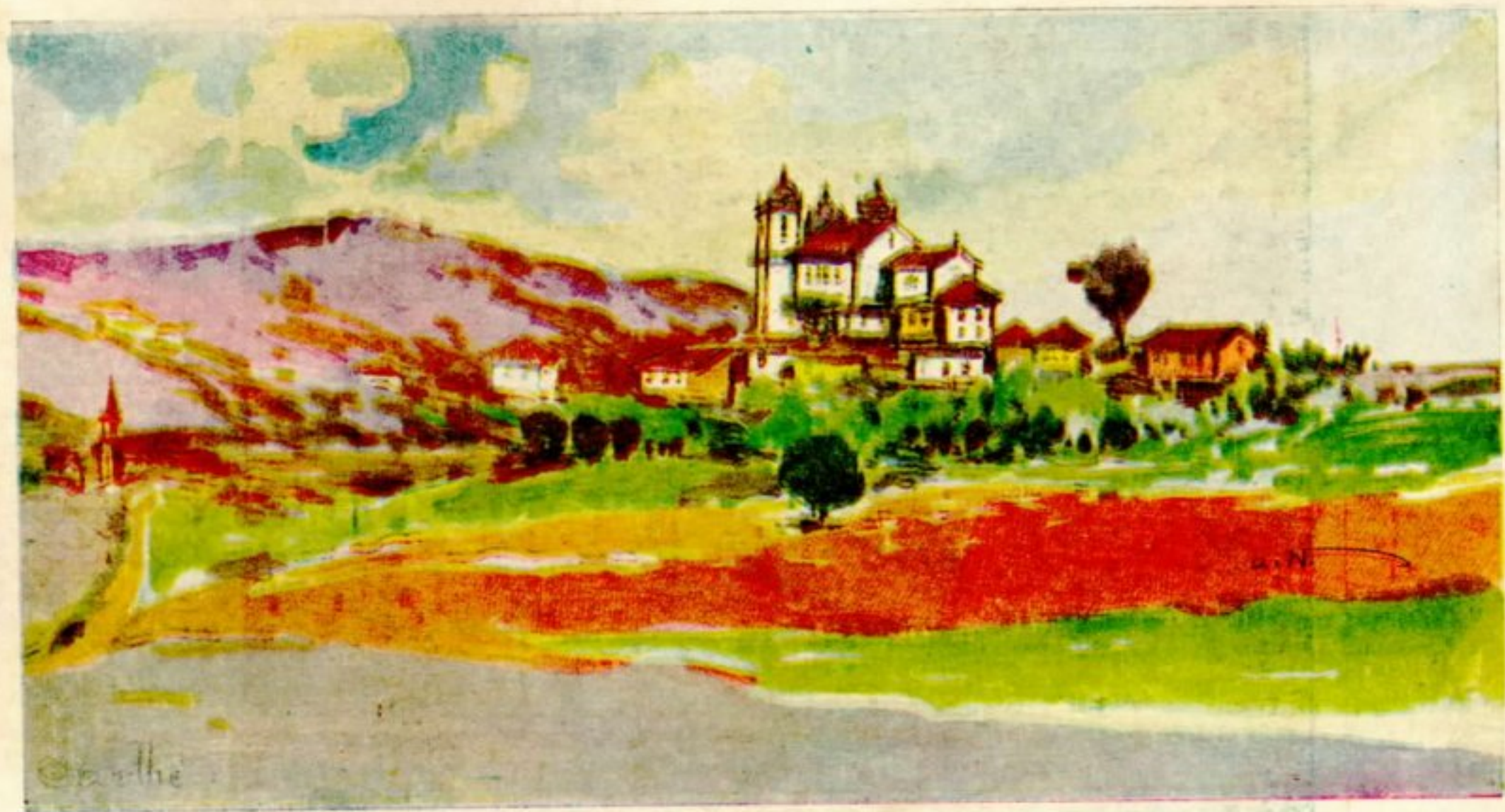
41 — Ruínas dum solar. Caeté. Minas Gerais.



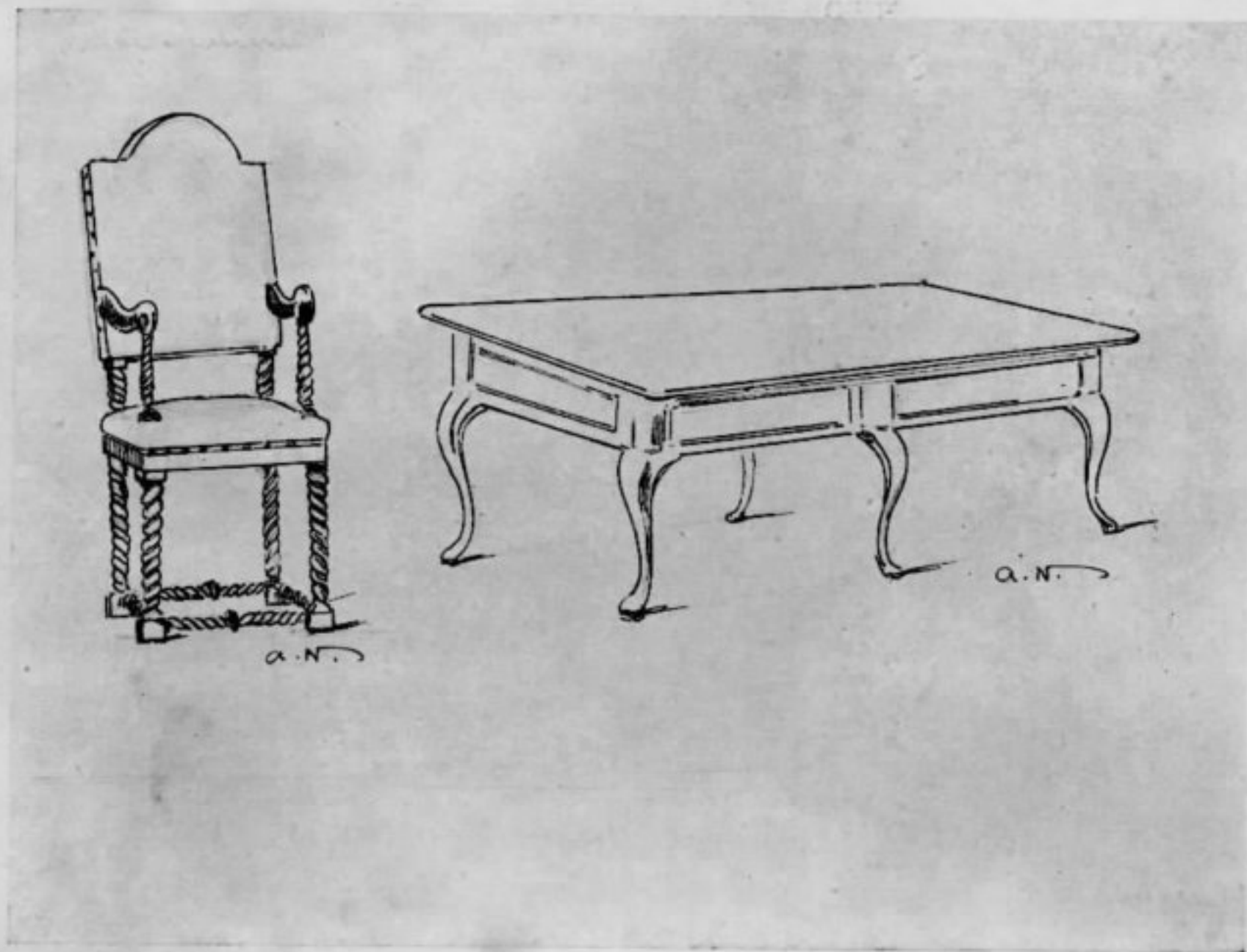
Caeté - S. São Francisco de Assis.



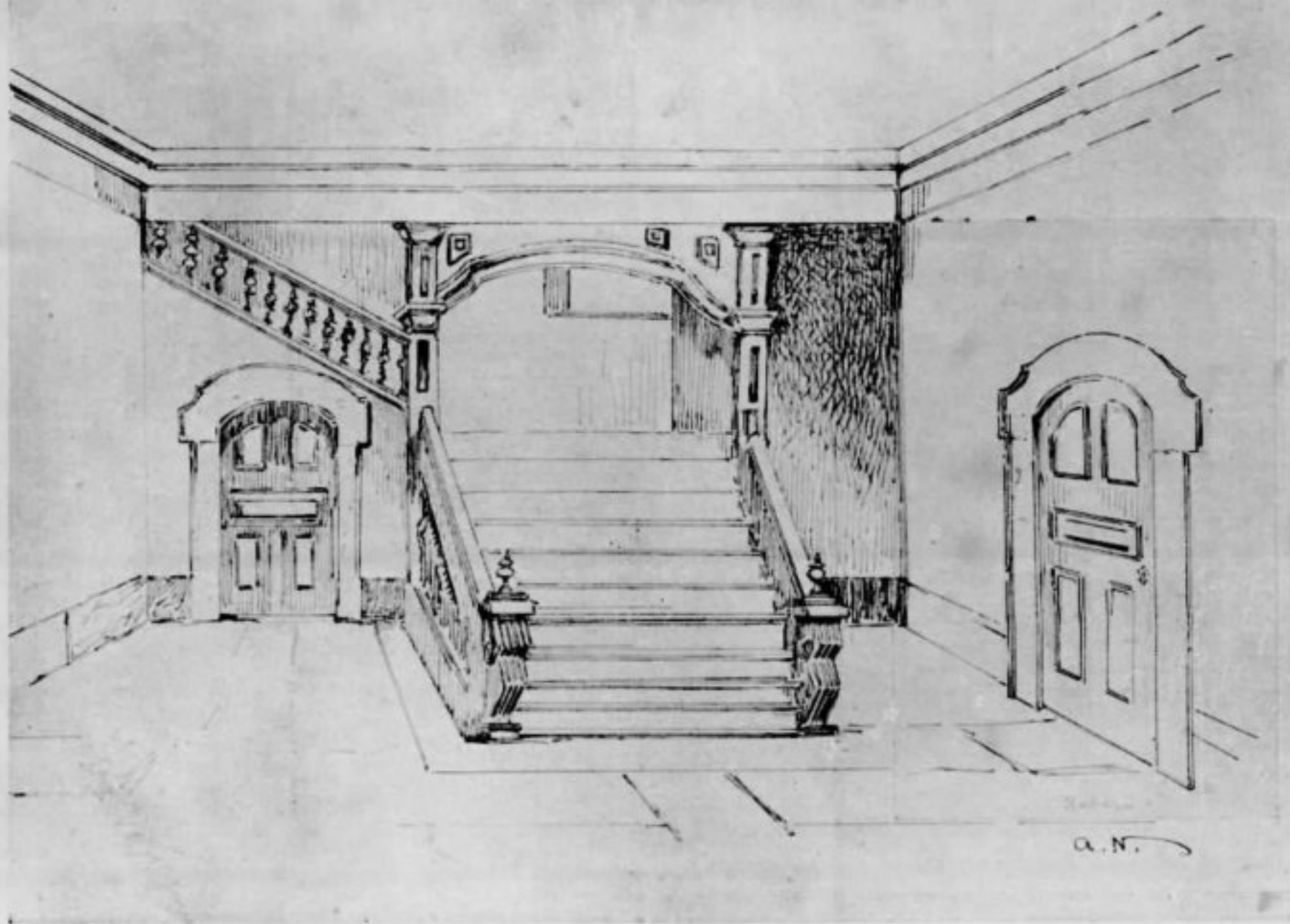
43 — Pia de água-benta da matriz de Caeté, Minas Gerais.



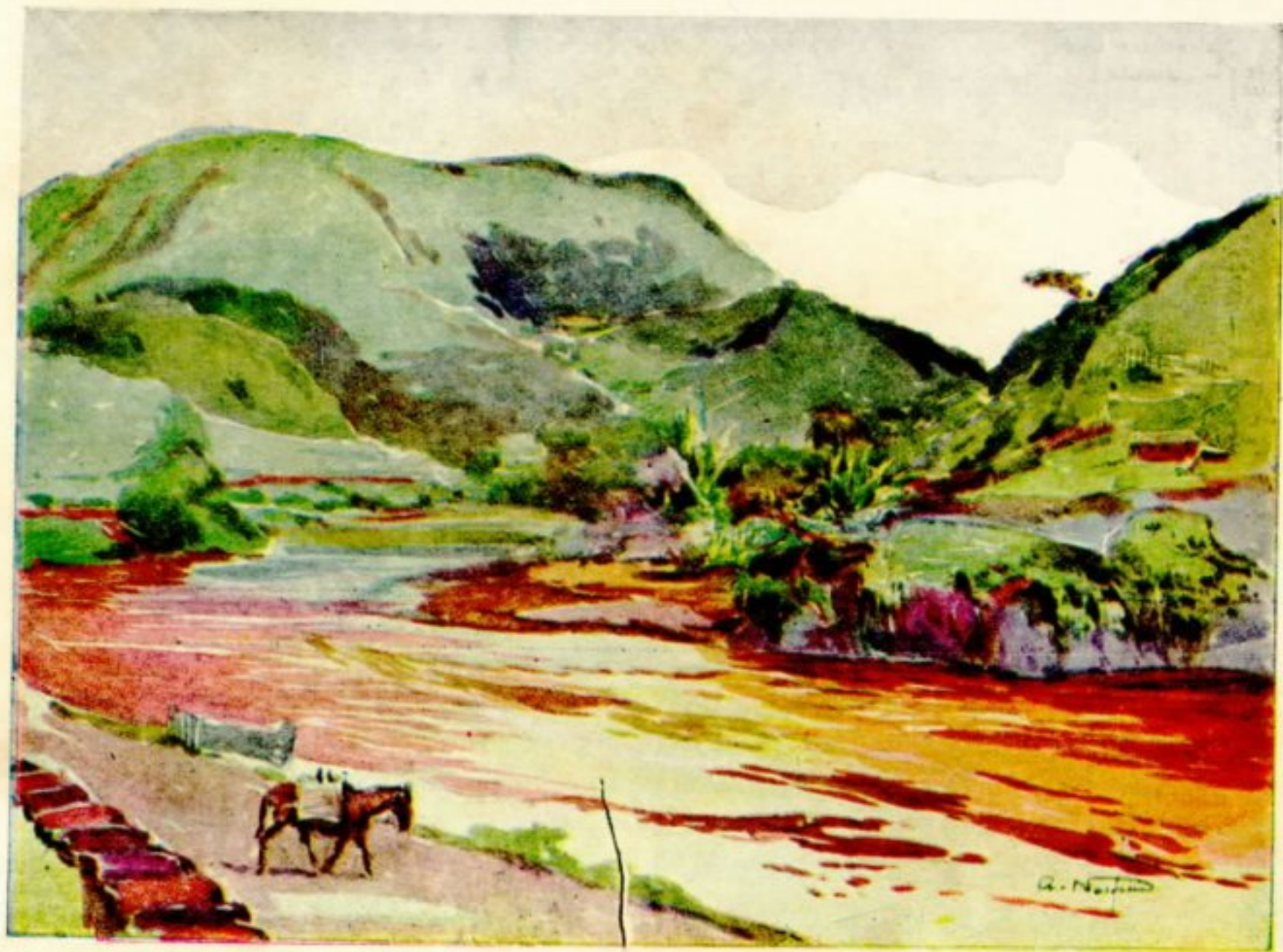
44 — Vista geral de Caeté. Minas Gerais.



45 — Mobiliário colonial. Caeté. Minas Gerais.



46 — Vestíbulo de solar. Sabará. Minas Gerais.



47 — O rio das Velhas, Sabará, Minas Gerais.

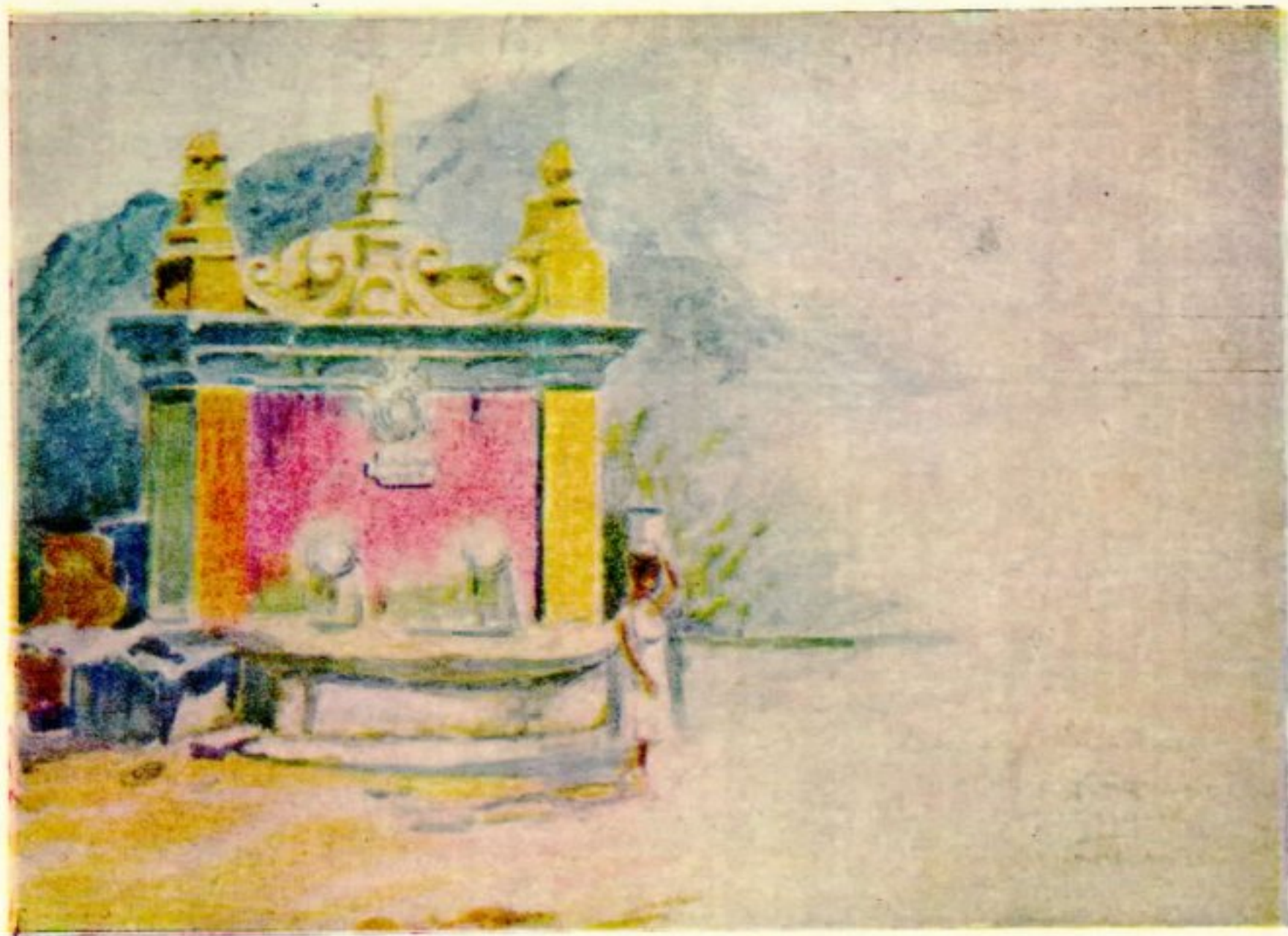


48 — Casa colonial. Sabará. Minas Gerais.

Chafariz do Rosário
Sabará. 2. II. 1921

A.D. 1801 — aquilão
em pedra
Blazon em
pedra Sabará



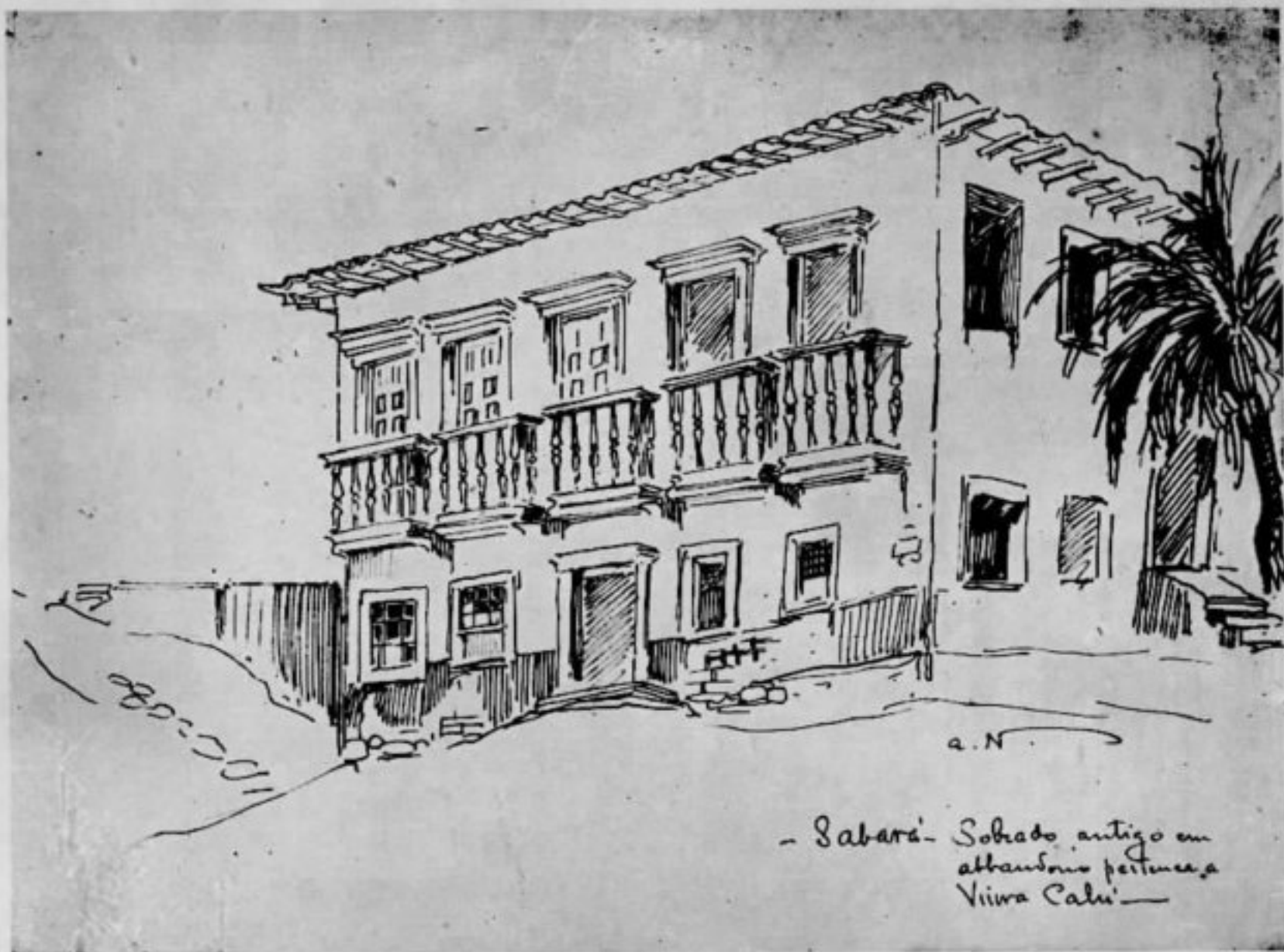


Chafariz do Kaquende -
Sabará 2.2.1921.





52 — Igreja de S. Francisco de Assis. Sabará, Minas Gerais.



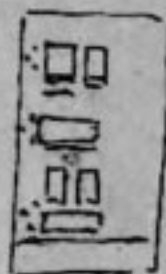
53 — Sobrado antigo, Sabará, Minas Gerais.



54 — Igreja de Santa Rita. Sabará. Minas Gerais.



fenestras do
muro



N. 20



56 — Interior da igreja de Nossa Senhora do O' Sabará, Minas Gerais.



57 — Igreja do Rosário. Sabará. Minas Gerais.



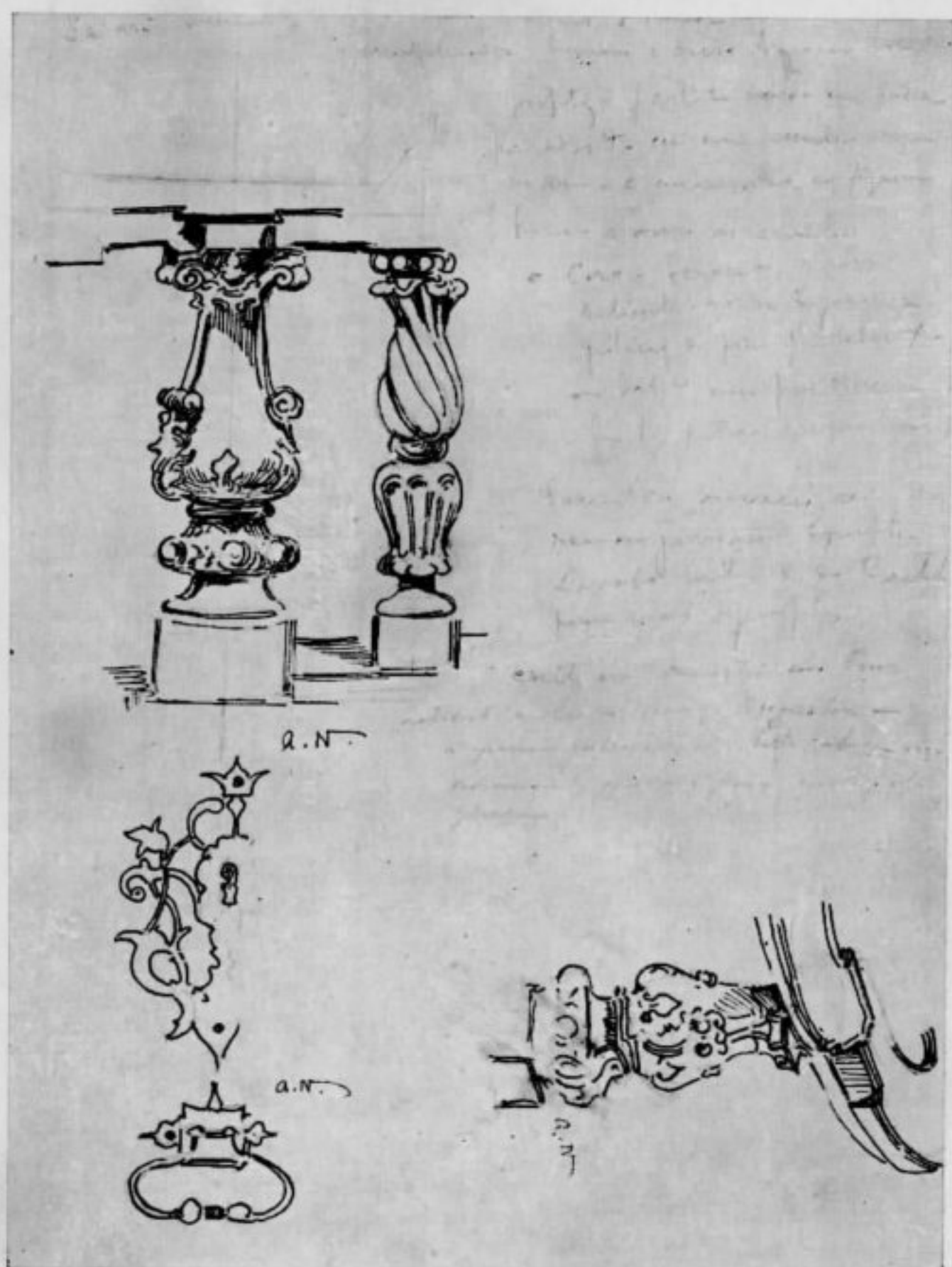
58 — Igreja do Carmo, Sabará, Minas Gerais,

Antigo marco um pouco de lado
a Igreja do Carmo - Sabará

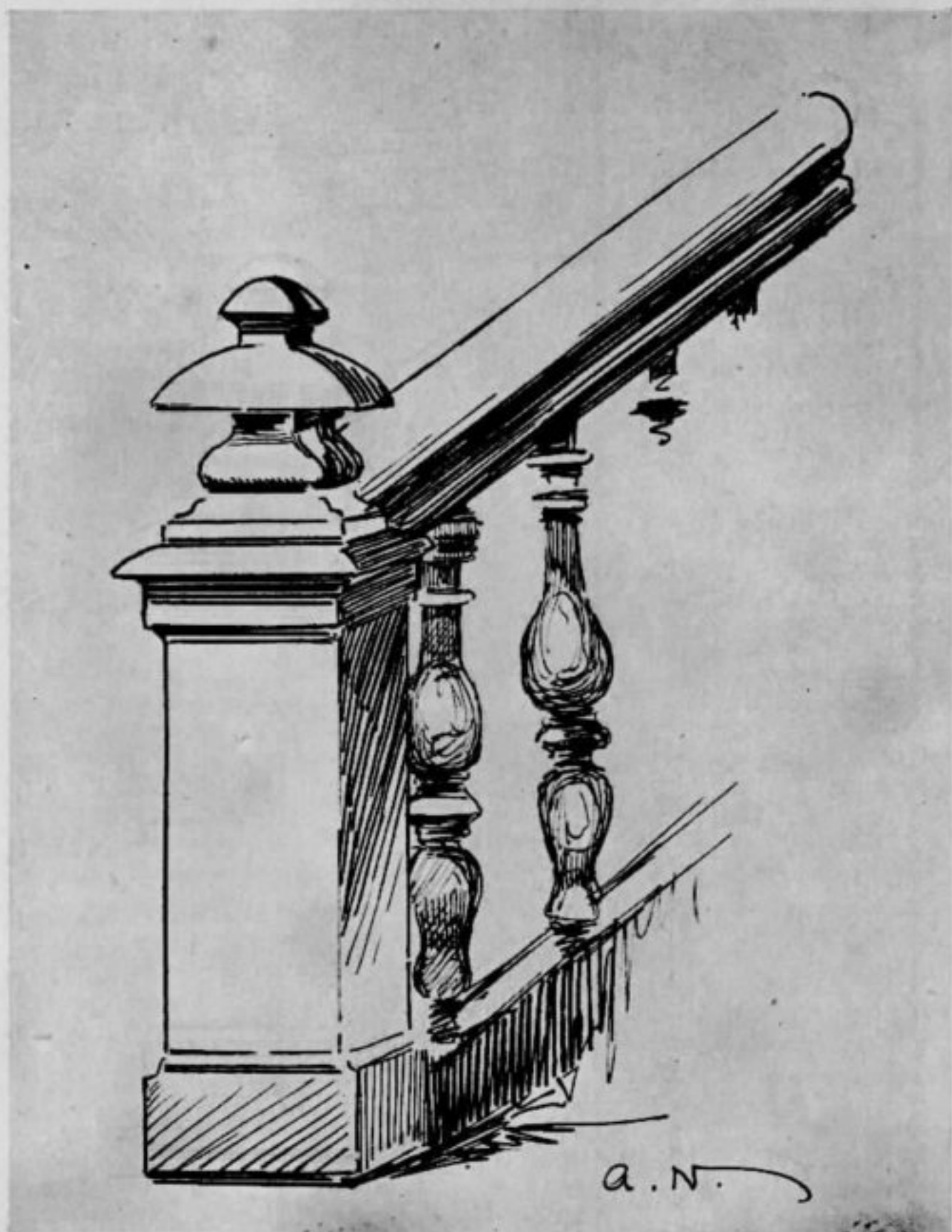
95 x 30 x 17 -



A. N.



60 — Balaústres, fechadura e aldraba. Sabará. Minas Gerais.



61 — Balaústres. Sabará. Minas Gerais.

Pia batismal da
Sé de Mariana.

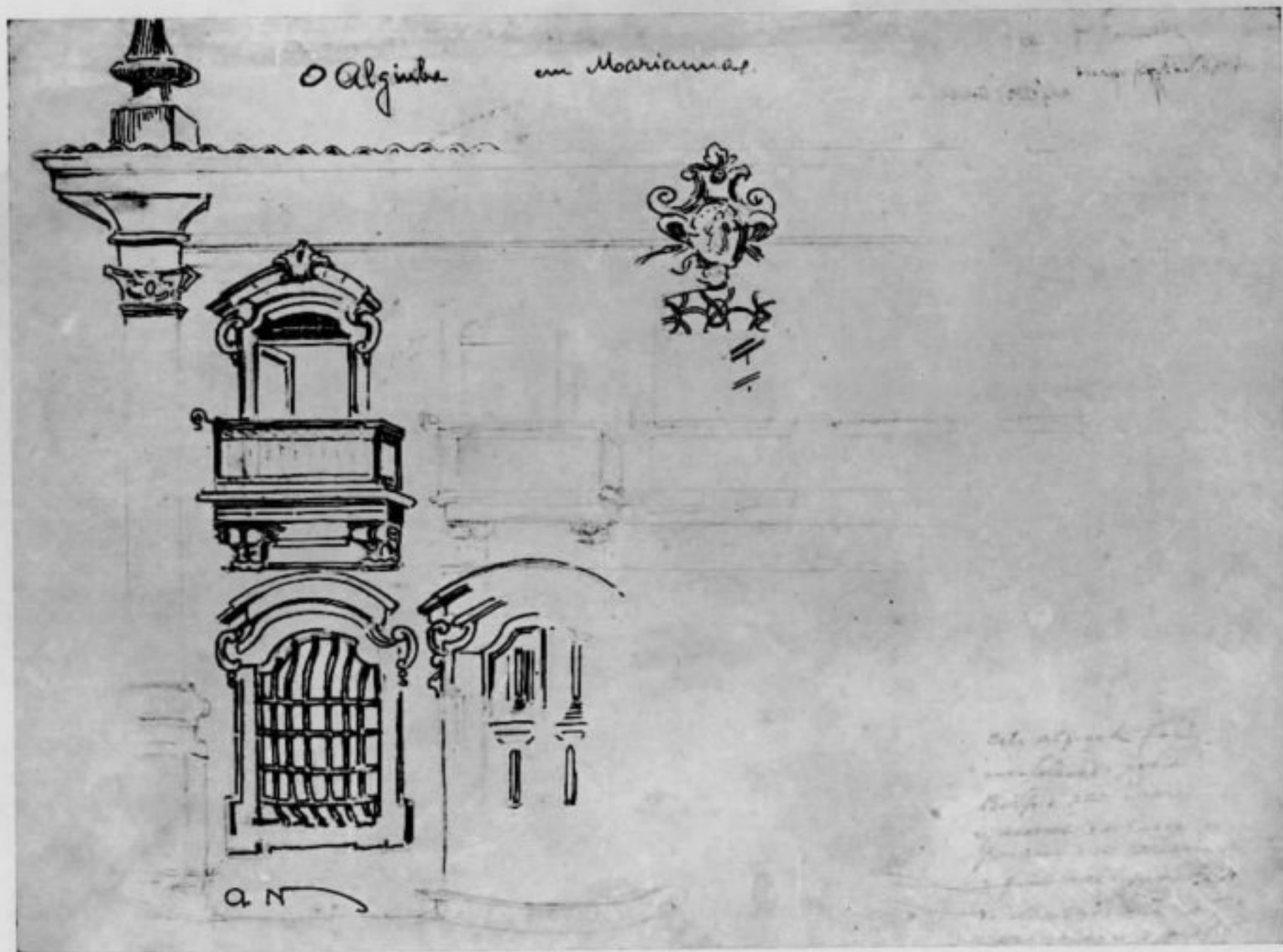
a parte de cima é de pedras
pintada imitando pedra
talcosa ou de baixo —



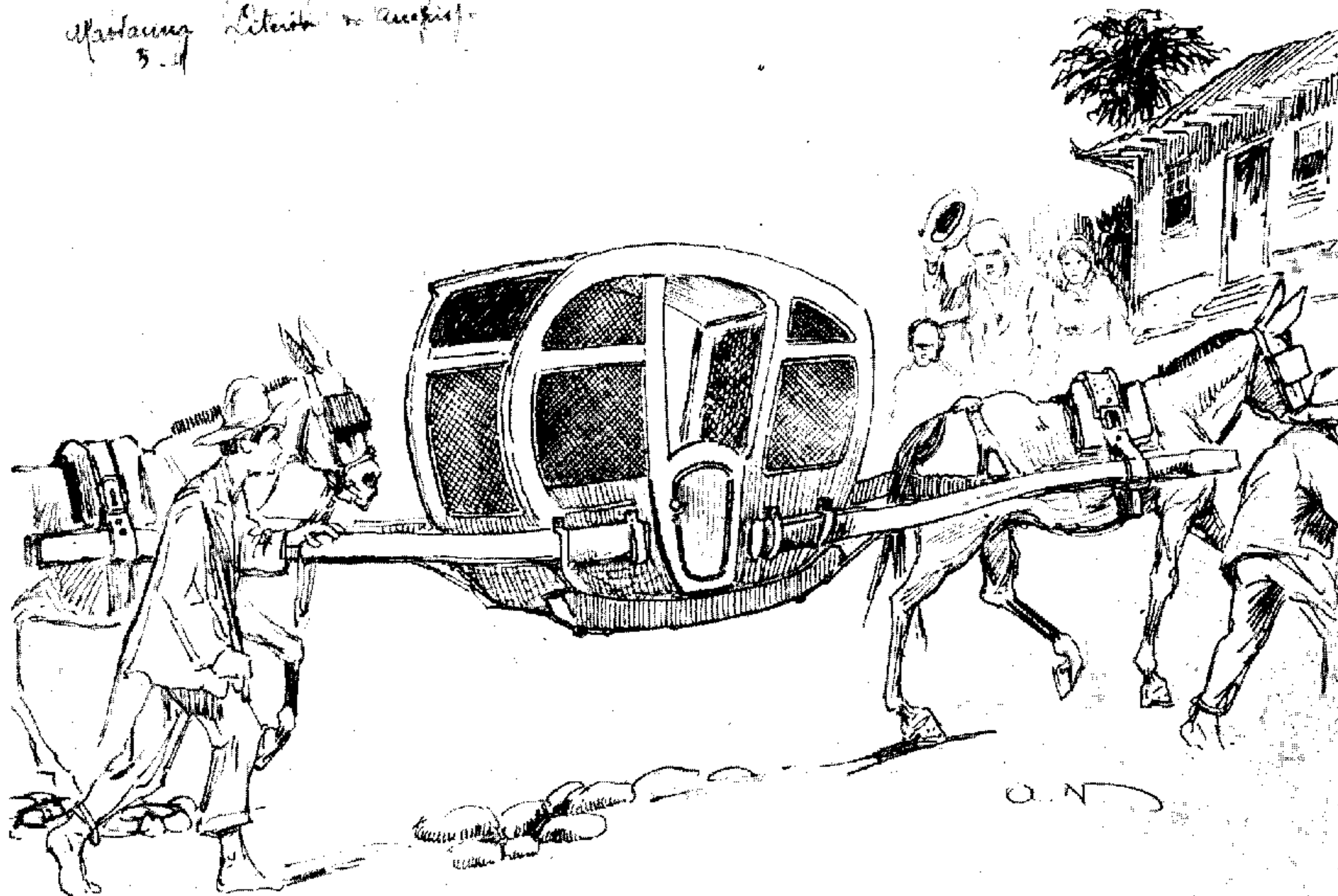
Chafariz do Largo
da Independência
Mariana

31.1.1921





Alfamaing Litcira do Arcebispo
5.11



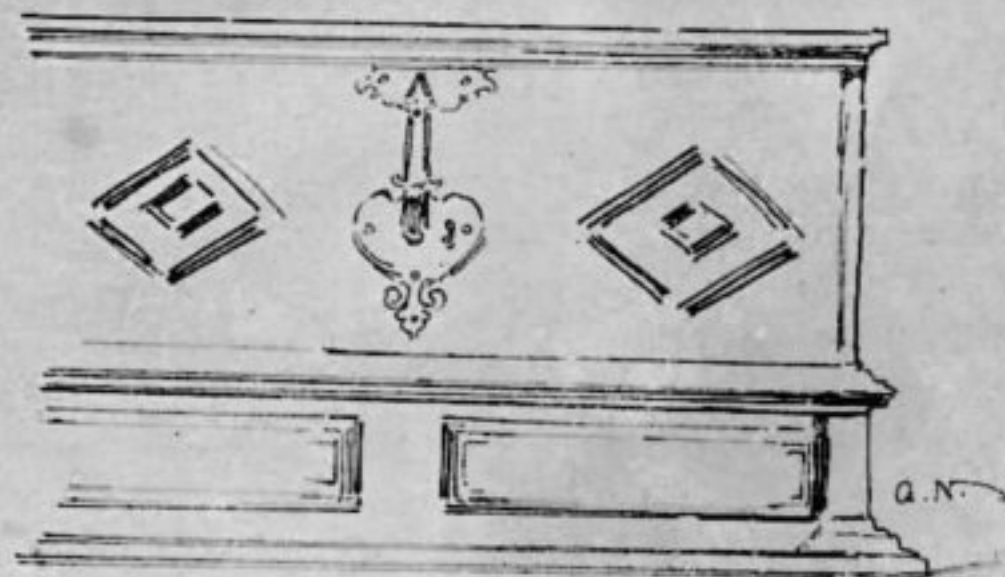
Arca para guardar paramentos

Marianna da matina
Siqueira

- 180. X 120 -

Armário
de
Induía

Sacristia de S.^a Francisca d.
Assis.
Marianna Sabarai





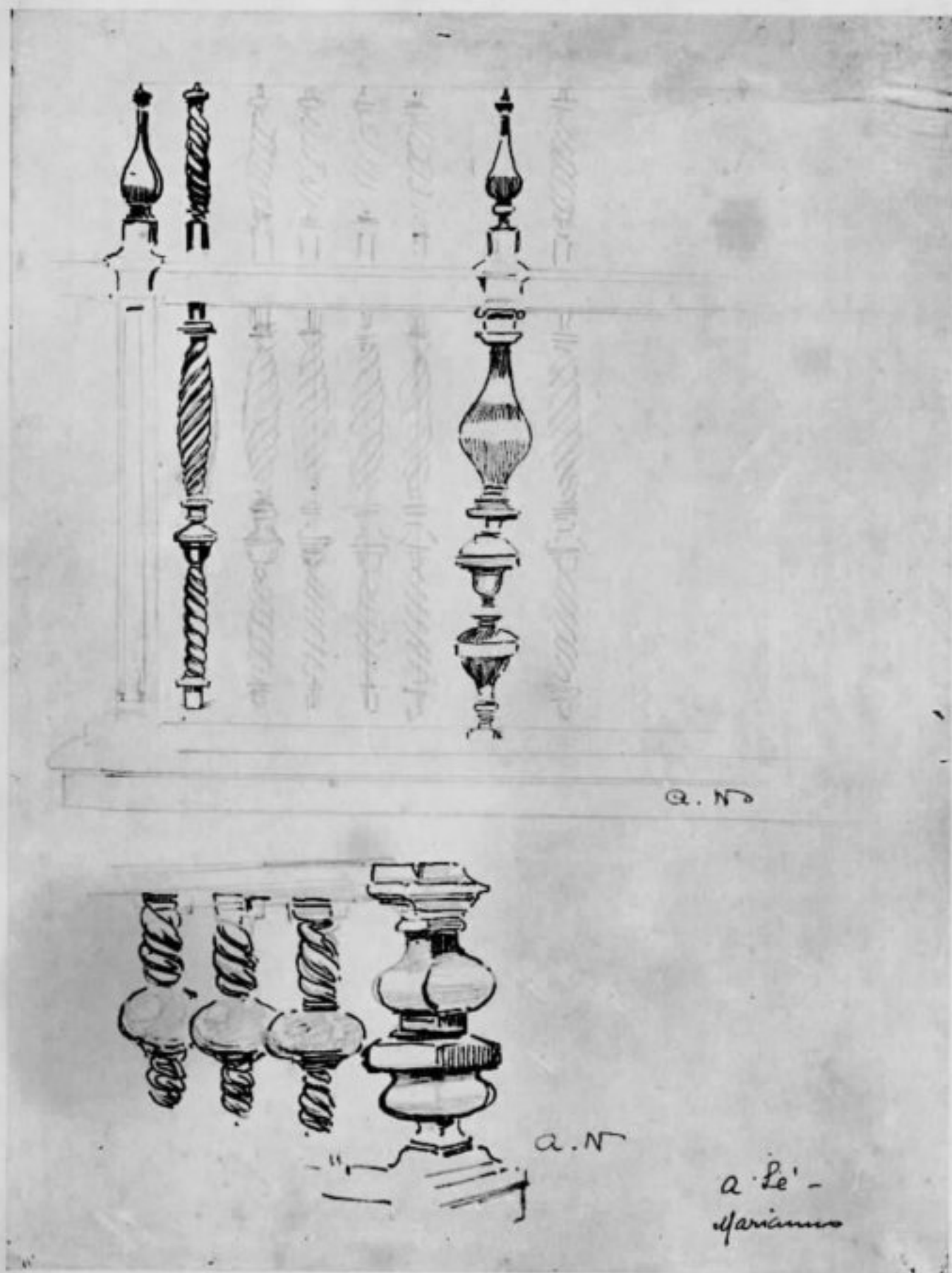
a.N.

portance ao Sr.
Arthur J. Bensusan
Diretor do Museu
Mariano
Pavajung.

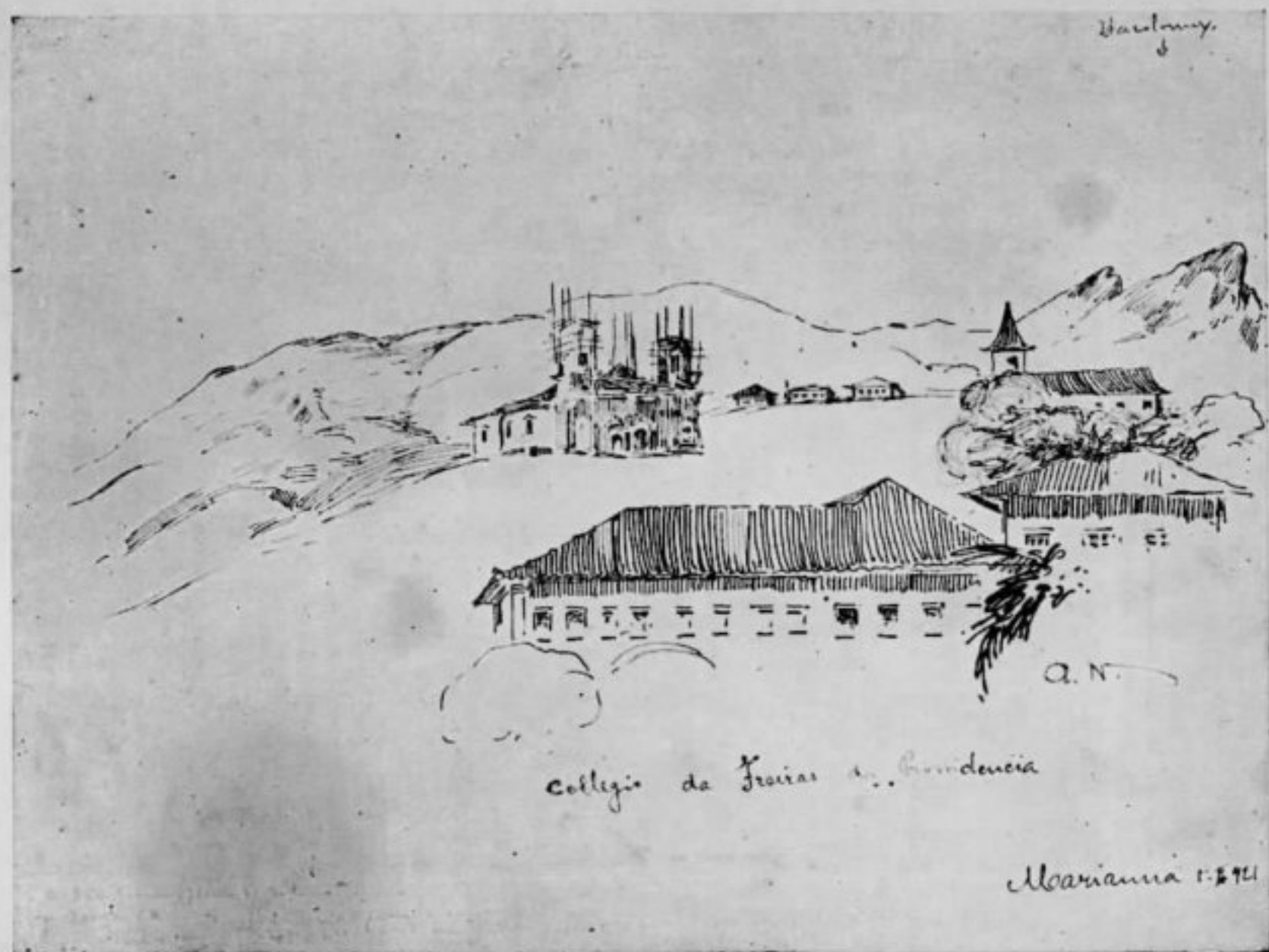


a.N.

portance ao Sr.
V.ª Moraes.
Mariano.



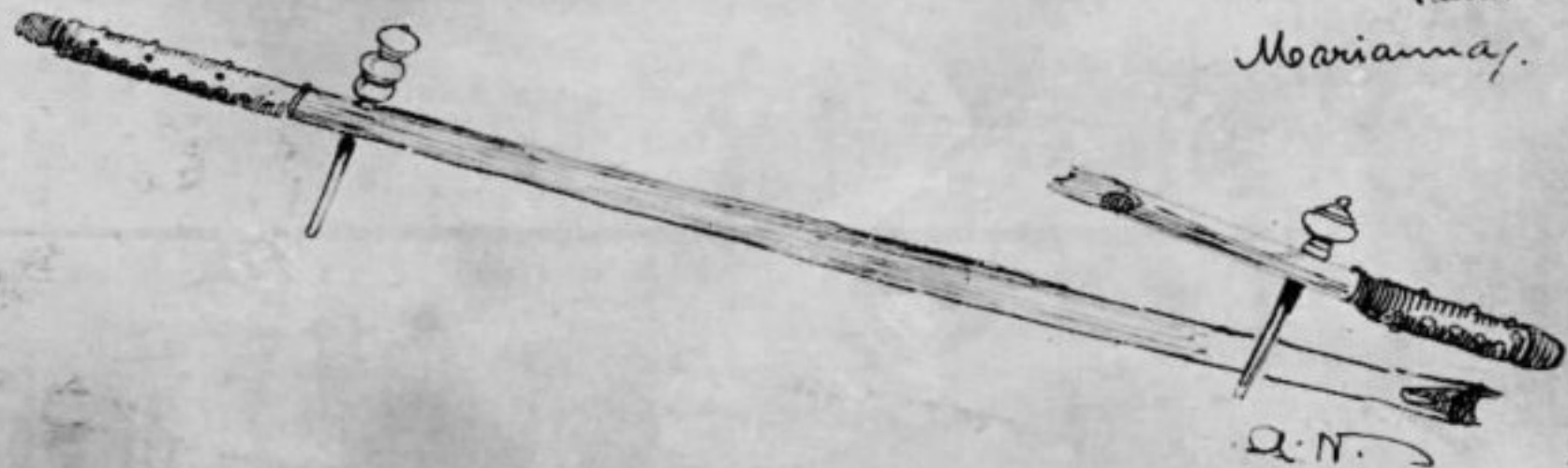
68 — Balaustres das grades da Sé de Mariana, Minas Gerais.



Ganha da Índia mede 3 m.⁹ 67 cms. para rede de Fidalgo
- 1750 -

Da Collecção do Sr.
Paulino da Silva
Santos

Mariana.

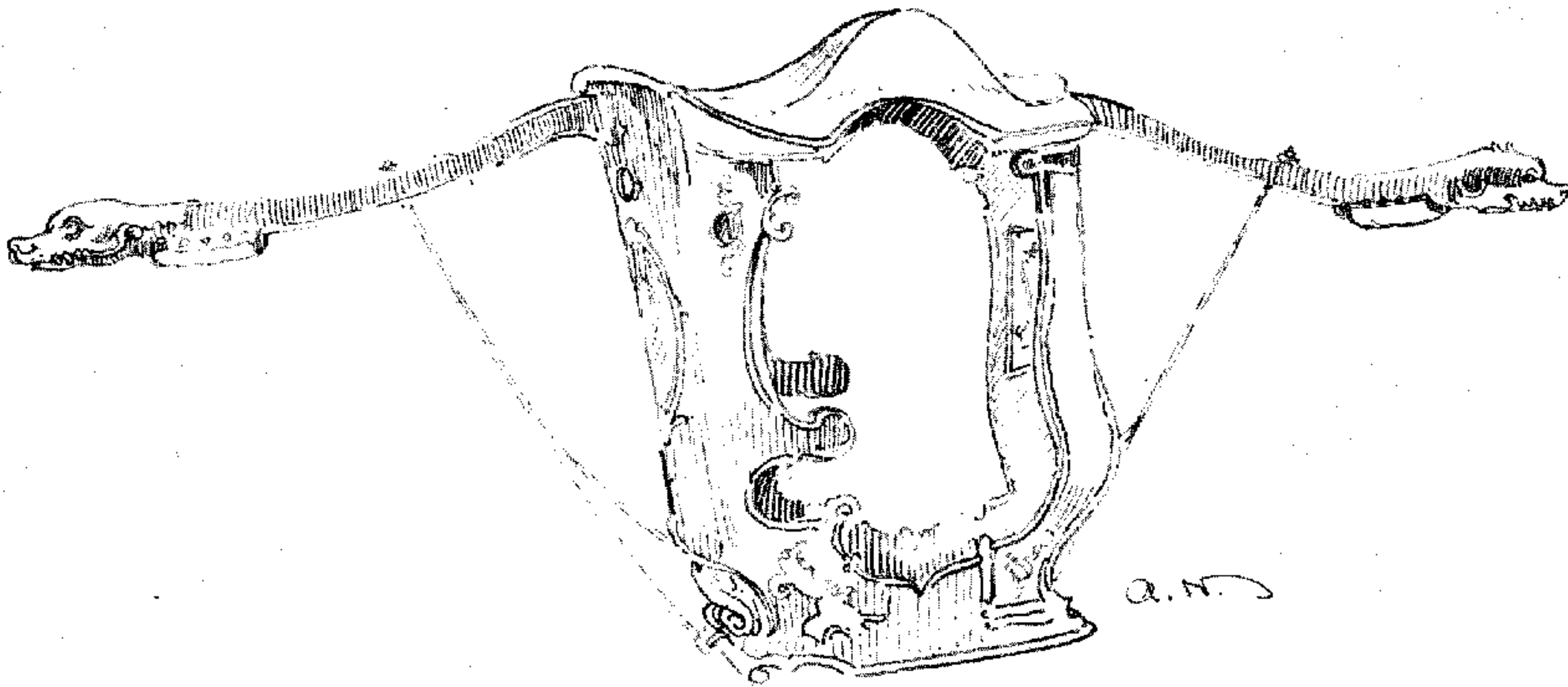




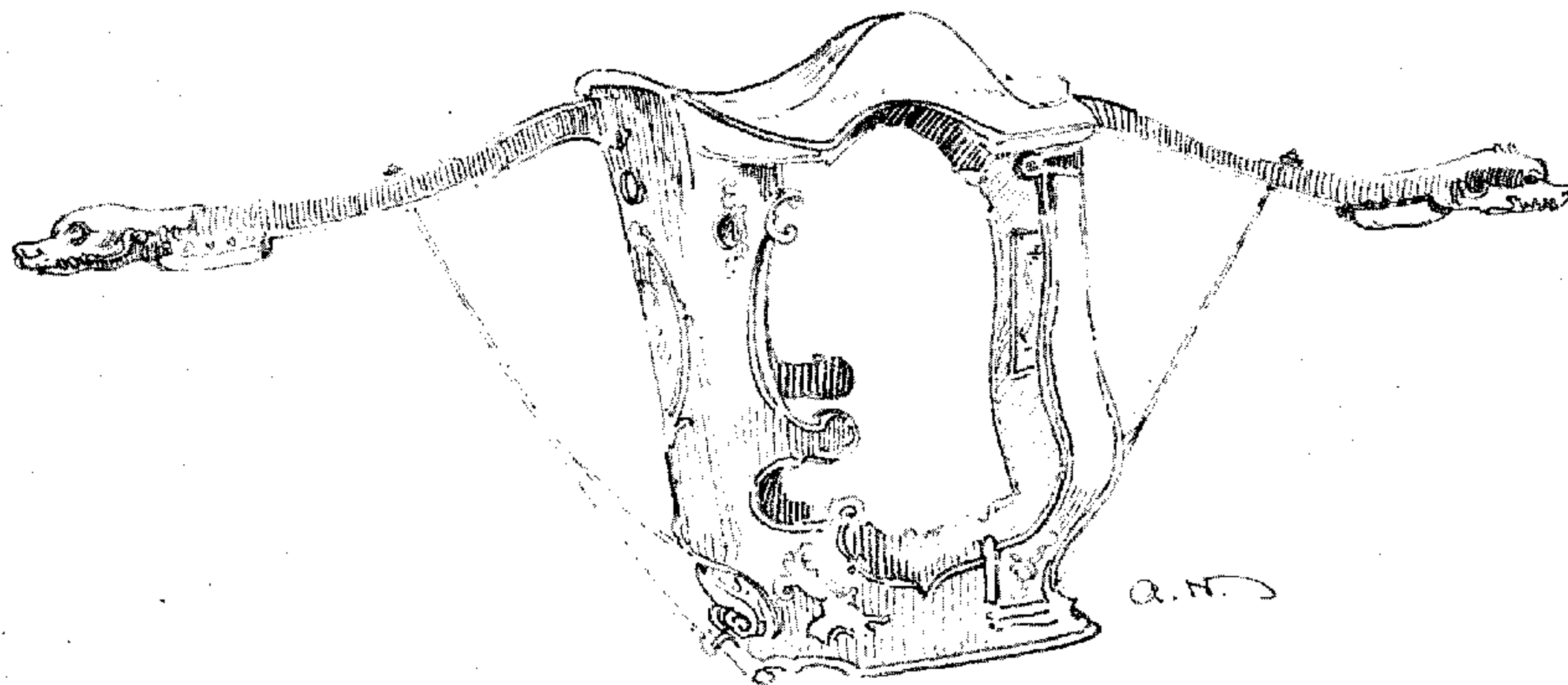
Casa da Ladeira de
S. Francisco de
Assis -
Mariana

31.12.1921

em abstração



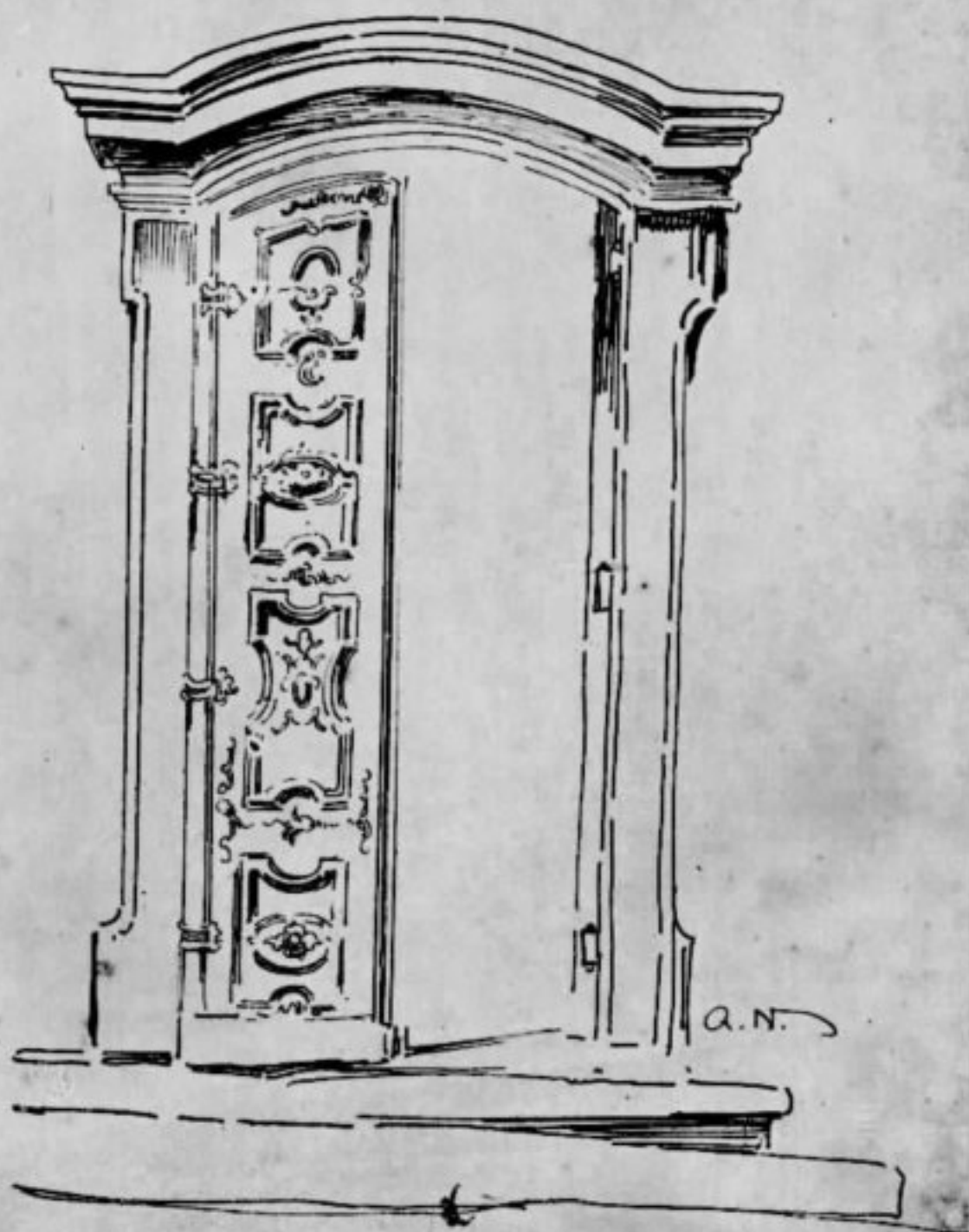
Mariana, 81.1.1921
 Antiga Cadeirinha das
 noivas. 1818. Esta cadeira é feita de
 madeira e decorada com angelim.



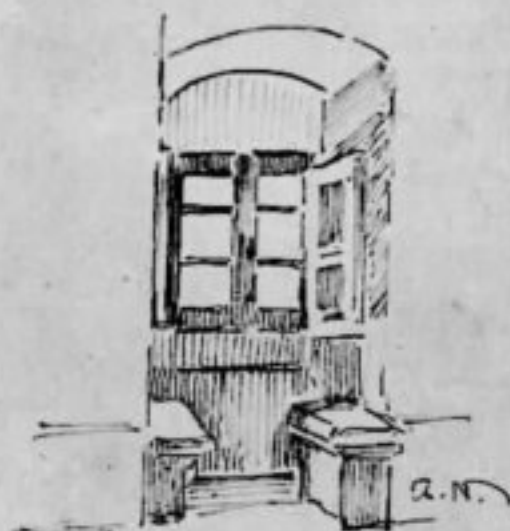
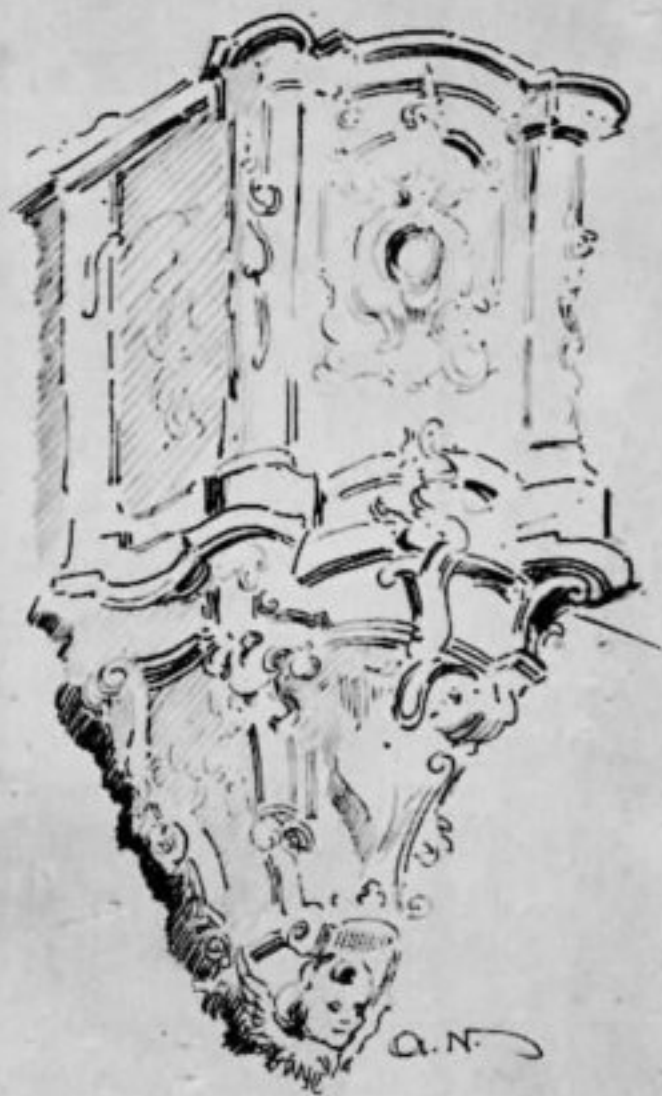
Mariana 31.10.1921
 Antiga Cadeirinha de
 Cadeirinha 1818 - Foi para a
 colocação e deitar as anilhas.

Porta lateral da
Igreja de S. Francisco
de Assis em Mariana.

A.D. — 1763

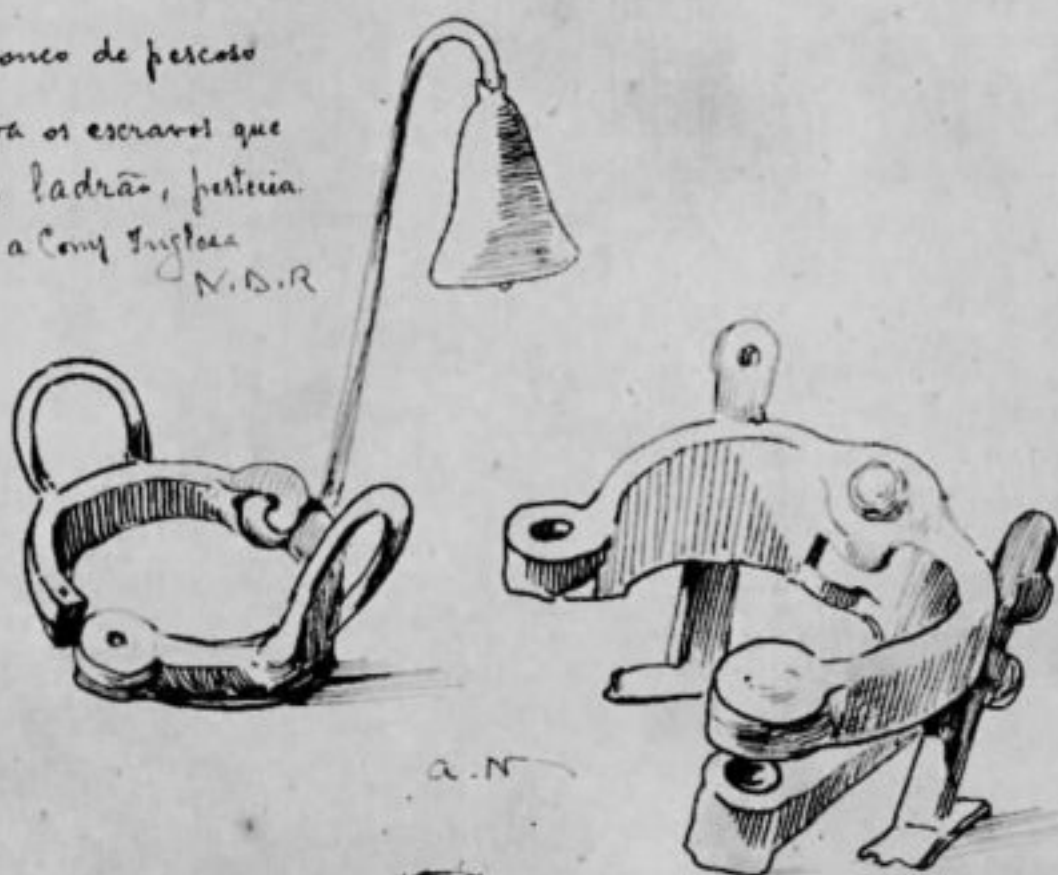


Púlpito da Igreja de
 São Francisco de Assis
 em Mariana. Minas
 época - 1763 -
 em pedra talhada.



Pozal

Tronco de pescoso
para os escravos que
era ladrão, pertencia
to a Comp. Inglesa
N.D.R.



a.N.

O: Pega - pesa
1/2 arroba -

Pertence a mesma
Comp. Inglesa.
N.D.R.



Blasão de
 Nobreza cristiana foyente
 do Padre Fraga -
 - Bento Rodriguez -
 Districto de
 Mariana

a.N.

Pertence hoje ao Sr.
 Paulino Batista Santos

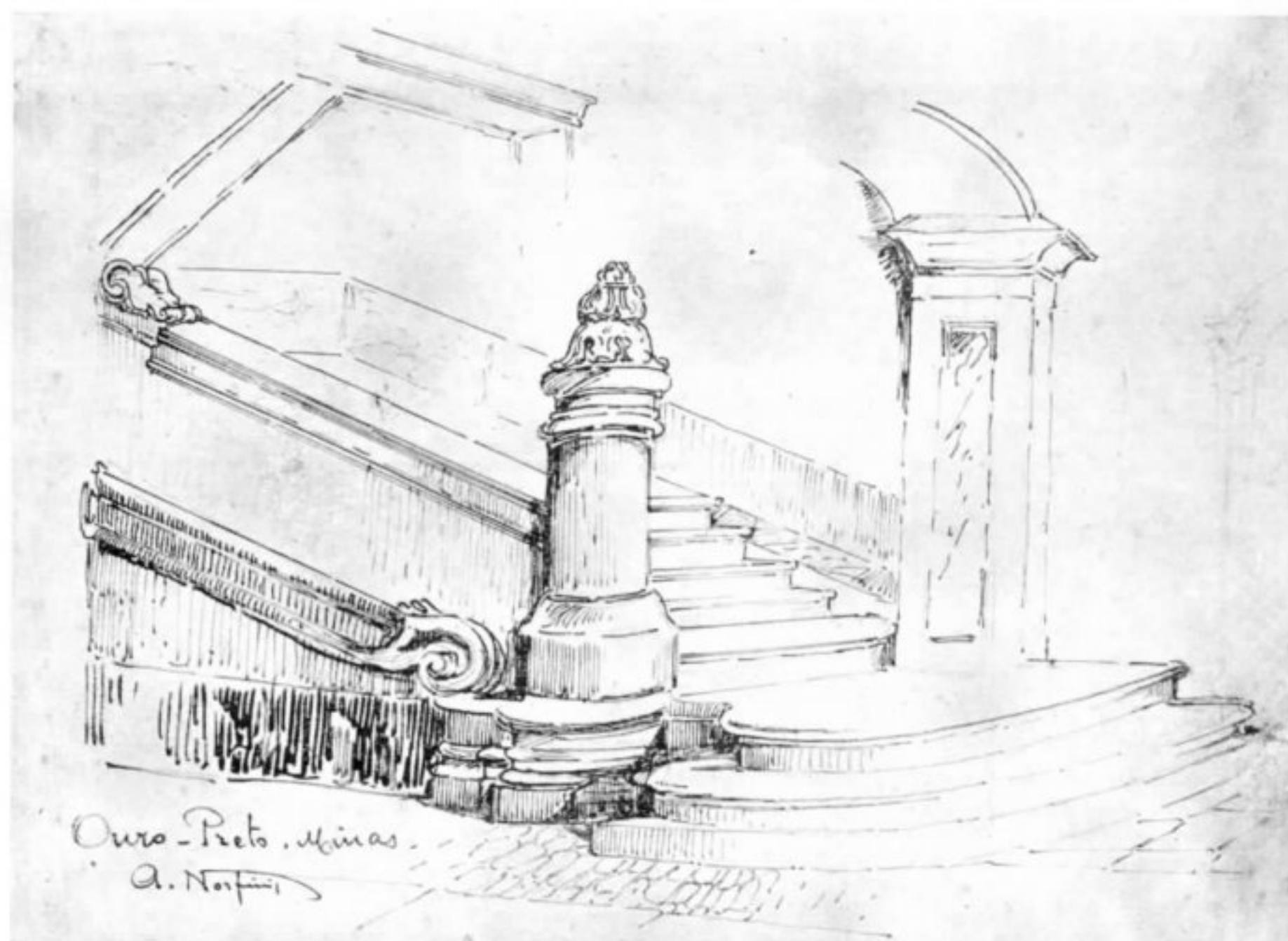
Mariana



77 — Igreja do Rosário, Ouro Preto, Minas Gerais.

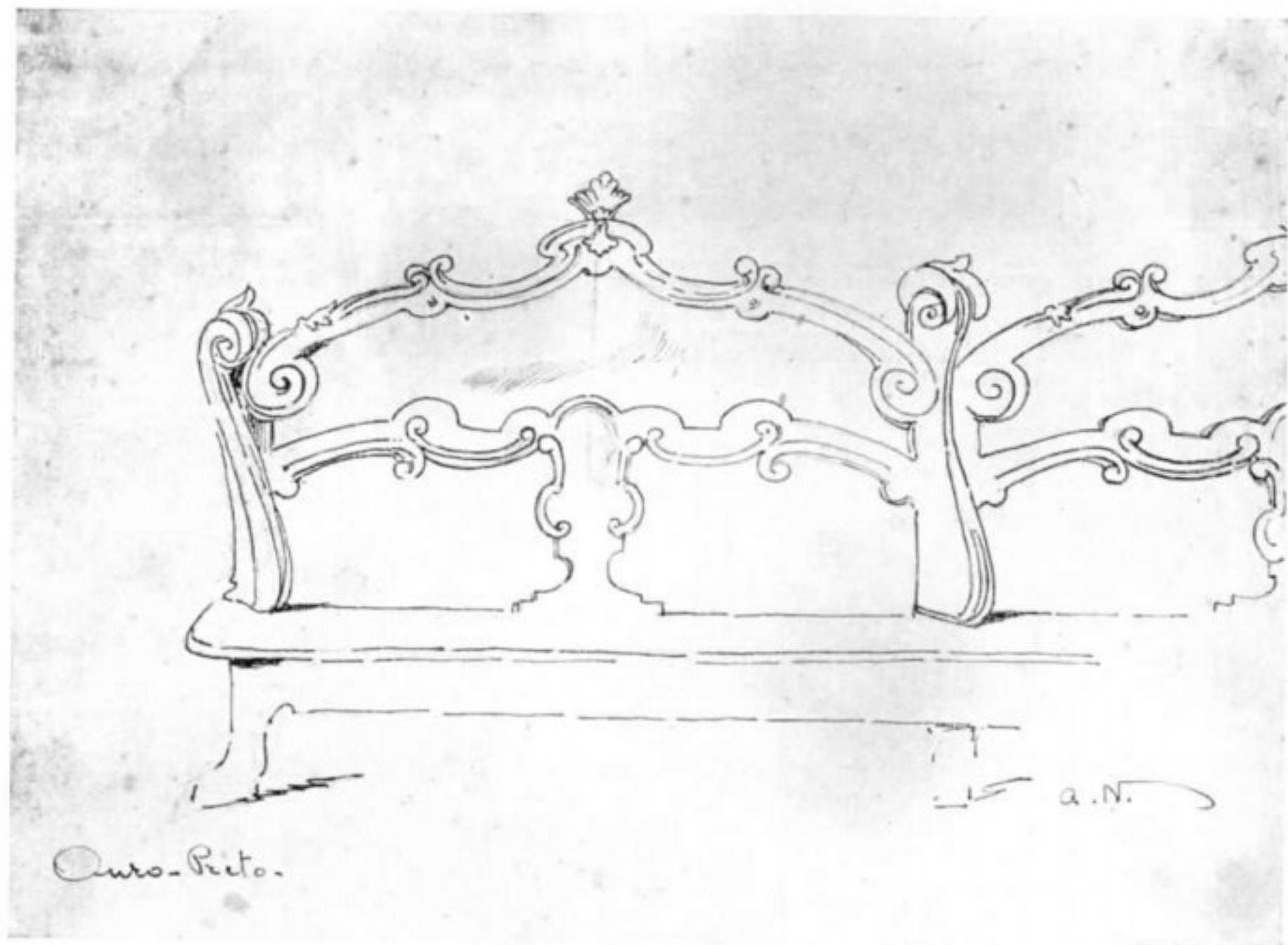


78 — Igreja do Rosário. Ouro Preto, Minas Gerais.

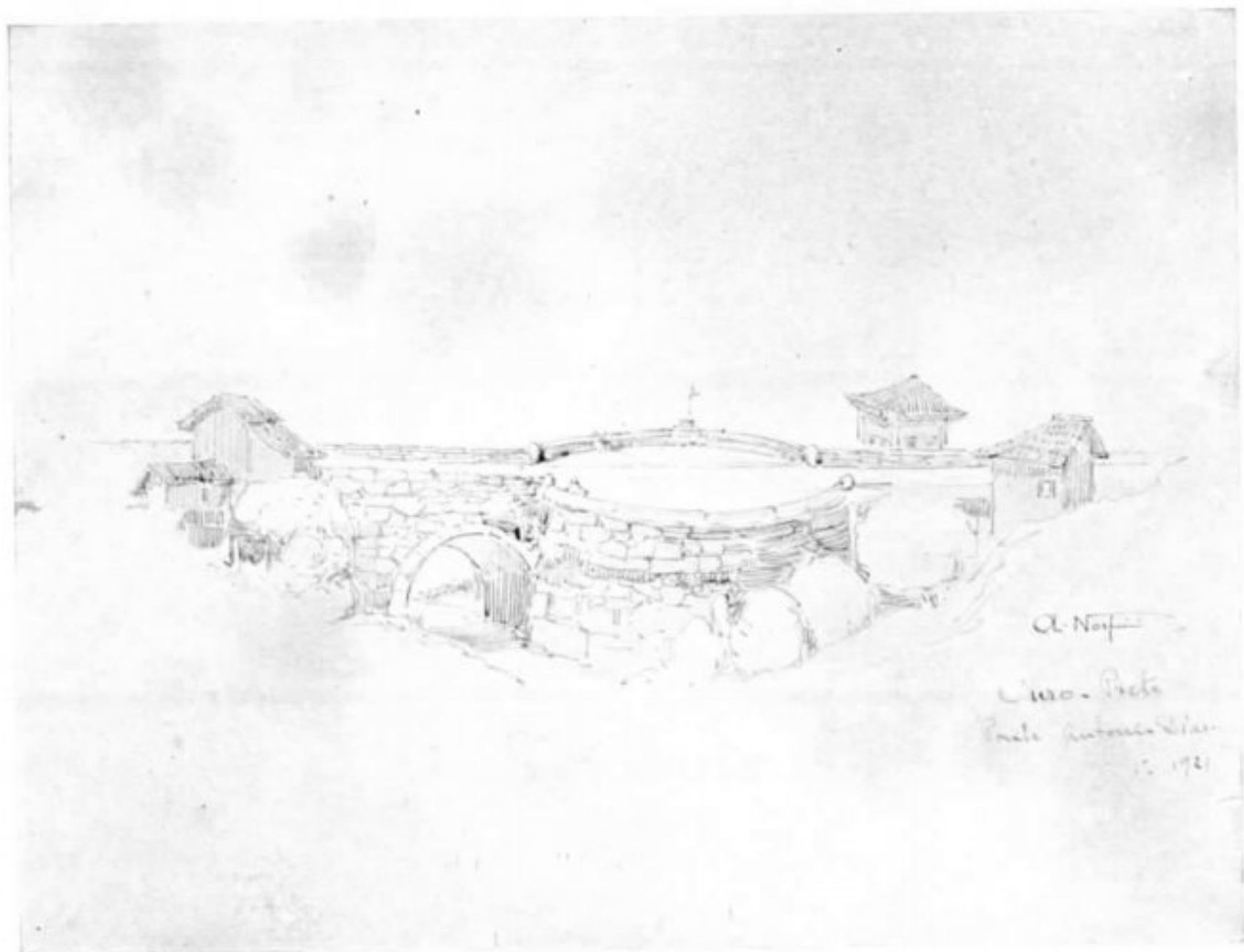












84 — Ponte de Antônio Dias, Ouro Preto, Minas Gerais.



Igreja de São
Francisco de
Assis

Ouro-Preto
26.1.1921

um dos bellos
púlpitos attribuidos
ao abadeiro, e em
pouca medida, lembrando o pulpitino de



86 — Ponte da rua do Pilar. Ouro Preto. Minas Gerais.



Ouro Preto
Igreja S. Francisco
de Assis —
28. I. A. A. A.



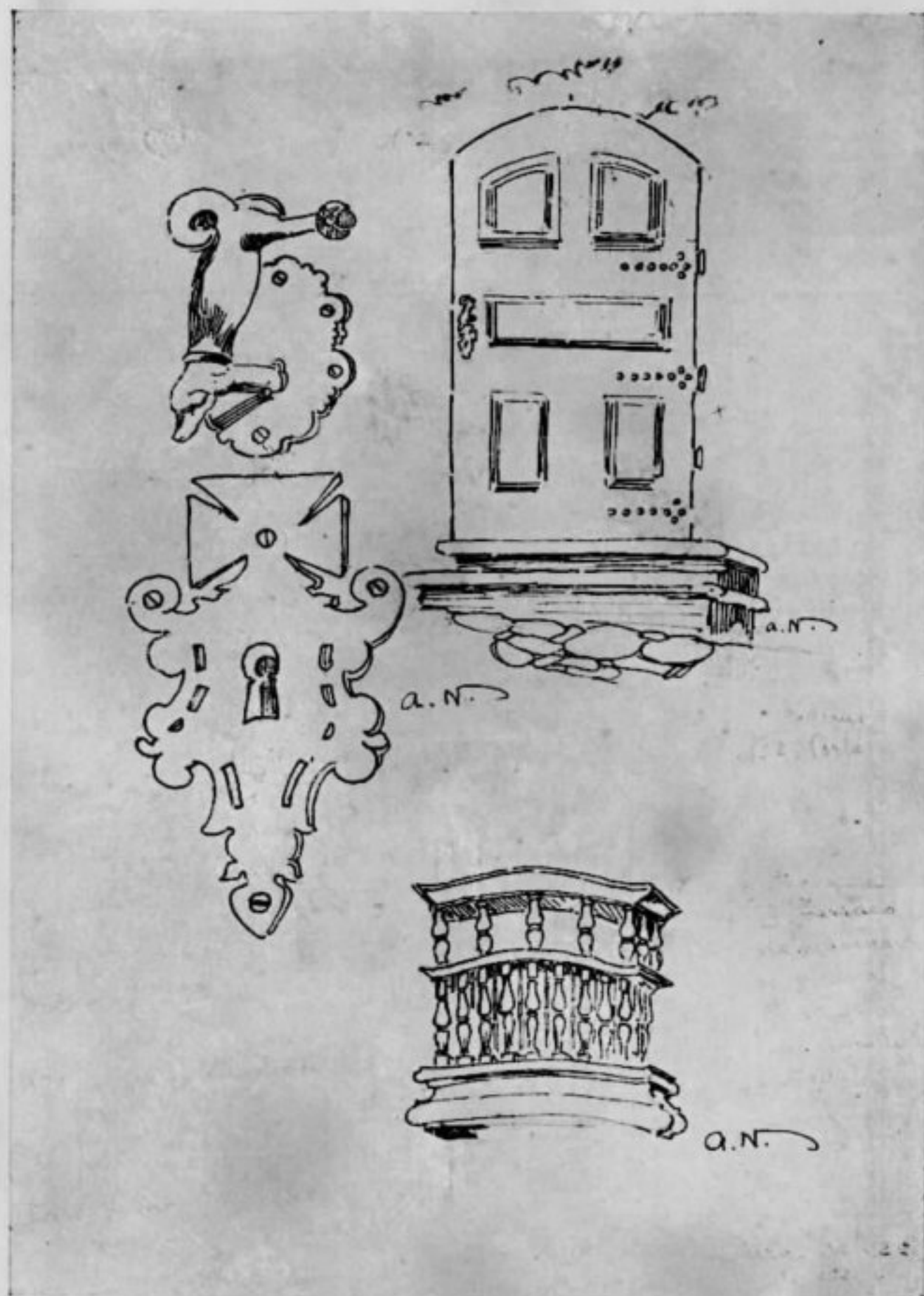
O Padeiro -
Costumes mineiros, Ouro-Preto.



89 — Casa dos Inconfidentes, Ouro Preto, Minas Gerais.



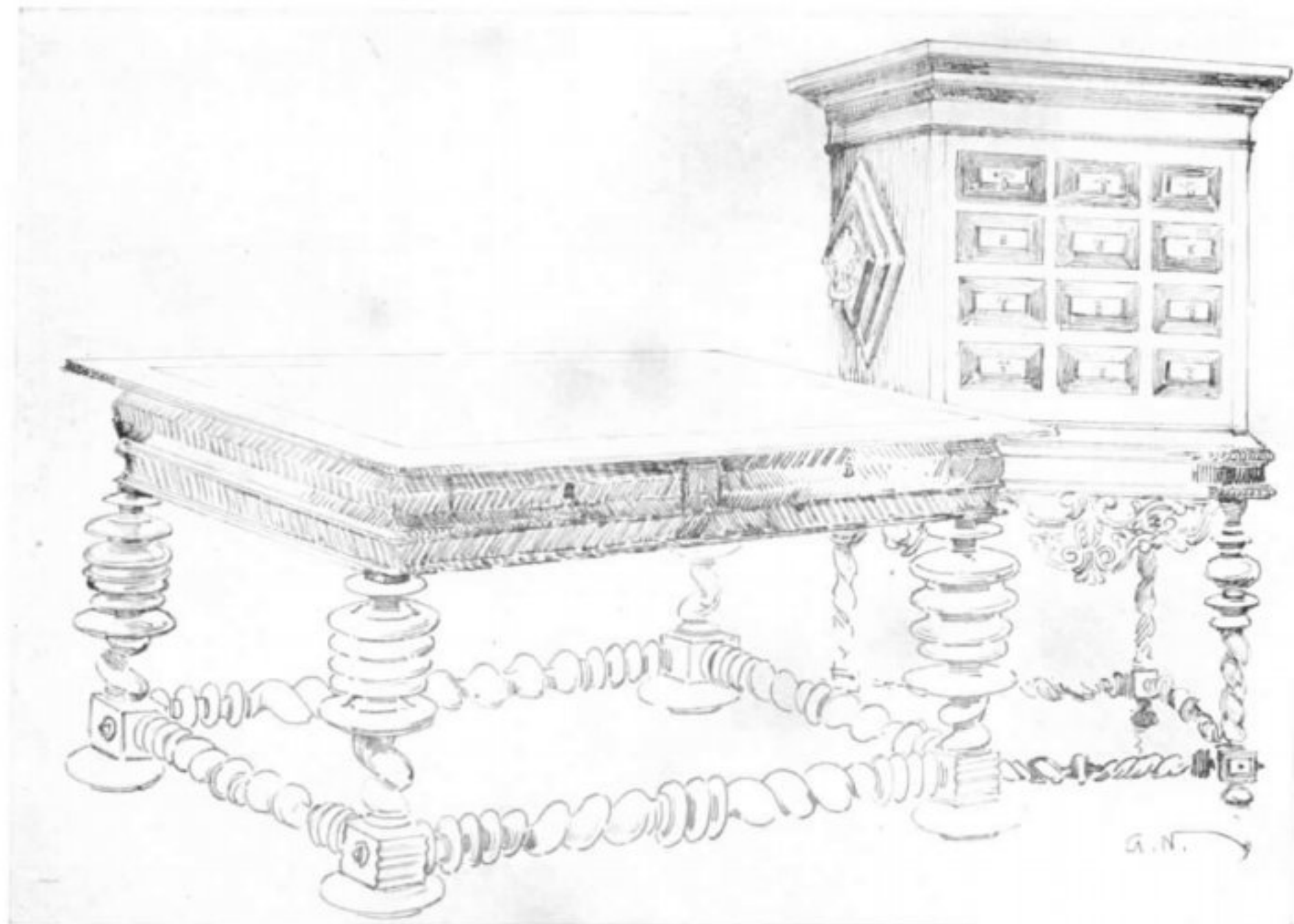
90 — Vista de Ouro Preto, Minas Gerais.



91 — Pormenores arquiteturais. Ouro Preto. Minas Gerais.



92 — Capela do Paço dos Governadores, Ouro Preto, Minas Gerais.



93 — Mobiliário colonial. Ouro Preto, Minas Gerais.



Ouro-Prêto
quintas
a Pedra pequena do Itacolomy.
(Itacolomy quer dizer Filho da Pedra -



95 — Chafariz de Antônio Dias, Ouro Preto, Minas Gerais.

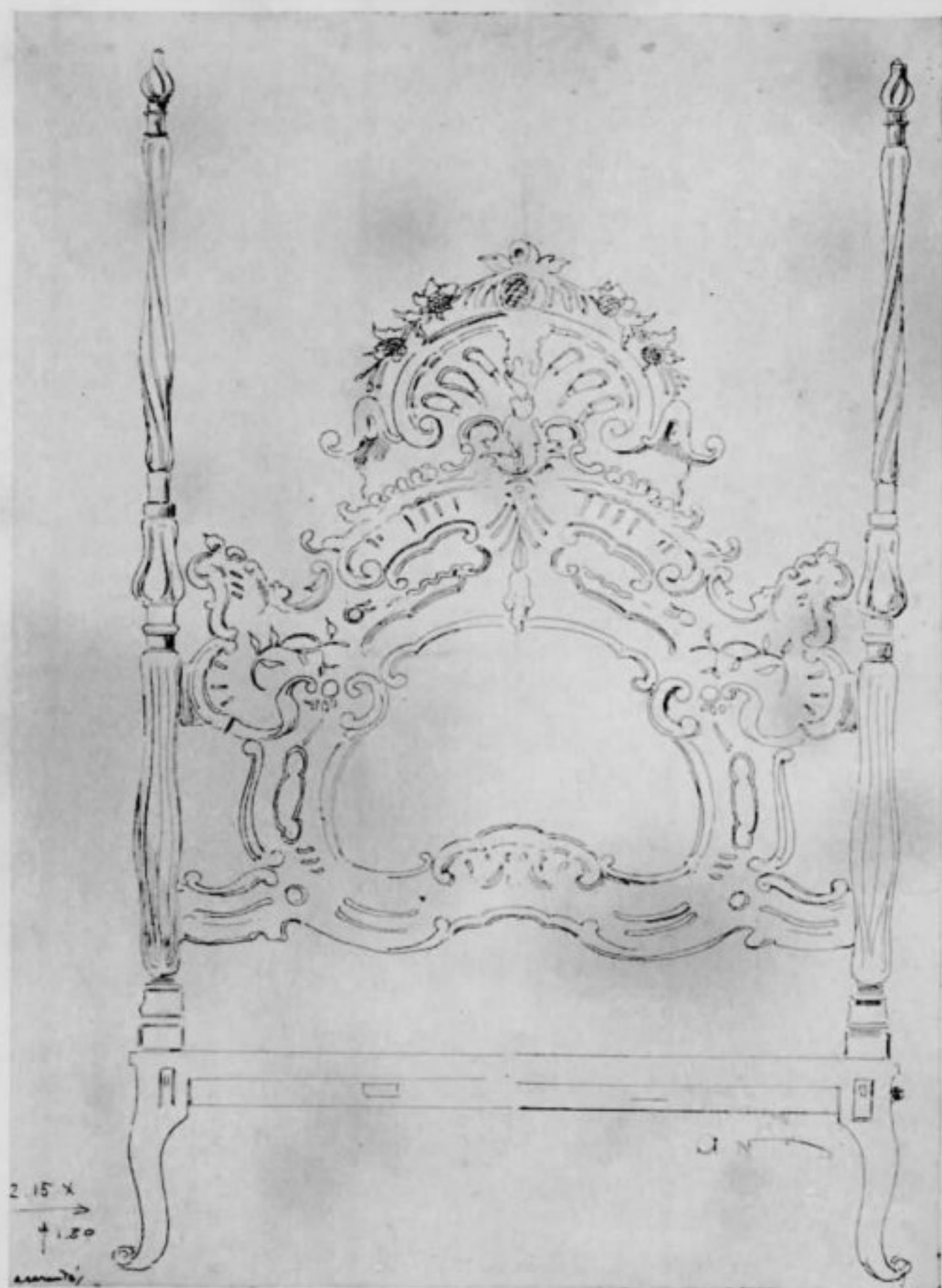


96 — Chafariz do largo de Dirceu. Ouro Preto. Minas Gerais.

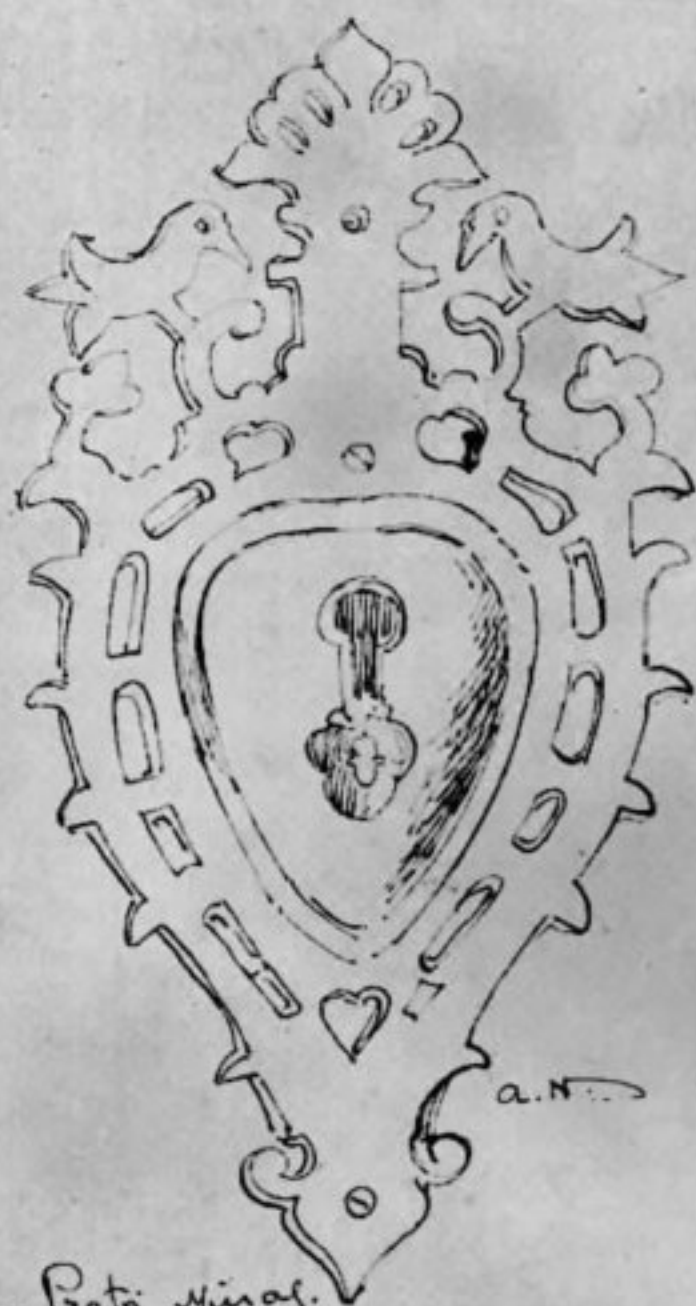


97 — Lavabo de pedra. Ouro Preto. Minas Gerais.





99 — Cama colonial. Ouro Preto. Minas Gerais.



Ouro - Preto Minas.
 Espelho de uma fechadura
 de porta de rua, tamanho
 natural - Ferro Vellido -



Ouro - Preto
tamanho natural



Ouro Preto

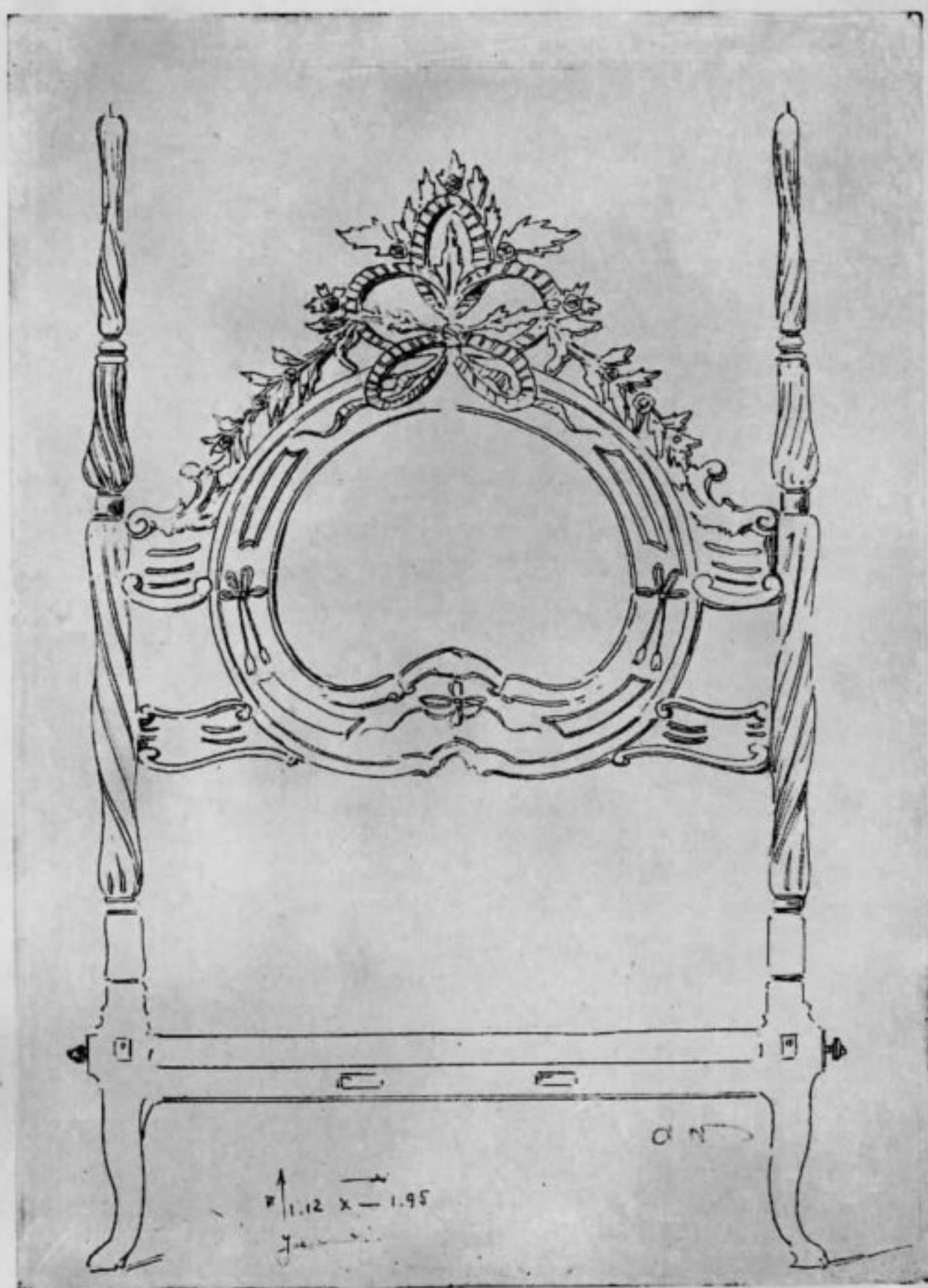
Antiga Matriz de Villa Rica
a cruz é de pedra e alta 22.

A Igreja foi fundada pelo frei
de Padre Faria - o primeiro

Padre no tempo de descoberta

altas não esculpiram o domo e a cruz





104 — Cama colonial. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.



105 — Casa da Inconfidência, S. José d'El-Rei, Minas Gerais.

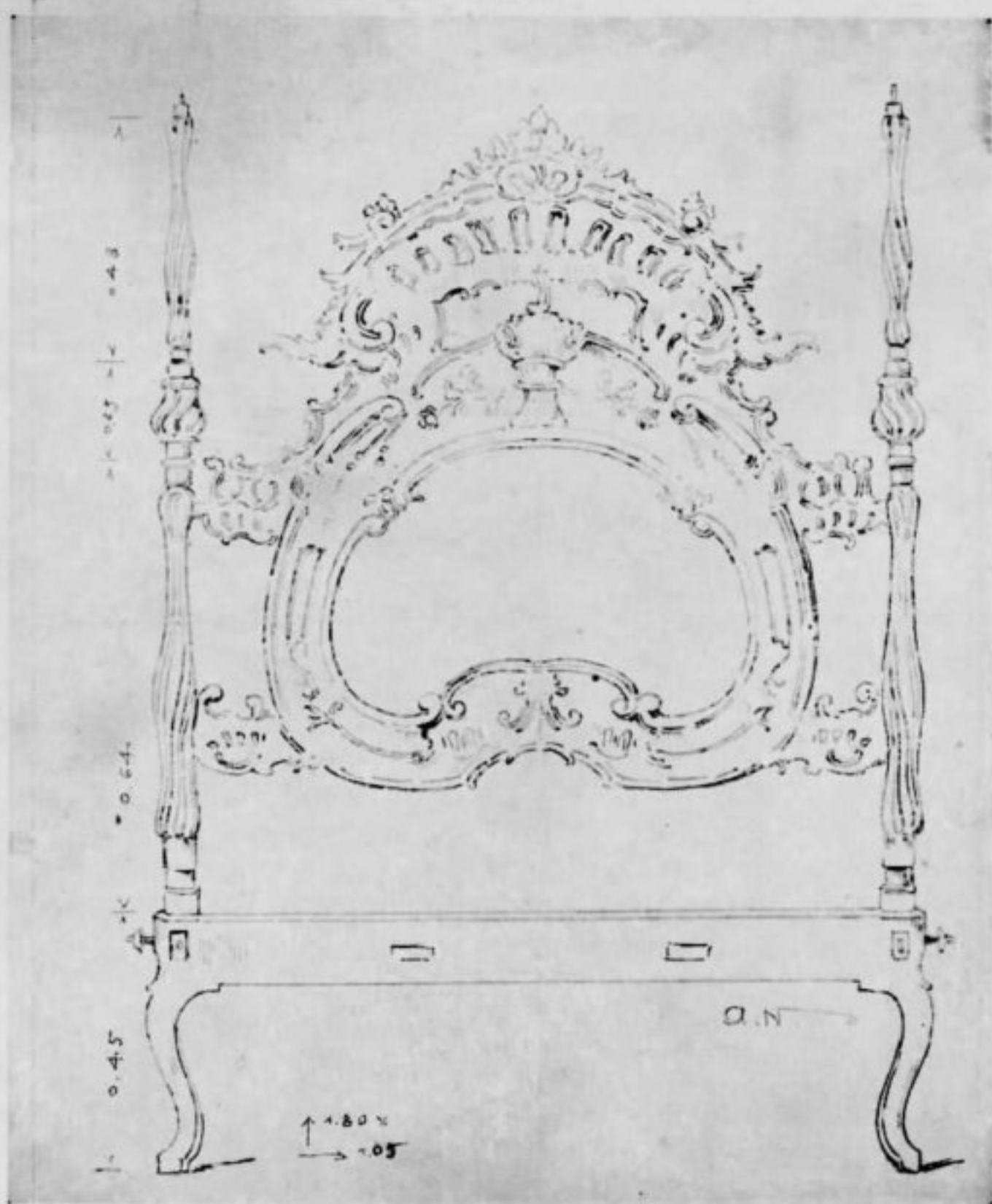


Declaro que, esta vista é
da Casa Inconfidentes, Tiradentes,
Proprietor Alfredo Norfini, e
se denuncia de Inconfidentes
Tiradentes, 19 de Janeiro de 1921
João Baptista Gomes
Presidente da Câmara

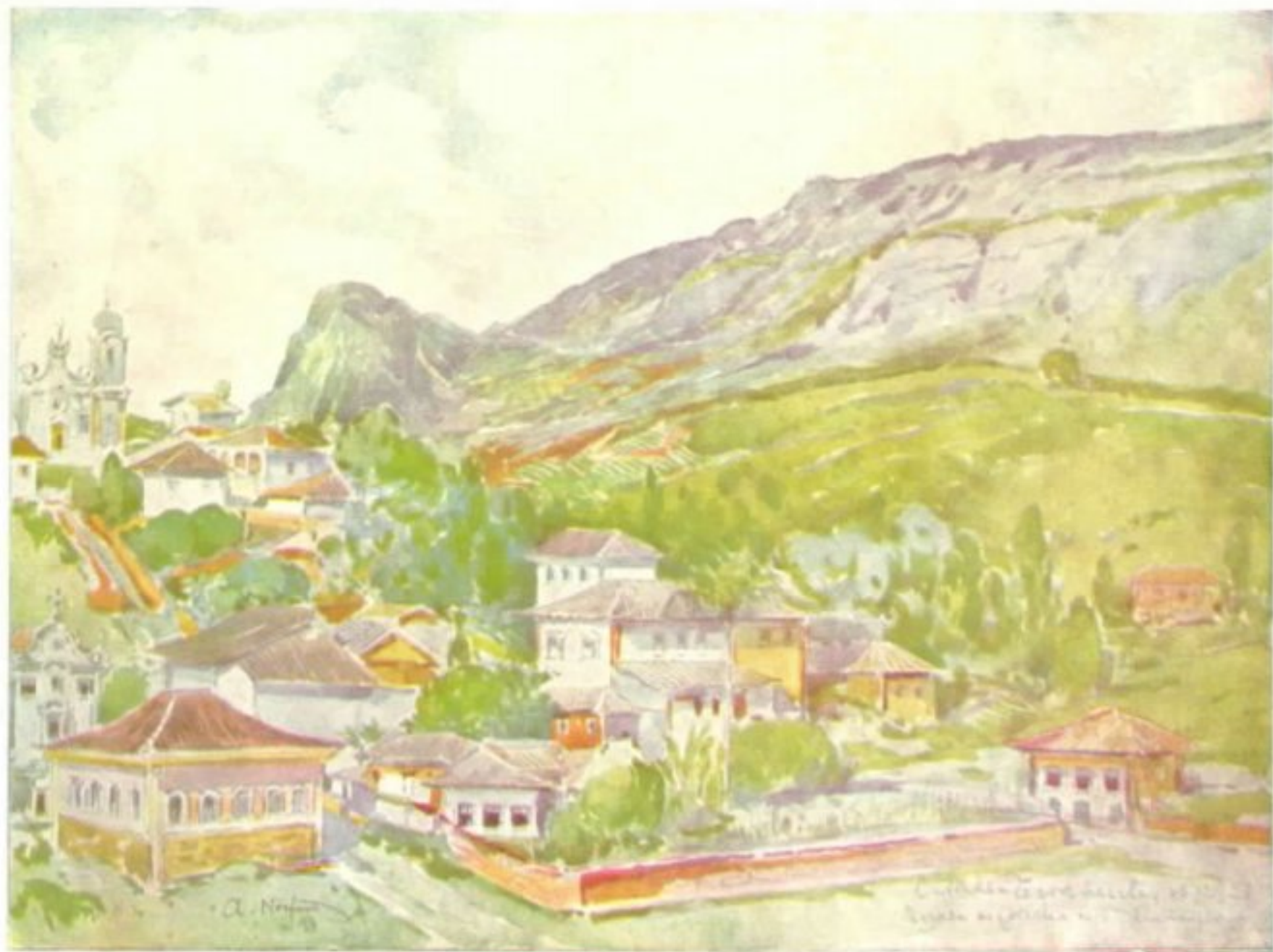




107 — Igreja do Rosário. S. José d'El-Rei, Minas Gerais.



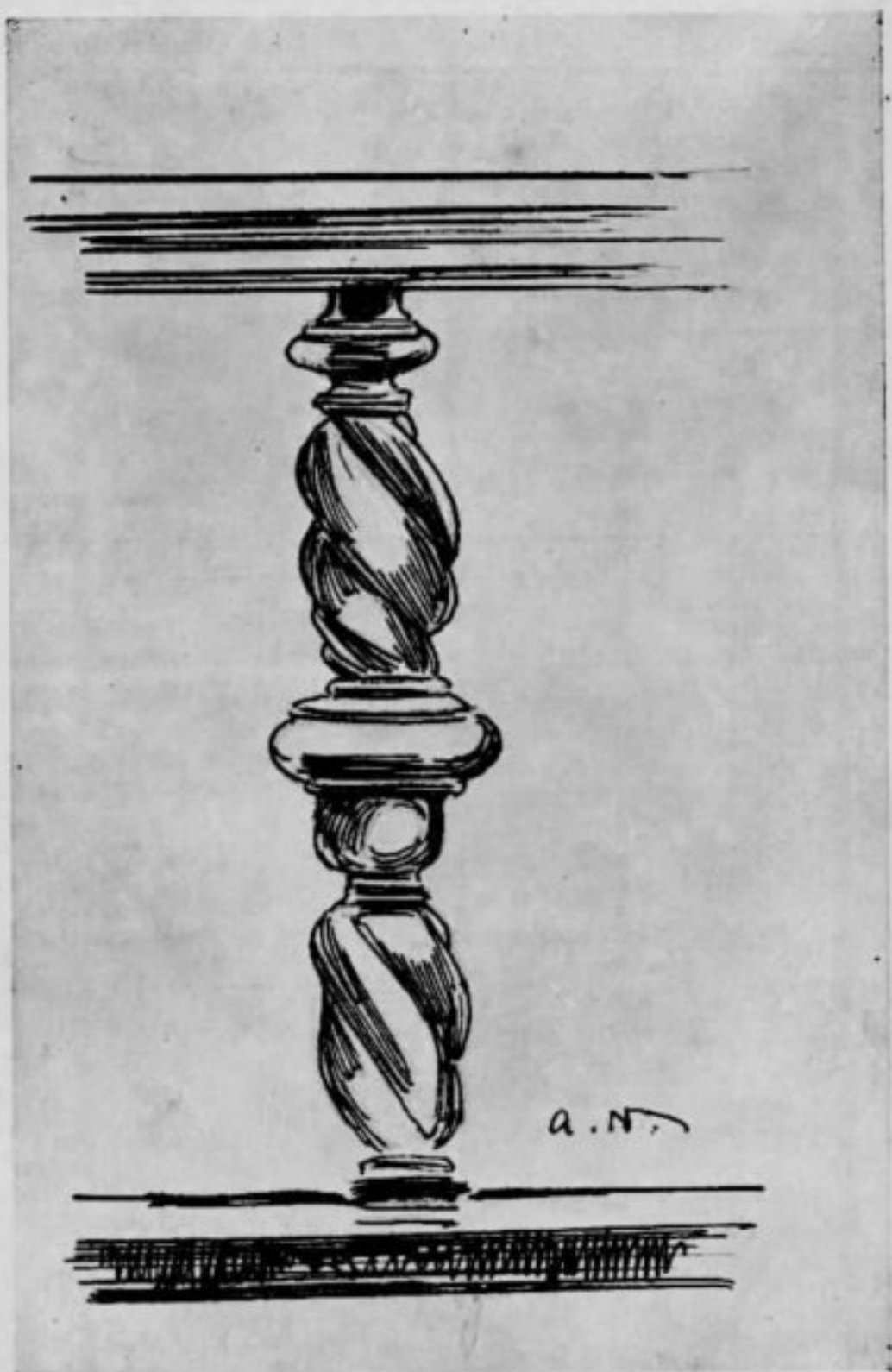
108 — Cama colonial. S. José d'El-Rei. Minas Gerais.





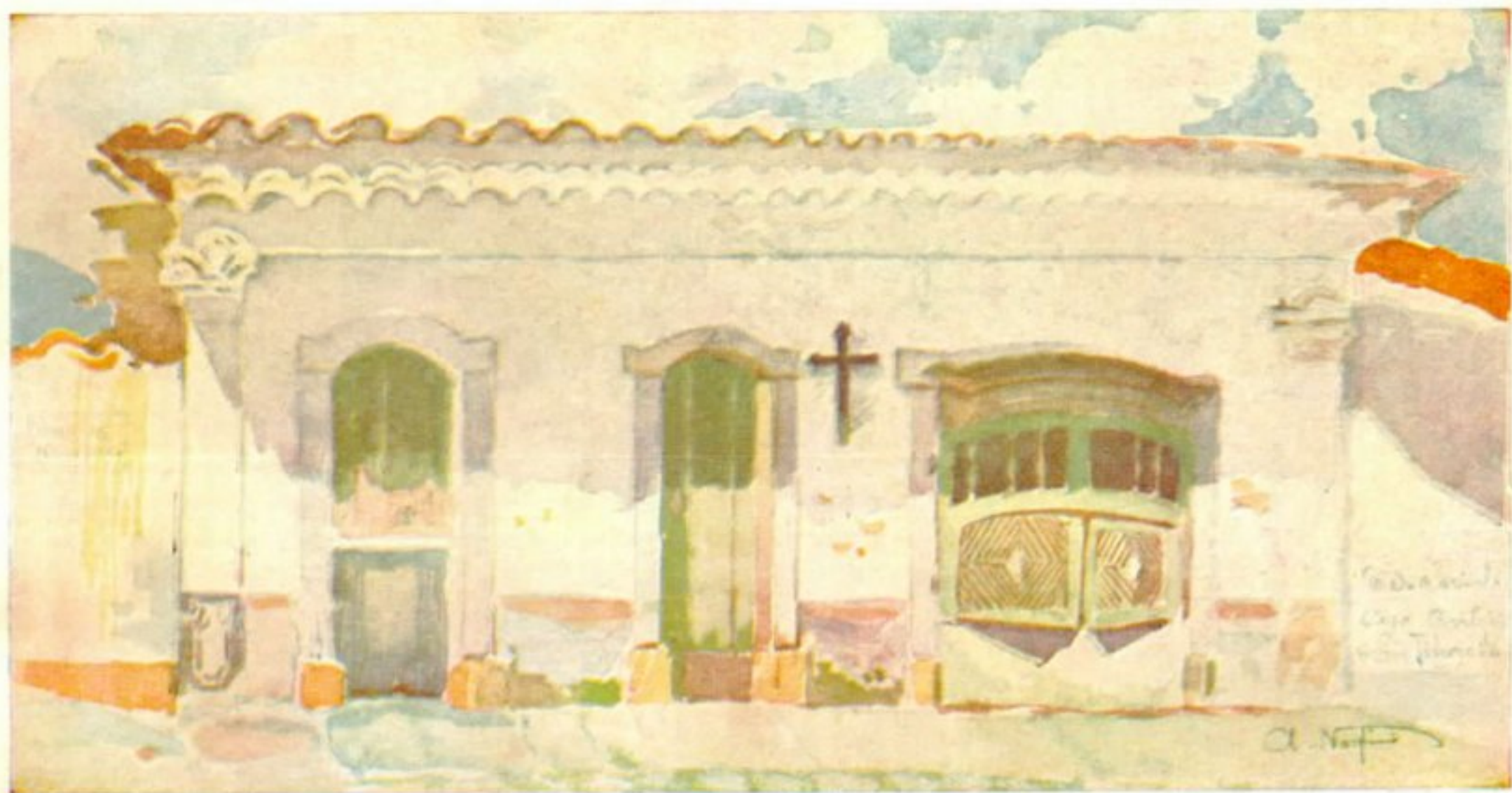
a.N.

Lampadário
para M. 140
para 5 velas



111 — Balaústre, S. José d'El-Rei. Minas Gerais.







114 — Travessa Tiradentes, S. José d'El-Rei, Minas Gerais



115 — Vista da entrada de S. José d'El-Rei. Minas Gerais.



116 — Igreja do Bonfim. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.



117 — Igreja de S. Francisco de Assis, S. João d'El-Rei, Minas Gerais.



119 — Pelourinho, S. João d'El-Rei, Minas Gerais.



120 — Vista de S. João d'El-Rei. Minas Gerais.







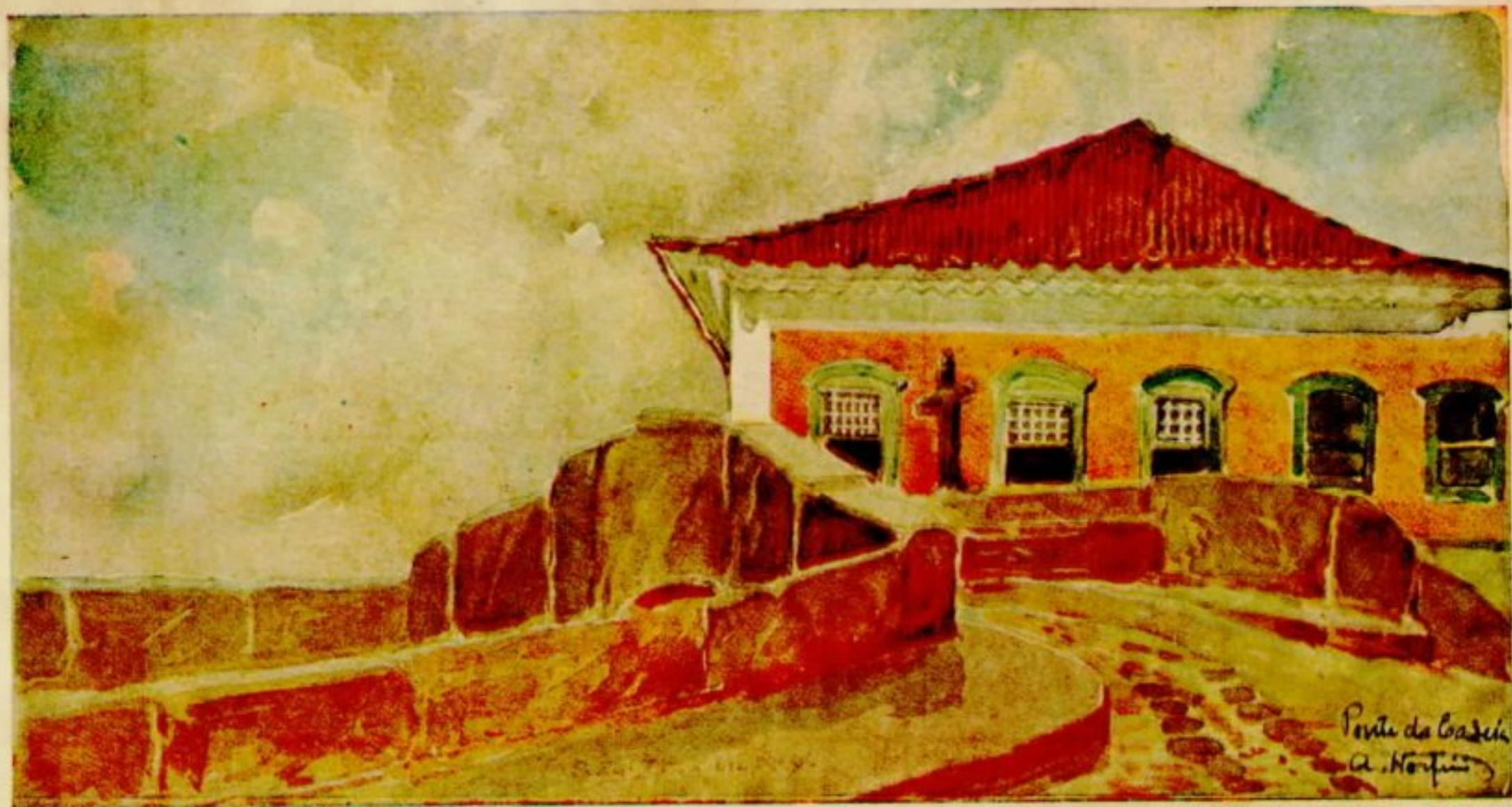
123 — Vista de S. João d'El-Rei. Minas Gerais.



S. João d'El-Rei.
Entrada que vai para Bomfim.
16. 1. 1921



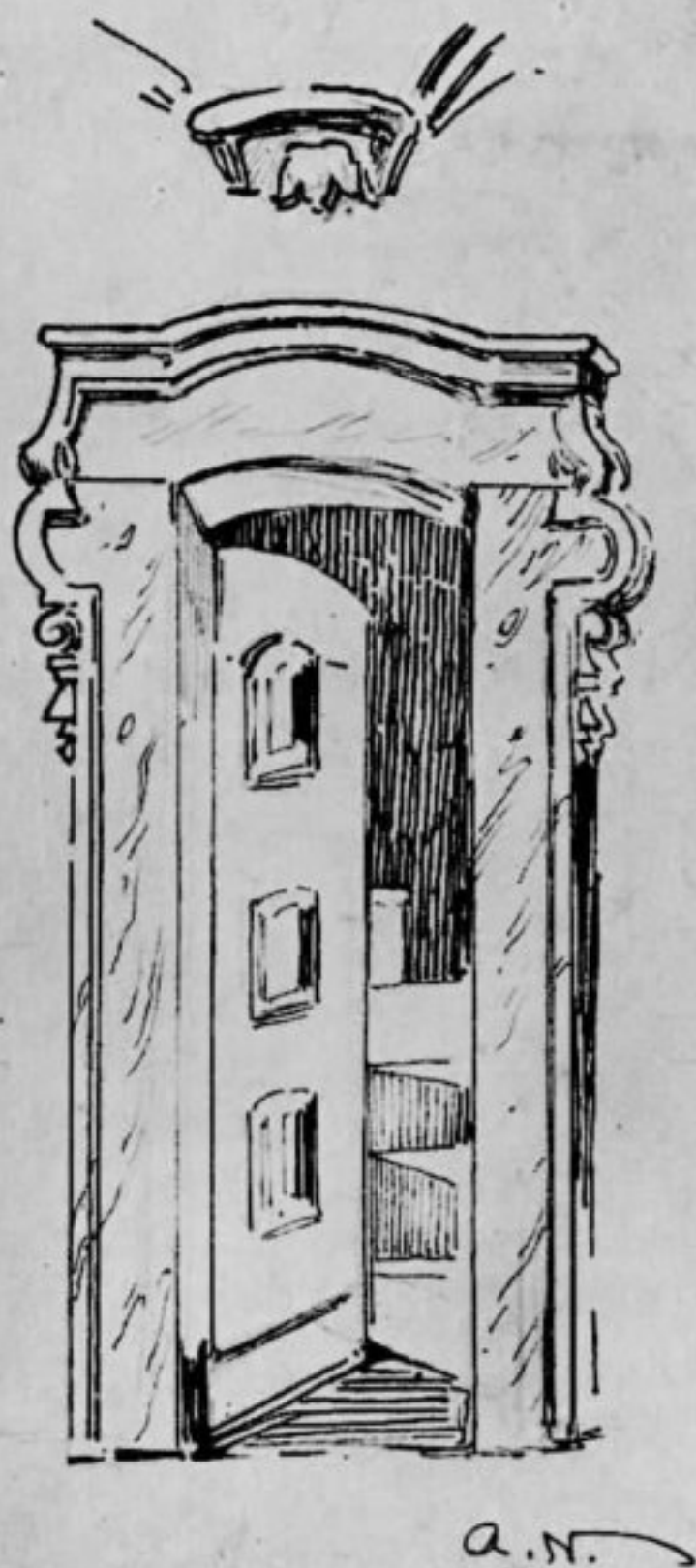
125 — Ponte antiga, S. João d'El-Rei, Minas Gerais.



126 — Ponte da Cadeia. S. João d'El-Rei. Minas Gerais.



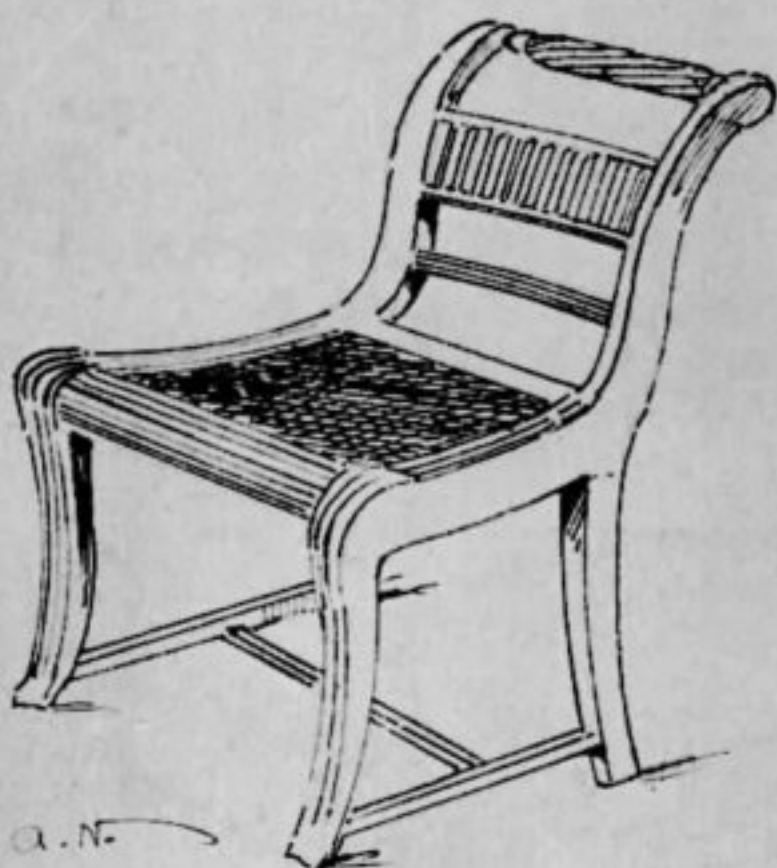
Espelho de fechadura
em Diamantina



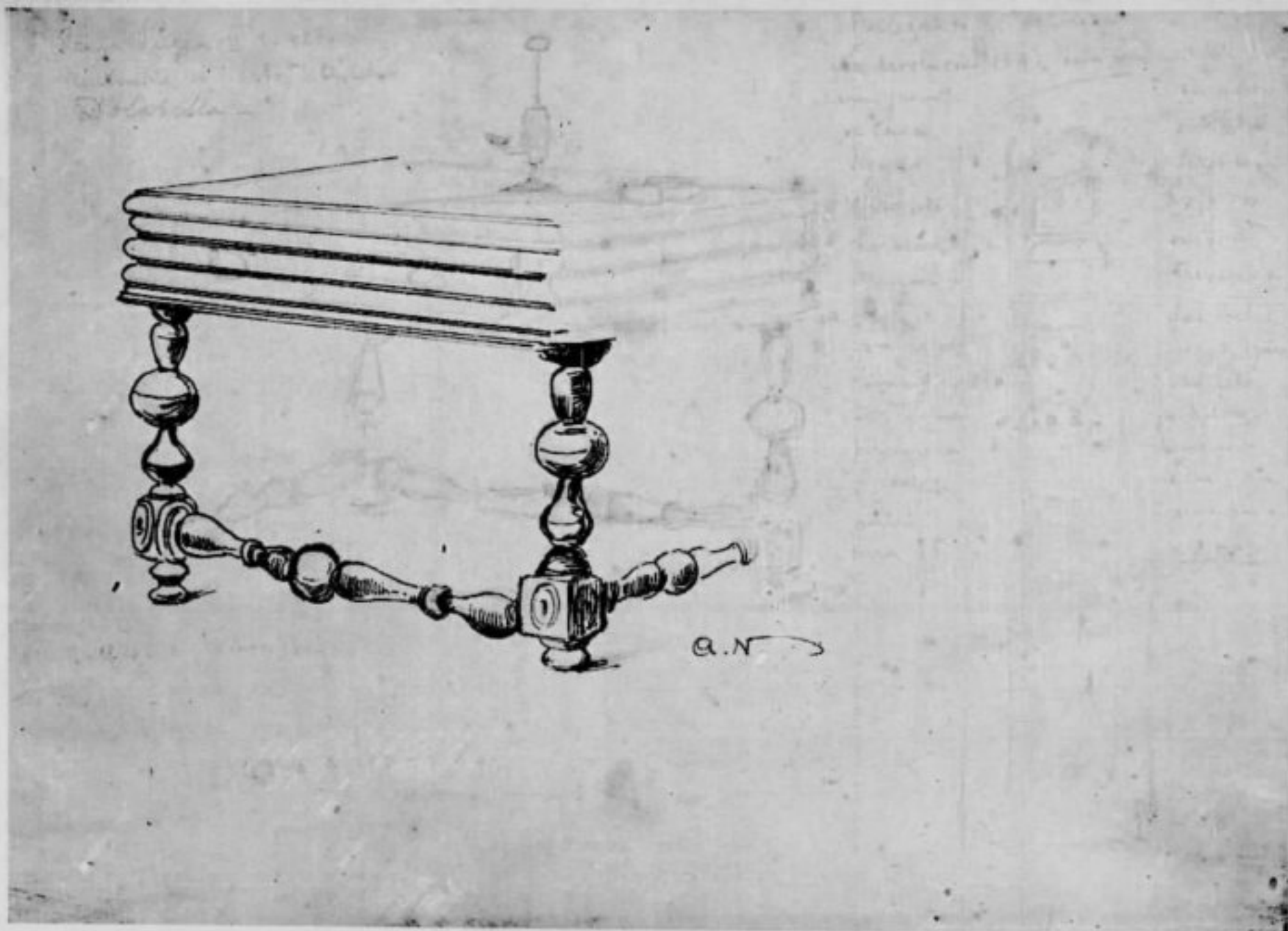


129 — Interior colonial, Sabará. Minas Gerais.

N. 5



130 — Cadeira de jacarandá, Santa Luzia, Minas Gerais.



131 — Mesa colonial, Santa Luzia, Minas Gerais.